

# Branco e Negro



O PALHAÇO, aguarellá de Diogo Silva

PREÇO 50 RÉIS

N.º 92

Esta primorosa edição de PAULO E VIRGINIA, ricamente encadernada, com capa de percaline, impressa a côres e dourada por folhas, constitue o mais

### DELICADO BRINDE

que se pôde offerecer a quem apreciar as obras primas de litteratura.

PREÇO 3\$200 RÉIS

Notavel e esplendido romance de  
BERNARDIN DE SAINT PIERRE

**PAULO E VIRGINIA**

Edição de grande luxo, impressa em optimo papel e ricamente encadernada com capa de percaline a côres.

Magnifica edição profusamente illustrada com primorosas e interessantes gravuras das no texto.

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA,  
Editor. — Rua Augusta, 52 e 54, Lisboa.

JA' ESTA' A' VENDA O

**ALMANACH**

DO

**Branco e Negro**

PARA

**1898**

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 92

LISBOA, 2 DE JANEIRO DE 1898

2.º ANNO



1899

## MALA-DICHA

Nasce um Anno: é branco ou negro?

—Deus o traga alvo de neve!—

—Tanto já ninguém se atreve  
a pedir; e eu já me alegro

Um Anno de prata ou bronze...

Quem já pensa em Anno d'ouro?

um Anno rozado e louro?...

—Que venha .. entre as dez e as onze!

Neste tempo em que se apoda

de—tolo—o que é grande e nobre!...

Temos Anno parvo e pobre.

Um—fúrta-côres—da moda.

THOMAZ RIBEIRO. 9

R. Carneiro

9. Manoel

# O DR. GARCIA MONTEIRO

MEDICO PORTUGUEZ EM BOSTON

AUTO-BIOGRAPHIA (TRECHOS DE CARTAS SUAS)

(Vejê o numero anterior)

Boston, 12 de maio, 87.

Agradeço lhe as palavras de estímulo que me dirige. Não volto costas ao inimigo; effectivamente luto sempre, com a vista posta no meu fim. Sigo em linha recta pelo caminho que tracei para a minha situação futura.

Boston, 16 de maio, 87.

Até aqui, meu amigo, lutei com a miseria, a doença: era simplesmente a luta para não morrer, luta que teria levado á sepultura outro que tivesse um organismo duas vezes mais forte que o meu, mas a quem faltasse a coragem que eu soube conservar a par das minhas amarguras. Agora a batalha em que me involvi é outra, mais violenta talvez, mas em que eu me acho com o espirito aclarado por um vivo raio de esperança. D'antes era questão de resistir á morte que me ameaçava; agora luto por uma posição. E' cedo ainda para eu explicar miudamente a você o meu designio, para lhe desenrolar ante os olhos o meu plano, tão largamente meditado. Resta saber uma coisa, é se eu resistirei a tanto trabalho. Mas não importa. Estou resolvido, se preciso fôr, a morrer no meu posto.

Você comprehende bem que isto não é uma teimosia vaidosa da minha parte. Um homem que, atacado pelas mais duras privações, condemnado pelos medicos a morrer em poucos mezes se não voltasse para o seu paiz; um homem que resistiu ao chamamento assiduo da familia, por vergonha de entrar de novo na sua terra, mais pobre, mais *ninguem* do que quando emigrou; e sobre tudo um homem que tem trabalhado como operario n'um paiz livre, dá prova sufficiente de que lhe repugna a manga de alpaca e que só lhe serve o trabalho independente e livre.

Eis porque eu não tenho querido voltar ao Fayal. Você, quando disse que eu vencesse a nostalgia da patria, ignorava decerto o que venho de dizer-lhe. A minha familia é que se empenhou sempre para eu regressar; porém eu nunca lhe pude fazer essa vontade.

Pensem os meus patricios o que quizerem de mim, resta-me a consciencia do meu valor. Quantos rapazes não vê você por ahi que, tendo ido ao continente para alcançar posição por meio d'um curso superior, por lá estragaram aos paes uma boa somma, voltando depois, mais estroinadas de que tinham ido, para viverem ainda das sopas da familia. Pois bem, o *impersistente* não usa o mesmo systema; elle, se não pôde auxiliar os seus, ao menos poupa-lhes sacrificios. Meu pae e minha avó — aquella velhinha que você viu no cemiterio — puzera n'á minha disposição uns centos de mil reis para ajuda das minhas despesas com o curso de medicina; porém eu, sabendo que a minha gente vive modestamente e ás vezes com difficuldades, recusei o seu offerecimento, muitissimo commovido.

Não ha muitos mezes minha avó mandou ordem a um sujeito residente em Boston para elle me entregar certa quantia, como um auxilio de subsistencia. Escrevi-lhe logo, beijando as mãos de agradecido, e pedindo-lhe que ella empregasse esse dinheiro n'alguma coisa para os meus irmãos.

Por varias vezes — vendo a inutilidade dos meus esforços — estive tentado a sahir d'este paiz para o Brazil; felizmente agora as coisas afiguram se-me melhor e readquiri a esperança de tirar a formatura em medicina. Guarde segredo, que eu nem á minha familia o quiz dizer, receando que o castello venha a desmanchar-se novamente.

Dir-lhe hei como conto realisar o meu plano. D'aqui até setembro, epoca em que abre a academia, temos tempo de conversar a este respeito.

Quando você me falava da luta do dr. Bettencourt... Ah! meu amigo, da propria bocca d'elle fiquei sabendo a vida farta que elle sempre levou. Dizendo-lhe eu que seria capaz de tirar o meu curso com uma certa quantia, elle olhou-me com uma cara abismada e perguntou-me se eu estava resolvido a passar fome! Veja você que differença entre as nossas fortunas.

E note que elle teve a vantagem de ser um homem forte. Eu sou d'uma organização franzina.

Por mim, parece-me que por uns tres annos abandono as letras. Se escrever, será n'um ou outro mez de ferias, e ainda coisa que me renda algum dinheiro no Brazil. Preciso de tirar proveito de todo o tempo.

Você dizendo-lhe eu, que trabalho agora das cinco da manhã até á meia noite, estudando ou lidando com typos — apreciará quanto é forte a amisade que lhe dedico para roubar uma parte do meu tempo precioso em escrever-lhe uma carta tão longa.

Quando nos encontraremos para cavaquearmos demodadamente!

Adeus. Lembranças á sua familia.

Boston, 15 d'outubro de 87.

Escrevo-lhe n'um mau dia, um dia de desgosto e aborrecimento. Mas não ha remedio senão V. partilhar por igual as minhas alegrias e as minhas tristezas.

Esta semana não tive que fazer na imprensa e estou lutando com uma grande necessidade de dinheiro para o meu passadio e despesas do curso. Entrei ha duas semanas n'uma escola medica e, apezar dos grandes desanimos que ás vezes me tomam, tenho esperança de me achar formado dentro em tres annos. A este espaço de tempo tem de ser addicionado o tempo que eu empreguei a ler tratados de medicina, o qual representa bem dois annos.

O meu plano de campanha, como V. o nomeou, é simplicissimo; pelo menos parece-me simplicissimo: reduz-se a estudar activamente e trabalhar de typographo, com não menor actividade, para ganhar o dinheiro sufficiente.

Tenho até aqui trabalhado no *Boston-Herald*, e como o serviço que se dá aos typographos auxiliares não obriga a estar o dia todo na imprensa, é possível sahir nas horas de ir á escola ouvir as conferencias. Mas como o que eu posso fazer fóra d'essas horas é insufficiente para as minhas despesas, trabalho então ao domingo o dia todo.

O peor, porém, agora não é trabalhar tão fortemente; é o serviço escacear. Veja V. esta semana não tive que fazer e d'aqui até dezembro necessito de apurar ainda uma boa somma para inteirar o pagamento das lições e d'outras despesas impreteriveis. Isto é que me desloca um tanto e me tira por vezes a coragem. Supponha V. que eu não faço o dinheiro com que conto para aquellas despesas: o resultado será não poder proseguir no estudo e perder ainda um anno!

Porém d'aqui até ao fim dezembro ainda vae um certo tempo e eu não descreio de vir a alcançar o dinheiro que me falta. Todavia estes sobresaltos prejudicam me muito na applicação do meu espirito. O tempo que me fica para o estudo das lições não é muito e por isso tem de ser bem aproveitado.

E' talvez desnecessario fazer o sciente de que vivo com uma economia estreitissima. Por exemplo, como do modo mais sobrio que a reparação das forças me permite, o que não significa que eu não passe grandes privações. Tudo isto porém não me custa, porque já estou affeito a esta vida, o que me apoquento é querer trabalhar para obter dinheiro e não ter muitos dias em quê.

(Continúa no proximo numero.)

# COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — OS CALCETEIROS, aguarella de Roque Gameiro

# OS PARLAMENTOS DO MUNDO

(VIII)

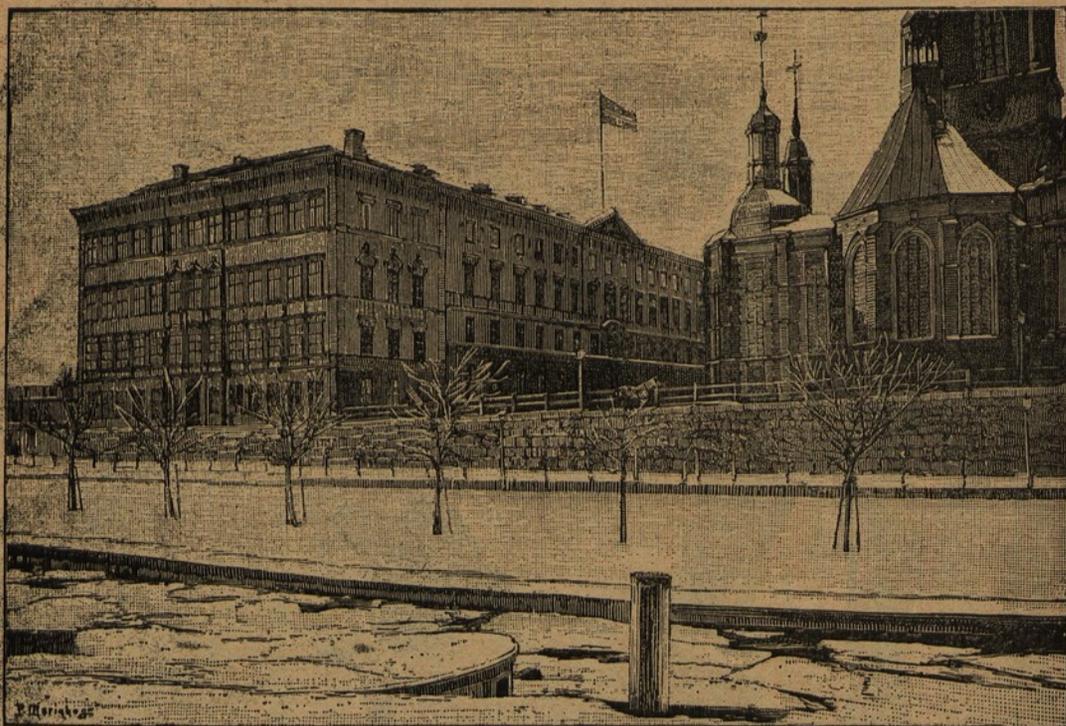
## SUECIA

A forma de governo na Suecia é a monarchia hereditaria com uma Dieta, composta de duas camaras; a *primeira*, eleita pelos concelhos provinciaes e municipaes das grandes cidades; a *segunda* eleita por suffragio de dois graus, pelos eleitores contribuintes. O rei tem direito de *veto* absoluto.

Os membros da primeira nomeiam-se por nove annos; actualmente, contam-se 145, e não recebem nenhuma indemnisação. Esta camara é muito aristocratica.

legislativo com o rei: o consentimento do Senado é necessario para as leis ecclesiasticas; mas só as duas camaras estão auctorizadas a fixar o orçamento.

Dissémos mais acima que os membros da primeira camara eram eleitos pelos concelhos provinciaes e municipaes das cidades de menos de 25:000 almas. Todas as vezes que ha uma vaga ou o rei manda fazer novas eleições, os Conselhos provinciaes ou municipaes reúnem em sessão extraordinaria, e cada um elege um deputado



PALACIO DA DIETA SUECA EM STOCKOLMO

Os membros da segunda elegem-se por tres annos; o seu numero ascende hoje a 222 e recebem tres mil réis diarios como indemnisação. N'essa camara ha muitos camponezes, eleitos pelas aldeias, e não poucos commerciantes, advogados e litteratos, eleitos pelas cidades.

A Dieta (*Riksdag*) reúne-se todos os annos em sessão ordinaria a 15 de janeiro; o rei póde convocar-a em sessão extraordinaria, e em caso de doença, ausencia ou morte do monarcha, convoca-a o Conselho de Estado.

O rei tem tambem o direito de dissolver, ou seja as duas camaras simultaneamente, ou uma d'ellas, durante as sessões ordinarias; podendo supprimir a extraordinaria quando o julgue opportuno.

A abertura da Dieta effectua-se depois do serviço religioso, com um discurso do rei ou de um ministro, em sessão solemne das duas camaras reunidas; e o encerramento é tambem anunciado pelo rei, depois dos officios religiosos. O presidente (*talman*) e o vice presidente (*vice-talman*) são nomeados pelo rei e eleitos por cada camara entre os membros que a compõem.

A Dieta participa do direito da iniciativa e do poder

por cada 30:000 habitantes comprehendidos no seu territorio.

Para se ser elegivel para a primeira camara é preciso ter trinta e cinco annos, justificar que se pagou ao governo nos tres annos transactos uma contribuição de 220.000 réis pelo menos e pertencer á religião lutherana.

Quanto á segunda camara, é eleitor todo o sueco de vinte e cinco annos, domiciliado no districto e com direito a votar nos assumptos geraes. Devem, além d'isso preencher as seguintes condições: 1.ª ter a propriedade ou o usufruto de uma propriedade, avaliado pela contabilidade em 276.000 réis, o menos; 2.ª ter assegurado perpetuamente, ou pelo menos por vinte annos, uma propriedade agricola avaliada em 1.656.000 réis; 3.ª pagar ao estado um imposto, calculado sobre a renda annual, de, pelo menos, 224.000 réis.

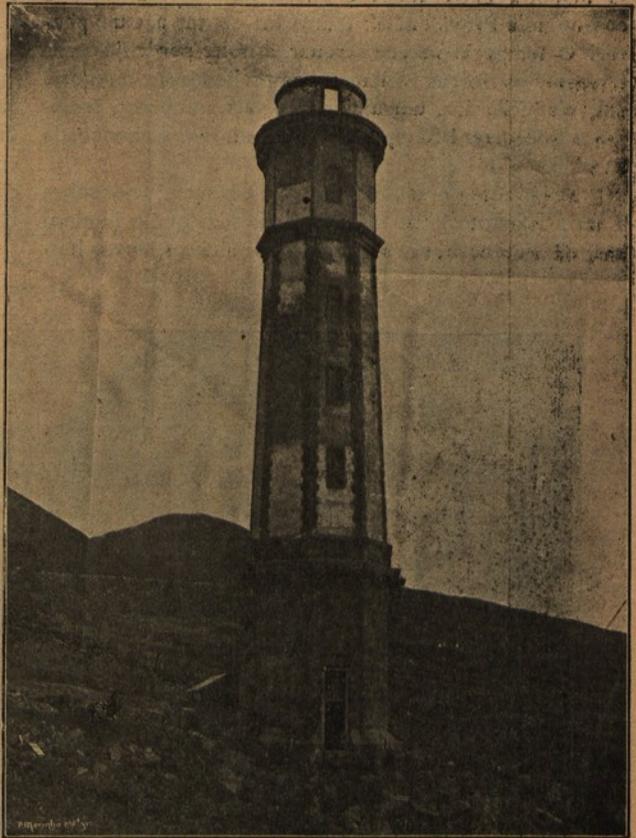
Aquillo que na Suecia se chama *Casa do Parlamento*, e que a nossa gravura representa, é antiga e não chama a attenção sob o ponto de vista decorativo; mas está-se preparando um palacio magnifico para receber os deputados.

# O PHAROL DOS CAPELLINHOS

O mar dos Açores — A necessidade do pharol na ponta oeste do Fayal, que em breve será inaugurado

QUANDO se pugna pela illumination das costas dos Açores, não se trata somente de um melhoramento local que póde trazer consigo um maior desenvolvimento do commercio, maior prosperidade, mais luxo e mais riqueza; trata-se de uma questão de humanidade, de uma questão que se liga directamente, indissolúvelmente, com a vida d'esses rudes e fortes homens do mar, tão corajosos, tão generosos, tão leaes, e por isso mesmo tão sympathicos. Figuras attrahentes que participam um pouco do magico poder que em nós exerce o vasto mar que navegam, e cuja vida de perigos e de ousadias tem tambem os mysterios e as incertezas que o oceano encerra no seu seio.

Por estas noites de inverno que vão correndo, nós, os ilheus, embalados pelas vagas desde que nascemos, ouvimos-as resoar na praia, estrondando como artilheria distante. Ao mesmo tempo o céu é baixo e negro, e sente-se passar no espaço tenebroso o vôo rapido das grossas nuvens, levadas pela tempestade, como mysteriosas, colossaes e phantasticas aves negras, esvoaçando no fundo cathico da noite tormentosa. E os rugidos, as lamentações, as vozes de colera, de dôr, de angustia, emfim todo esse concerto indefinido, indizível, vago e incoherente do mar e do vento, esse concerto monstruoso em que por vezes parece que se escuta a voz soluçante da legião de todas as mães que tem por lá os seus filhos; em que se julga ouvir o chorar lastimoso das creanças; gritos de marinheiros; o estalar dos madeiramentos dos pobres navios em naufragio; roncões, uivos de ferás; tudo isso exerce sobre a nossa imaginação a sua influencia singular de receio, de temor, de admiração,



O PHAROL DOS CAPELLINHOS



FAYAL — Leiteiro

ração, de pequenez — ou de grandeza! porque é ser grande o abalaçarem-se homens a lutar contra essas forças vivas e implacaveis da natureza, dominando-as, vencendo-as quasi sempre. E assim, enquanto o vendaval nos envolve, levando-nos o mesmo ar que respiramos, é para esses homens heroicos que se degladiam lá no alto mar com as furias da tempestade, que vae o nosso espirito, seguindo-os nos perigos, partilhando dos seus terrores, dos seus desalentos, das suas esperanças, dos seus trabalhos de titans, que até não se comprehende bem como resistem elles áquellas luctas! Mas, Grande Deus! — ao menos, dentro em pouco os bravos marinheiros confiam em que algum porto amigo lhes offereça o abrigo carinhoso das suas aguas mansas, e isso lhes dá esperança, os anima, os estimula, redobra os seus esforços; e depois, mais tarde, n'um futuro que lhes sorri côr de rosa por entre as neguras da noite, elles entrevêm o lar quente, a esposa, os filhos, banhados por essa luz serena que illumina docemente os serões das familias dos homens do mar, serões recolhidos e socegados, em que os olhos da joven mãe se erguem por vezes do trabalho e ficam parados, scismando, humedecidos por uma saudade que acorda a lembrança do homem que moireja por lá!... E o pensamento, subtilizado por aquella emoção suave, pergunta a si mesmo: — «Onde estará, elle agora? — O que lhe terá succedido? — Meu Deus, com uma tempestade assim, tende piedade d'elle, de nós, Senhor!»

Com esta ideia d'um porto d'abrigo, o animo renasce no coração das equipagens, consola-as, fortalece-as.

Mas quem alguma vez navegou e foi colhido por uma tempestade em noites tenebrosas, sabe que ha uma cousa bem dita entre todas e que é para os marinheiros como que a Providencia : é uma luz em terra, é um pharol ! O temporal parece serenar, a noite perde dos seus terrores, as forças voltam : comprehende-se que está alli, n'aquella luz, um amigo que véla, um braço prompto a socorrer ! Sempre é a luz, a eterna, a abençoada Luz !

E assim como o sol, erguendo-se e lançando por sobre a terra o manto louro e quente das suas ondas luminosas, dá vida nova, nova força, novos alentos, novas har-

arrojados á praia ! . . . A lista dos naufragios, n'estas condições, seria longa a fazer.

\* \* \*

Emfim, algum dia o governo havia de dar ouvidos ás instancias, aos rogos d'esta pobre gente. Chegou a occasião para alguns. Além do pharol da Ponta da Madrugada em S. Miguel, unico por enquanto que brilha em todo o desenvolvimento de costa das nove ilhas, está em acabamento o dos Capellinhos, na Ponta oeste d'esta ilha, e em via de construcção outro nas Flores.

A torre do pharol d'esta ilha, de que envio uma pho-



FAYAL — RUA DO MERCADO

monias a tudo o que vive, sente e canta n'este mundo ; assim tambem um pharol entrevisto durante as sombrias tormentas, traz consigo um raiar de esperanças.

Isto todavia, só muito tarde foi comprehendido com relação aos Açores, e durante longos annos, no meio do Oceano, a mais de mil milhas de distancia de qualquer continente, sós, isolados n'este deserto tenebroso do Atlantico, açoitados pelas grandes vagas do largo, temerosas e indomaveis na sua liberdade primitiva e na sua colera ingente, estas nove ilhas, onde se encontram os mais apraziveis pontos de repouso para os pobres marinheiros exhaustos das longas viagens e das luctas com os elementos, tem permanecido immersas na mais completa escuridão, sem que nas suas costas inhospitas brilhasse uma só luz, um só pharol ! Por isso, quantos naufragios, quantos grandes dramas aqui passados, tendo por unicas testemunhas esses rochedos convulsionados, inacessiveis, e a medonha noite tempestuosa ! Quantos gritos de desespero, quantas lagrimas, quantas blasphemias, quantas maldições, durante essas scenas que nos são attestadas mais tarde pelos destroços e os cadaveres

tographia do meu amigo Laranjo, está concluida e prompta a receber a lanterna e a construcção dos annexos. Mede 30 metros d'altura sobre o solo, e 90 acima do nivel do mar.

Louvores sejam dados a todos que contribuíram para a satisfação d'esta necessidade. Os bons marinheiros a a quem o novo pharol aproveitar, de certo se lembrarão d'elles, reconhecidos do coração.

Fayal, dez. 97.

FLORENCIO TERRA.

\* \* \*

A proposito da formosa ilha capital do districto occidental, damos hoje mais tres estampas d'entre outras que apparecerão opportunamente, todas sobre *motivos* fayalenses.

A Rua do Mercado, por onde vae em caminho uma partida de gado vaccum ; o leiteiro trazendo a sua mercadoria em pequenos canecos de madeira, tapados com

um rolhão de fetos aromaticos; e a mulher vestida de capote e capello, (como lá se diz). O capello é a mais hedionda cobertura da cabeça que se podia inventar. Vem dos tempos em que a mulher não mostrava o rosto, tempos de que J. de Castilho, diz: «Cada casa era mais um mosteiro burguez do que um ninho de cidadãos; figuravam todas ellas ter gelo.ias e biôcos de panno azul, como as mulheres do povo. Viviam as senhoras afastadas dos homens, nos seus gynecus ainda quinhentistas, como (algumas gerações atraz) tinham vivido por cá nos seus palacios da Moiraria ou de S. Vicente. A aristocracia vincular formava classe e rancho á parte, onde só os eleitos eram admittidos. A falta de theatros, ou passeios publicos, impedia toda a sociabilidade, e portanto era tudo a vida de familia». O capello usado meio aberto põe o rosto na penumbra, dando-lhe um tom suave e delicioso; em rigor e entre as senhoras que se apuram no traje, o capello não é posto como se vê na estampa, mas sim todo aprumado, e assente nos hombros, por meio de barbas de baleia, abrindo se muito ou pouco como a dona quer.

Bulhão Pato refere se chistosamente a esta ratice nos seguintes termos: «Não sei a que possa comparar-te o capuz, a não ser a um caixão aberto em baixo, e n'uma das extremidades. Isto prega se sobre o capote; a cabeça fica dentro do bahu (bahu parece-me melhor) e, quando chegamos a descobrir a testa e os olhos d'alguma cara sympathica, no fundo d'aquelle mausoleu, já nos devemos dar por felizes. Nota que as bonitas são as que mais se escondem, — ó pasmosa modestia! — ao passo que as feias deixam descahir o ataúde de baetão (francamente não sei que nome lhe dê), mostrando com evangelica humildade o semblante repellente.



FAYAL — MULHER DE CAPOTE E CAPELLO

Por um lado o capuz impossivel, por outro as janellas cerradas, cerradas, como em rigoroso convento de carmelitas — resultado d'isto: sequestro completo da gente feminina aos olhos peccadores do homem».

## A QUEIMADA

Meu pobre perdigueiro! Vem commigo,  
Vamos a sós, meu corajoso amigo,  
Pelos ermos vagar?  
Vamos lá dos geraes que o vento açoita  
Dos verdes capinaes n'agreste moita  
A perdiz levantar!...

Mas não! Pousa a cabeça em meus joelhos...  
Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos  
O céu se illuminou.  
Eis subito, da barra do occidente,  
Doido, rubro, veloz, incandescente,  
O incendio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...  
As azas foscas o gavião recurva,  
Espantado a gritar.  
O estampido estupendo das queimadas  
Se enrola de quebradas em quebradas  
Galopando no ar.

Então passa-se allí um drama augusto...  
No ultimo ramo do páu d'arco adusto  
O jaguar se abrigou...  
Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares  
E após tombam as selvas seculares  
E tudo se acabou!...

E a chamma lavra qual giboia informe,  
Que, no espaço vibrando a cauda enorme  
Ferra os dentes no chão...  
Nas rubras roscas estorcega as mattas...  
Que espadanam o sangue das cascatas  
Do roto coração!...

O incendio — leão ruivo, ensanguentado,  
A juba, a crina atira desgrenhaço  
Aos pampeiros dos céus!...  
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...  
Queimado, retorcendo na hecatomba  
Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!  
A hirara pula; o cascavel chocalha...  
Raiva, espuma o tapir.  
E ás vezes sobre o cume de um rochedo  
A corça e o tigre — naufragos do medo —  
Vão tremulos se unir!



# A SERVENTIA

**O** Cosme interrompeu a ceia. Malga ao lado, sobre a mesa, olhos muito abertos, punho cerrado no ar, berrou:

— A'quelle damnado! se o torno a topar a fazer serventia pelo que é meu, mando-lhe um calhaú que o viro! Isso é que eu mando!

A mulher, a Anna, accorçada deante do lume, fritando o peixe, voltou-se. Molles de contristamento e fadiga as faces d'ella deante das do marido retessas pelo desespero, dominadas pelo olhar irascivel e mau, chocavam tragicamente sob a luz indecisa da candeia. Ponderava ella:

— Mas agora sempre queria que tu me disesses que mal faz elle em pizar-te uma nega de chá e p'ra mais á beira do vallado? Inda se fosse pela fazenda fóra! mas alli' olha que até chega a parecer teimosia.

E o homem nuns berreiros maiores:

— Aquí não há teimosias, comp'rendes? O chá é meu ou d'elle! E olha lá! Fazes favor de não vires cá azoinar me, quando não vae aqui tudo pelos ares! Não sei se percebes... Emurrava na banca, fazendo tremar a malga. Rangia os dentes.

Os rapazelhos, o Manoel mais o Joaquim, tranzidos de medo, sentados no escuro, achegavam-se muito um para o outro, sem se atreverem a levantar os olhos para o pae.

O Cosme rompera em juras de dar cabo do outro, na primeira que o topasse servindo-se-lhe da fazenda. Jurava pelos paes mortos.

A Anna, para que os pequenos não continuassem a ouvir, como tinham acabado a ceia, mandou-os deitar.

— Sua benção, pae — pediram juntos.

E elle moita. Fivava os olhos no lume a crepitlar. Amparada a cabeça nas mãos, fncados os cotovellos nos joelhos, ensurdecera a todo o ruído em volta.

Quedaram-se os dois perto d'elle, como progados ás taboas, não sabendo o que haviam de fazer.

Veu a Anna em auxilio.

— Olha que os pequenos estão-te a pedir a benção.

E elle moita.

Deixaram-no. Subiram para o sobrado, muito callados, fazendo soffrira a bulha dos passos. A mãe ia adiante com a luz. Em cima, depois da candeia dependurada e da cama aberta, foi ajoelhar-se deante do retabulo. Os rapazes despiam-se. Escovavam os corpos d'elles castigados pelos frios do inverno. Já na dormida, roupas arrepanhadas para a bocca e Jozequin, o mais novo, perguntou batendo o queixo:

— O' mãe! E se o pae mallo e tá se pegando ao baralho?

— Deixa que não pegasse. Hezeste vesado.

Respondeva a mãe do canil. Como o quanto era largo e alto os cantos da casa, as trevas, servias que tremiam com os brusqueiros da luz. E fecharam os olhos para as não verem.

— Sua benção, mãe.

Ella ergueu-se. Agiteou a cama, beijou-os...

— Deus os tenha na sua guarda... foi tomar do prego a candeia, circundou os olhos pelo quarto e sahiu.

Os rapazelhos ouviram-na descer as escadas, mansinho. Quando ella abriu a porta da cosinha fóram-lhe lá acima os regongos exasperados do pae.

E nem animo tiveram para abrir os olhos e dizer palavra até que o somno chegou.

— Mando-lhe um calhaú que o viro! Tão certo!  
Queixava-se d'elle, do mal que lhe fizera quando das partilhas. Não contente com ter ficado com o pedaço melhor, inda por cima se apossava do que lhe não pertencia. E allegrava em seu abono que sempre fóra por'li a serventia para a fazenda, desde velhos tempos.

— Mas é que eu não consinto.

O dono agora era elle e com elle é que tinha que haver-se. — Diab'alma que nem uma sêde de agua é capaz de dar a um pedinte! Todos os annos abarrotá de novidades e vejiam-se de senhor de repartir quanto mais não seja as folhas d'uma couve aos parentes que não se tem!

E ao Cosme o que mais o atormentava era que sendo o irmão assim forreta e mau figado, luzia-lhe o casal mais e mais de anno para anno.

— Parece que anda ás boas com o demonio, aquelle animal! Voltára ás partilhas. A mulher agora fazia côro. Esse negocio achava ella que tinha sido mal feito, por que emfim o outro era só, não tinha filhos com quem repartir o pão. Devia, portanto, ter sido menos ganancioso. Mas que podiam elles!

Não tinha o cunhado a justiça pela sua banda?

— Em que lhe prestei! que justiça hei de lhe em fazer pelas minhas mãos e amanhã já, se calhar. Prante-me elle os pés na fazenda... prante!...

— Sim, sim, homem, tu falas bem... Depois temos baralho, vêem os da segurança...

— Que venham! Enquanto eu tiver vida não me deitam abaixo!...

A Anna calou-se. O dizer do homem, resoluta e teimoso, fazia-a pensar na sua desgraça. Via-os batendo-se. Presso o marido. D'ahi, morto talvez. Lembrava-lhe um caso presenciado quando rapariga, caso semelhante aquelle, por causa de umas aguas cortadas. Um d'elles havia ficado no campo, sem vida. O outro fóra d'alli para a cadeia, depois para o degredo.

Escandia as lagrimas ao Cosme. Elle endireitára ao quarto. E ella levou toda a noite acordada, ouvindo o resonar alto dos pequenos em cima, o somno calmo d'elle, a seu lado.

Quando a manhã apenas luzia levantaram-se. O homem depois de temer o bicho, foi á adega que tinha porta para a cosinha, buscar a roçadeira. E posto o barrete, sem dar palavra, sahio para a fazenda. A mulher logo que o viu fóra de casa foi onde ao cunhado.

Como lhe pareceo longo o caminho! Tinha ganas de correr; mas reciosas de que elle notasse a atribuição a alguém encontrado, emperrava o caminhar.

Encontrou o cunhado á porta, encostado á hombraira, a fumar.

Quando deu por ella, na quebra da esquina, o homem resmonou para consigo que a manhã não lhe corria bem.

Entanto ella chegára. Nervosa, voz a tremer, sem mesmo dar "Deus o salve, começou dizendo ao que vinha.

— O' mano! é pelas cinco chagas que eu lhe peço. Não vá hoje á fazenda, não vá! A' gana que elle lhe tem...

E o outro:

— Eu nunca tive medo de valentões, cunhada! Elle encontra homem.

— Mas o mano podia perfectamente evitar questões. Amanhã talvez a elle lhe passe aquella ideia. Peço-lhe pelos seus sobrinhos...

— Não me venha pedir por ninguém, que isso cá p'ra mim não serve. Elle sabe que se eu passo por lá é por que tenho direito a passar. Se não quer viesse ter commigo e dissesse-o. Agora prantar-se com valentias, então corre o caso de outra maneira e commigo é que tem de haver-se. Doa a quem doer!

E muito bruto fez meia volta para dentro, deixando a cunhada na rua.

A Anna viu que por mais insistência não conseguiria demover-o. Abriam-se os portões vizinhos a ella gente. Veiu-lhe o receio de inda agora, receio de ser notada, e caminhou para casa.

Tocavam no sino da igreja as badaladas para a missa das almas. Caminhava ella rogando ás suas almas partidas para que aquella birra do marido não viesse a dar desgosto. Chovavam os filhos em casa apercibendo-se sósinhos.

Na fazenda ao Cosme nada havia que o prendesse. Trabalhava por si só a sementeira. Era trigo que n'ella crescia, verde trigo da altura de palmo, de boa apparencia, bellas promessas. Andou por ella, de extrema a extrema, pela beira do vallado alto, encançado. Depois, tomando a regueira que demarcava na entença com a do irmão, onde os milhos iam bem creados, e para onde mandava envenenosos olhares de inveja, seguiu até ao ribeiro, no cabo das terras. Bandos negros de perdizes levantavam voo, correndo passos. Da aldeia os rumores da vida recomposta chegavam claros, por aquella estrada de terra e de pedras, e até ao barrido do vento.

De toda a scena da noite passada sômente a jura feita o atormentava, a dar-lhe animo, a fazer-lhe delinear o seu plano de ataque, logo que o visse subir os degraus fôcos, cortados no vallado que era seu.

Ora o irmão, quando voltára costas á Anna, exasperado pelo peditorio de misericordia, vindo a tornar mais claros certos ditos que lhe haviam feito conhecer na taberna uma noite, no tocante á birra do Cosme, levava sua decisão feita. Se ella tivesse tardado pouco tempo mais, junto do portal da casa, sol-o-his visto sair, jaleca ao hombro, mãos nos bolsos. E vindo para onde elle encaminhara os passos, logo teria percebido o que se iria passar. E talvez alguma coisa pudesse ter estorvado pela sua presença.

Que o cunhado, conhecedor do genio do irmão, casmurro e seijeito a perder todo um dia no mesmo sitio, caso de pensar que por 'li havia de fazer carreira quem procurasse, futurára que elle havia de estar para a fazenda, a esperal-o.

E dissera resoluta, tomando a jaleca:

— O que tem que se fazer, faça-se, antes ao cedo que ao tarde...

O Cosme viu o irmão subir os degraus terros cortados no vallado. Deixou-o caminhar pelo caminho, no passo lento em que elle ia. Quando o teve ao alcanço, mandou-lhe um torção, lá de baixo.

E o outro, fazendo de surprehendido:

— Eh' lé!

Depois olhando o logar d'onde a provocação viera, a fingir que se inteirava de quem fóra o da brincadeira.

— Eh' irmão! Eras tu, homem! Que raio de maneira é essa de exototar a par-dalada? Olha que por mais um pouco alcançavas cá a pessoa.

— Pois para você é que elle ia. Se lá não chegou, hado chegar isto.

E despediu a roçadeira ganamente.

O irmão livrou-se d'ella, atentando nas voltas que o cabo dava no ar. Ironico voltou:

— Já vejo que não tens boa pontaria. O melhor que tens a fazer é deixares-te d'isso e irs para casa. Vae almoçar, homem, vae almoçar.

Ambos parados, defrontando-se, tinham o trigo verde a separal-os.

— Você não tem nada que mandar. Ponha-se lá fóra que este chifó não é seu.

E como elle se quedava, obstinado.

— Ponha-se lá fóra. Você não ouviu?

— Isso é que talvez não ponha. Nunca tive medo de gente que abre os olhos para mim.

— Mas é que talvez tenha.

Procurava o Cosme caminho por onde pudesse ir encontrar o irmão sem prejuizo da sementeira.

— Não te causes, homem! Não vale a pena procurar. Eu lá vou.

Metten pelo trigal.

Tomára-lhe o exemplo.

Quando se encontraram o embate dos dois corpos exasperados e rijos de musculaturas fizeram esborões no chão secco. Agarrados pelos troncos confundiam os rangeres dos dentes. Golfavam-lhes dos peitos herculeos fundos monocyllabos de animo. Cada um por sua banda forcejava a queda do outro. Percebiam e impossibilitados de vencerem-se n'aquelle luctar. Largaram-se. E logo puchados socos sibilantes, atirados ás caras abriam, apenas cahidos, bréchas d'onde o sangue espirrava, tingindo de vermelho as vestimentas, as mãos, os tostados braços nús. Tinham gritos selvagens quando feridos. As quebradas hastes verdes do trigo escorriam gotas vermelhas sobre o chão pisado que prompto as embibia. A devastação alastrava-se no campo em volta. O Cosme des tento d'ella, quando para livrar-se de um murre vindo-lhe á cara, baixou a cabeça e levou o olhar ao solo. E então ferido por elle, mais ferido ainda pelo que apercbeira envenoadamento, punho cerrado, energicamente cerrado, impulso auxiliado pelo corpo, mandou ao irmão punhada firme, de boa postaria, que batendo-lhe na fonte o fez cahir sobre o trigal, inerte de sentença.

Irado e cego, quando o viu cahido, espesinheou-o na cara ensanguentada com os sapateros ferrados.

Tinhs cumprido a jura.

Apparecia o sol no nascente. Ruborisavam-se fegeiros algódoes pelo céu azul. Vozes roucas, do amanhecer, nas faesças por'li espalhadas, vinham onde a elle de misture com o gorgear das aves pelas ribeiras.

EDUARDO PEREZ.



# Janeiro



— Mãe, o lume está apagado.

A mãe olhou em volta, com um olhar desvairado. A' luz do luar que entrava pelas frestas da porta, viu os tres pequenos a um canto, junto da lareira de cinzas apagadas.

Bateram á porta.

— Entre! disse ella.

E o Frio entrou. Tinha umas grandes barbas escorregadias, feitas dos limos dos rios, e os cabellos eram flocos de neve, mais brancos que o luar. Luzia-lhe nos labios roxos um sorriso contrahido, feito de todos os terrores que a sua passagem tinha semeiado. Batera já a muitas portas, e tinha entrado em muitas casas. E o luar viu n'essa noite muitos horrores e muitos corpos marmorisados.

O Frio chamou um dos pequenos e achegou-o ao seio. E a creança ficou immovel.

A mãe olhava em roda, com um olhar de louca.

\*

— Mãe, já não ha pão no armario.

Os dois pequenos soluçaram. E o murmurio dos soluços cahiu no silencio, como agua gelada na pedra branca de um tanque.

O Frio acalentava o pequenito, cantando-lhe a ballada das nortadas cortantes.

Bateram á porta.

— Entre! disse a mãe.

E a Fome entrou. Era macilenta e livida, como a luz dos cirios na treva das egrejas. Puxou um banco de pau e sentou-se junto das creanças, que soluçavam baixinho.

Uma d'ellas poisou-lhe a cabeça no regaço, enquanto a outra se lhe encostava ao braço descarnado

E ficaram immoveis.

A mãe tinha no olhar uma fixidez gelada.

Pela estrada, o luar escorria como uma toalha d'agua.

\*

Subito, um clarão inundou toda a casa. Fóra sentiam-se risos.

Bateram á porta.

— Entre! disse a mãe.

E a Caridade entrou. Trazia a capa de misericórdia a que se acolhem todos os desgraçados, e os braços vergavam-lhe ao pezo de tudo o que faz fugir o Frio e a Fome.

E o Frio fundiu se ao calor da Caridade, a Fome sumiu-se como uma visão de horror.

As creancinhas adormeceram nos braços da Caridade, com os labios illuminados por um sorriso de celeste alegria.

E a mãe, cahindo de joelhos, elevou para Deus o seu coração cheio de agradecimento.

BOB.

## VITA. MORS. IMMORTALITAS

(A Ramiro dos Santos)

A vida é o mar immenso da ambição  
Onde tudo se quer e não se alcança,  
Apesar d'emballada pela esp'rança  
Que nunca váe além da illusão.

A ventura que o homem quer em vão  
E em que achal a debalde a vida cança,  
N'este mundo recúa e nunca avança,  
Tudo fica na vaga aspiração.

Abatido, prostrado p'la amargura,  
Cahé assim n'uma horrivel apathia  
Pois não crê que haverá vida futura;

O bem não é, oh triste! uma utopia,  
Na morte deposita fé segura  
Que a ventura começa na agonia!

JAYME TUDELLA DE CASTRO.

## A' MEMORIA ADORADA DE MINHA MÃE

Ha quatro annos — fal-os hoje — ó Santa,  
que, junto a mim, te vi cahir sem vida...  
Ai! como a tua imagem se levanta  
ante minh'alma triste e dolorida!

Quanta saudade! Quanta magua! Quanta  
lagrima pelo teu amor vertida:  
amor onde a esperança e o sonho canta...  
— Sonho sem luz, esp'rança já perdida! —

Por noites longas, silenciosas, tristes,  
fito os olhos no céu, aonde existes,  
para chamar-te: — mas em vão... em vão!

Pelos desertos amplos do infinito  
rola perdido o echo de meu grito  
até voltar de novo ao coração!

26 de Dezembro de 1897.

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

# Um folhetim de Guerra Junqueiro, em 1875

## O PASSEIO PUBLICO

São onze horas da noite. Lisboa, cidade de marmore e de empregados publicos, dorme. O Passeio está exactamente um deserto — sem oasis. Entremos. Ouve-se um borborinho confuso de vozes mysteriosas. E' a natureza que fala. Escutemos.

### O CHARCO DA ENTRADA

Como eu estou doente, senhor! A minha agua tornou-se mais podre do que a lepra, e mais verde do que os olhos romanticos das virgens de Ossian.

Devoram-me lentamente os espiritos malignos, os espiritos das febres, e n'este deserto em que me vejo não passa um unico camello, não passa ninguem, a quem eu dê a frescura das minhas aguas e a metade das minhas sezões.

Ai! meus amigos, meus dignissimos vereadores, não me deixeis morrer ao desamparo! Tomae-me o pulso; vêde como eu soffro! A minha frente escalda... Eu morro! Oh! pelo amor de Deus, depressa! mandem-me dar sulfato de quinino!

Ah! como eu te invejo a ti, ó fonte crystallina e murmurante, ó fonte da encosta, aonde vão beber, nas tardes calmosissimas do estio, os rebanhos bucolicos e a musa do sr. A...<sup>1</sup>

\*

### NOS CHARCOS LATERAES — O TEJO E O DOURO

*O Douro* (com uma voz de moribundo) — Ó Tejo! Tejo! (silencio) Pois tu já não corres, meu irmão?! Dás-me um copinho de agua, dás, querido? Da tua bilha vejo sahir ainda á luz do luar, um fiosinho, branco como uma corda de guitarra. Oh, meu amigo, salva-me, não sejas ingrato. Reparte comigo o meio decilitro da tua torrente caudalosa.

*O Tejo*: — Que queres que eu te faça, desgraçado?! Illudiste-te. O fiosinho branco que, á luz do luar, tu vês sahir da minha bilha, não é de agua, meu irmão, é d'uma aranha.

*O Douro*: — Nas minhas barbas venerandas, antigamente cheias de limos humidos e frescos, hoje vivem unicamente, sabes quem, meu filho? os caracoés.

*O Tejo*: — Tenho aqui no dorso uma lagartixa, que me incommoda horrivelmente.

*O Douro*:

O' chuva, engano que em agosto morre,  
O' chuva, ó chuva, que cruel tu és!  
Da minha bilha nem um fio escorre,  
E ha já tres annos que não lavo os pés.

N'UM CANTEIRAL

### *Um cravo de defunctos*

Vae alta a lua; na mansão da morte  
Já meia noite com vagar soou...

### *Uma dalia amarella*

(vieille fille, cheia de ictericia)

Ah! muito bonito é isso!

### *Um amor perfeito*

Dorme, que eu velo, seductora imagem,  
Grata miragem que no ermo vi...

### *Um cravo vermelho*

Cala-te pelo amor de Deus.

### *Uma ortiga jacobina*

Eu quero ver cahir a frente dos monarchas,  
E rolar pelo chão os thronos carcomidos!  
Eu quero... etc.

<sup>1</sup> Um poeta lyrico d'então.

### NA CASCATA, OS CISNES

1.º cisne: — Tens visto o nosso irmão B...<sup>2</sup> e o nosso irmão C...<sup>3</sup>, e o nosso irmão D...<sup>4</sup>, e o nosso irmão E...<sup>5</sup> e o nosso irmão...

2.º cisne: — Não continues, porque era um nunca acabar. Em Portugal ha tantos cisnes quantos os rios, quantos os ribeiros, quantos os riachos, quantos os arroyos, quantos os tanques, quantos os... quantas as...

1.º cisne: — Ai! como nós devemos agradecer ao escultor e ao bom Deus por nos terem feito de marmore! Lembrarmo-nos nós, que se fossemos de carne e osso, podiamos ter escripto a V...<sup>6</sup>

2.º cisne: — E as X...<sup>7</sup>

1.º cisne: — É o Y...!<sup>8</sup> e os Z...!<sup>9</sup> e tudo o mais que o nosso irmão B... escreveu, escreve ou ha de escrever!

### *A cascata*

O' chuva, acode-me!  
O' nuvem, abre-te!  
O' tempestade, inunda me!  
O' banho, salva-me!  
O' poço do Borratem, chega-te!  
O' companhia das aguas, vae para o diabo que te leve!

\*

### NO RESTAURANTE

*O vinho*: — Eu sou falso como Judas, vermelho como o campeche e espirituoso como o sr. F...<sup>10</sup> e a aguardente de figo. Vejo-me mergulhado na escuridão profunda das garrafas, e não ha um saccarolhas philanthropico que me abra a porta do meu carcere!

*A cerveja*: — Que calor! Ai, se eu pudesse arrebeutar meu Deus! Impossivel! Faltam me as forças e o lupulo. Dizem que nasci em Londres e que meu pae é o sr. Bass. Ai! é uma calumnia.

Sou filha das tristes hervas,  
Neta da agua corrente.

*O café*: — Ninguem me bebe, ninguem me quer. Oh! que saudades eu tenho d'aquelle tempo felicissimo em que eu estava pendurado nos carvalhos e que me chamavam bolota. Agora, como sou café, desprezam-me. Se eu ainda tivesse a minha fórma primitiva, o dono do restaurante faria com certeza bem melhor negocio!...

### *O licor de rosa*

Que noite de encanto,  
Que lucido manto,  
Que noite! amo tanto  
Seu lindo fulgor!

### *A geropiga*

Oh! vem ó donzella,  
Não temas, ó bella,  
Que á noite só vela  
Quem sonha d'amor.

### *O vinho, a cerveja, o café, e os licores*

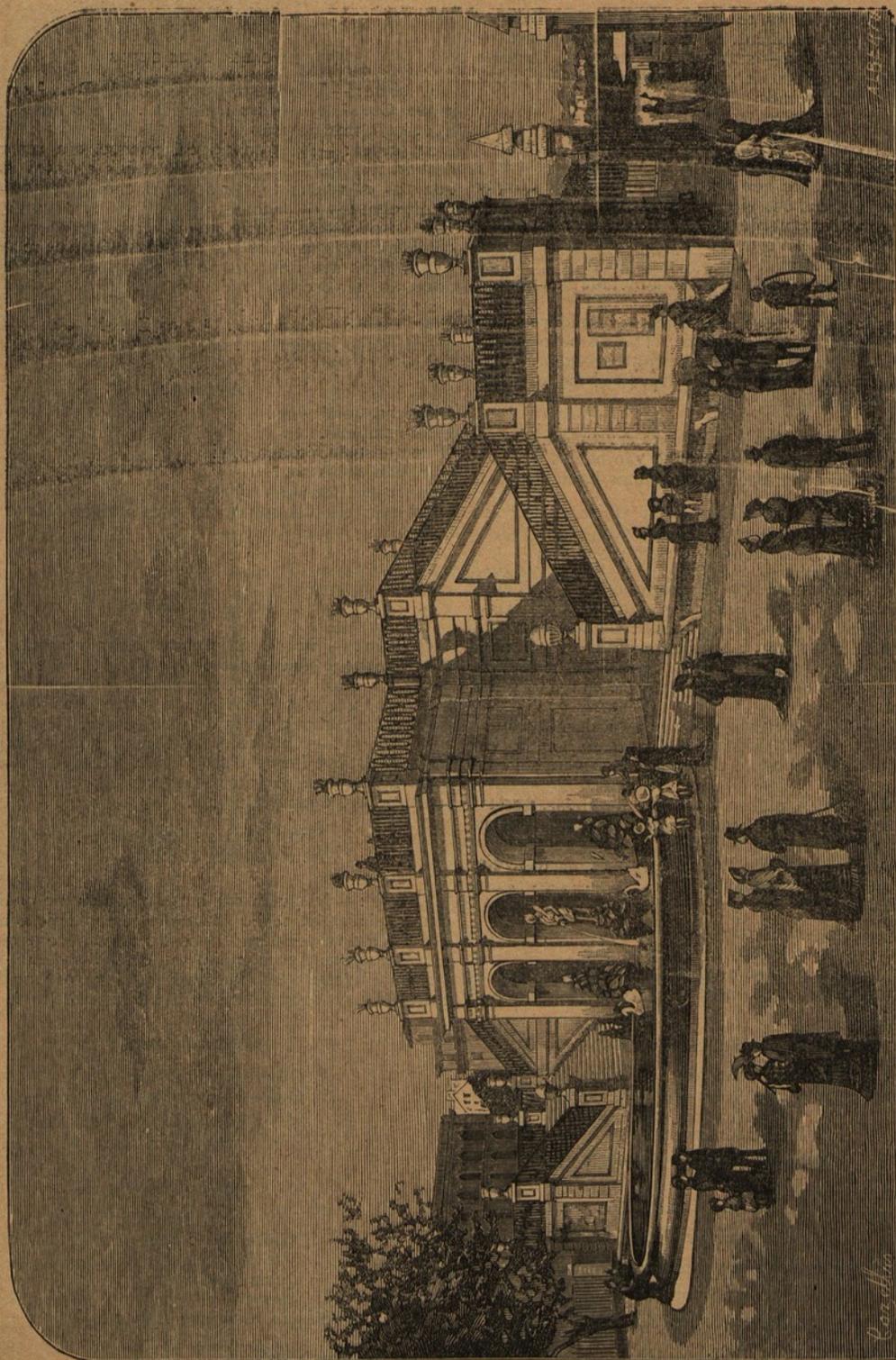
O' Socrates, engole-nos!  
O' Jacques Rolla, bebe nos!  
O' Alexandre Borgia, compra-nos!  
O' Mithridates, resuscita, e toma lá um copinho.

<sup>2, 3, 4 e 5</sup> poetisas do tempo.  
<sup>6, 7, 8 e 9</sup> livros d'estas poetisas.  
<sup>10</sup> um folhetimista critico-theatral.

*As arvores:* — As tesouras municipaes cortaram-nos os ramos á escovinha, deixaram-nos pelladas e nuas, ligeiramente mais nuas do que os primeiros paes dos srs. vereadores — antes do peccado. — Ao menos elles tinham ainda uma folha!

vá fazer o ninho nos teus ramos, se queres que desabrochem as petalasinhas brancas das tuas flores aromaticas, n'esse caso, ó tilia, dá cá o meio tostão da entrada.

*Outro rouxinol de fóra do passeio:* — Nós somos pobres como Job. Não podemos lá ir. Mas, se desejares um ninho de rouxinol para os teus ramos, dize ao sr. G...<sup>11</sup>



A PROPOSITO DO FOLHETIM DE GUERRA: JUNQUEIRO — O antigo Passeio Publico de Lisboa.

*Uma tilia:* — O' trovadores da noite, ó rouxinoes, vinde fazer o ninho no meu seio! Os vossos cantos luminosos e tristes fazem desabrochar as petalasinhas brancas das minhas flores medicinaes.

*Um rouxinol de fóra do passeio:* — Se queres que eu

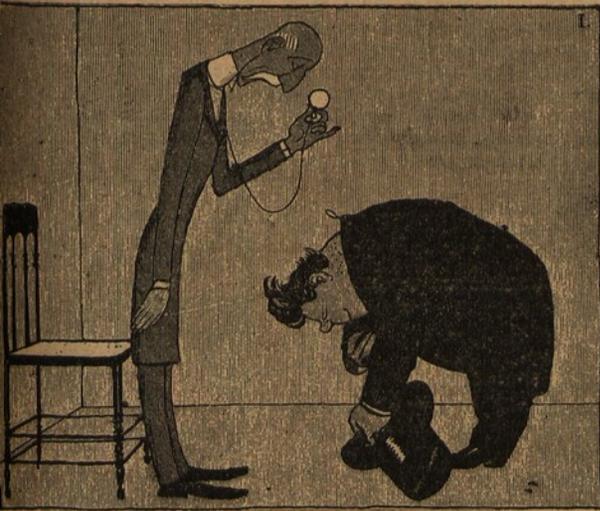
que t'o taça, e se quizeres alguns ovos de philomella dize ao H...<sup>12</sup> que t'os ponha.

<sup>11</sup> um jornalista incolor.

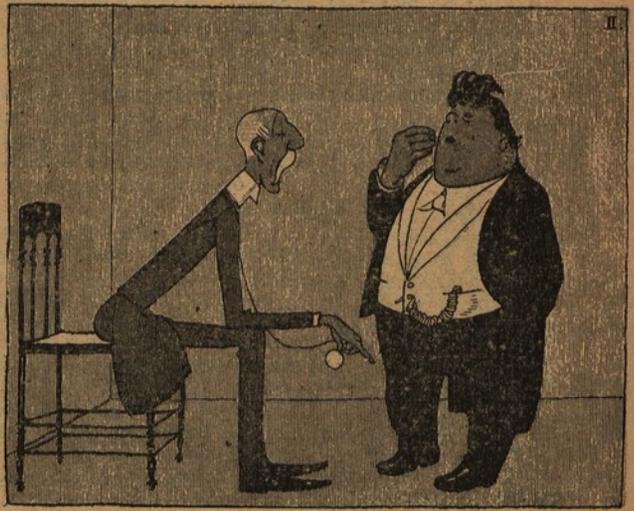
<sup>12</sup> um poeta e romancista, ainda vivo.

# A ESCRIPTURA DE UM CANTOR

(CONTO MUDO)



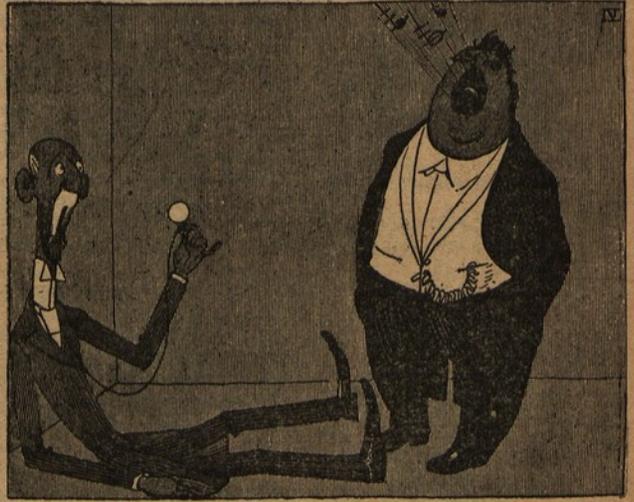
1



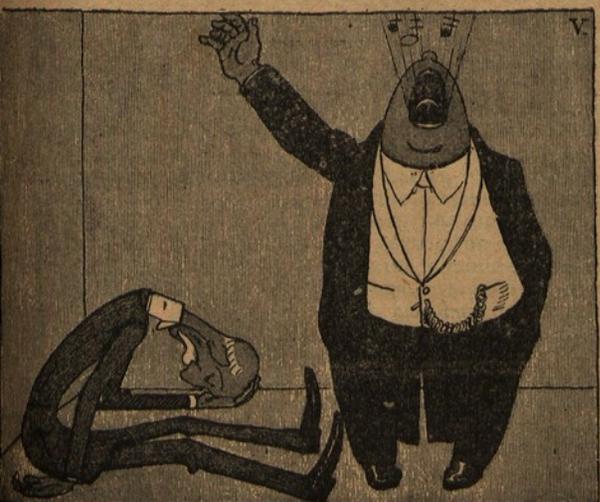
2



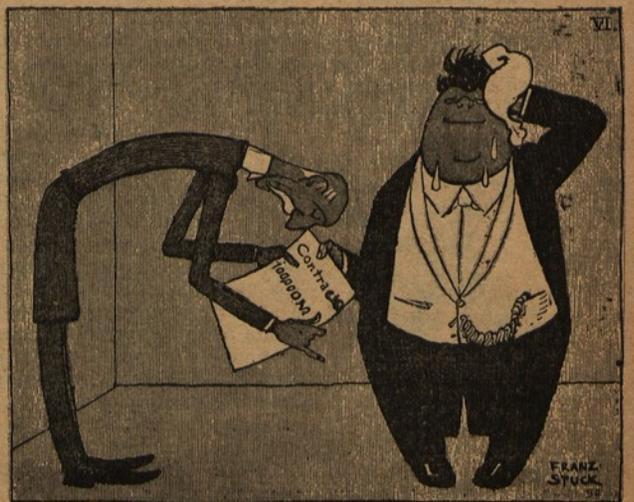
3



4



5



6

FRANZ STUCK 59

# A BICYCLETA EM UMA LIÇÃO

A voga da bicycleta augmenta cada vez mais. Muitas pessoas ha, no emtanto, que hesitam em se entregar a este passatempo tão agradável e tão util porque receiam a aprendizagem.

Devemos tranquilisar esses timidos affirmando-lhes esta verdade: o exercicio da bicycleta é o mais facil de aprender de todos os exercicios do corpo. E' o meo que occasiona as quedas.



Montar pelo pedal da direita

PRINCÍPIOS.—As duas difficuldades — ligeirissimas—do principio são: 1.º o movimento de rotação que é preciso imprimir nos pedaes (esta difficuldade é menor para as pessoas que estão habilitadas a andar em tricyclo); 2.º a direcção.

E' para a aprendizagem da direcção que é preciso o auxilio de um cyclista já mais experiente.

Escolha-se de preferencia um terreno unido, um pouco em declive, de modo que a machina role mais facilmente.



Montar pelo pedal da esquerda

O esforço a fazer sobre os pedaes será assim muito menor. O movimento das pernas será mais regular e demasiado occasionará menos solavancos na marcha.

Toda a pessoa que aprenda deve ter durante a marcha o cuidado em não se agarrar ao guidador sobre o qual as mãos se devem apoiar ao de leve.

Se a machina se inclina para a direita ou para a esquerda, deve voltar se o guidador para o lado para que ella se inclinar, afim de a levantar. Depois, retomar-se ha insensivelmente nova direcção.

E' sempre bom olhar ao di-eito do nariz, na direcção em que se quer ir.



Montar pelo passeio

Os principiantes esbarram muita vez com um monte de pedra ou com um passeio, porque têm a imprudencia de fixar os olhos n'esses obstaculos, e os movimentos do corpo e dos musculos seguem machinalmente a direcção dos olhos.

E' preciso pois não deixar com a vista o carinho que se quer seguir para evitar o obstaculo.

O pé deve assentar dois terços sobre o pedal, quasi como o pé do cavallo no estribo: é a parte extrema que descança sobre o pedal. Deve-se evitar assentar o tacão juntamente com o resto do pé. Este deve ficar paralelo á cadeia.

A SELLA.—Ao principio, a sella deve se. muito baixa, de modo a dar mais confiança ao aprendiz e de modo tambem a poder-se montar mais commodamente na machina. Pouco a pouco, á medida que os progressos augmentam eleva-se a sella á sua altura normal, que se delimita assim: estando o cyclista montado e o pedal em baixo, aquelle deve poder posar, sem extender muito a perna, o tacão no pedal.

A PARTIDA.—Para começar a andar sem o auxilio de ninguem colloca-se a sella muito baixa como fica dito mais acima. O cyclista deve collocar-se á esquerda da machina (póde-se subir indifferentemente dos dois lados,



Descer pelo pedal

mas os principiantes têm mais facilidade em subir do lado esquerdo). Inclina-se um pouco a machina para a esquerda para que o pedal da direita suba um pouco. Salta-se para a sella e poisa-se o pé direito no pedal. Carrega-se com força no pedal direito para pôr a machina em movimento. Deixa-se a terra ao mesmo tempo, com uma ligeira impulsão do pé esquerdo, que se porá em seguida sobre o pedal esquerdo.

O ESTRIBO.—Para subir pelo estribo que em certas machinas se encontra á esquerda do cubo da roda motora, poisa-se o pé esquerdo no estribo. Com o pé que poisa no chão e conservando o guidador direito, dá-se um impulso á machina. Levanta-se em seguida o corpo, fazendo todo o peso no estribo para saltar para a sella e conserva-se o mesmo movimento collocando os pés sobre os pedaes.

Os cyclistas mais experientes sobem para as machinas pelo pedal. Põe-se a machina em movimento dando dois ou tres passos ao lado d'ella e empurrando-a pelo guidador. Poisa se muito levemente o pé sobre o pedal, no momento em que, descendo, este começa outra vez a subir. Toma-se um leve ponto d'apoiio com as mãos sobre o guidador, e salta-se depois para a sella passando a perna direita para a direita por cima da roda de traz.

O PEDAL.—Para descer da machina, o meo mais pratico é descer pelo pedal. Affrouxa se o movimento da machina, deixa se a sella, agarrando-se ao guidador que se conserva direito. Carrega se sobre o pedal esquerdo um pouco antes de elle estar de todo em baixo. Passa se a perna direita por traz da sella, e põe-se o pé em terra — o direito, muito ligeiramente.

Vira se para a direita e para a esquerda pelo movimento do guidador, graças á acção do peso do corpo e dos pedaes. Os movimentos que se chega a combinar instinctivamente não podem ser objecto de descrições rigorosas.

O GUIADOR.—O guidador deve ser collocado bastante baixo, de modo que o corpo, estando inclinado ligeiramente para a frente sem ser curvado, os braços fiquem bem estendidos.

Para descer as ladeiras, os principiantes devem ser muito prudentes e affrouxar o movimento da machina carregando nos pedaes quando elles sobem e servindo-se do travão. O travão mais effiz é a prudencia do cyclista.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.

TRAJO.—Os trajos mais convenientes para os passeios compridos são o capacete de cortiça ou o chapéu de palha, a camisola de lã grossa, a calça muito larga e deixando o joelho desembaraçado, as meias presas por baixo do joelho, os sapatos de solas flexiveis e de salto razo.



Posição em marcha



Montar em tandem



Dama montando em bicycleta



Montar pelo estribo

# HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

## OS DITOS DE ROBERTO



ou contar-lhes hoje, meus leitorinhos, as reflexões, por vezes singulares, e muitas vezes tão tolas como inesperadas d'um certo amiguinho meu, chamado Roberto, e que, espero, vos divertirão.

Ultimamente a mãe d'elle levou-o a uma conferencia, feita por um habil professor que ha muito desejava ouvir. Devo acrescentar que a conferencia era séria demais para Roberto, que apenas tinha oito annos, mas a mãe não tinha a quem confiar n'esse dia, e lembrou-se de o levar consigo.

No meio da conferencia, a senhora \*\*\* notou que o filho se mechia e remechia na cadeira d'uma maneira quasi que inconveniente.

— Que tens, Roberto — lhe perguntou ella — que estás a mecher-te tanto na cadeira?

— Não sei, mamã, *porém isto aborrece-me*, respondeu Roberto.

— Queres calar-te e ouvir o professor?

— Elle disse que estava a acabar — replicou Roberto em voz baixa.

— Então!

— Que queres, mamã? eu não comprehendo nada do que elle está dizendo.

— Aprazia-te mais ires-te embora?

— Oh! não, porque te distrae. Mas não te occupes mais de mim. Eu sei o que hei de fazer.

— O que é?

— Vou pensar nas minhas amiguinhas Carlota e Dionisia, de quem tanto gosto.

A mãe calou se, e desde então Roberto nunca mais se mecheu.

A conferencia acabou e a senhora \*\*\* e o filho caminhavam para casa, quando aquella se lembrou de perguntar a Roberto:

— Então não comprehendeste nada do que disse o conferente?

— Nem sequer o ouvi — respondeu este — porque estava com o pensamento na Dionisia e na Carlota.

— E que pensavas a respeito d'ellas?

— Pensava que nas ferias proximas te ia pedir para ellas virem passar alguns dias no campo, porque gosto muito d'ellas.

— E se ellas recusarem?

— Se ellas recusarem!... *Hei de chorar muito para que pelo menos a Carlota venha!*

Quando Roberto entrou em casa lembrou-se de que a creada lhe tinha trazido do mercado um vaso com uma roseira, e, apenas a viu em cima do parapeito da janella aberta, foi regal-a. Porém, no excesso do seu zelo, regou tambem um transeunte, que deu altos gritos e reclamou, contra o mal intencionado que o molhara, a um policia que d'ahi a pouco subia a casa do pae do delinquente.

Calculaes perfeitamente, meus queridos leitorinhos, o terror que infundiu a Roberto o vêr um policia com o seu uniforme militar e o sabre ao lado.

Entretanto o agente tomou nota do accidente. O pae explicou-lhe tudo e mostrou-lhe o peccador aterrado.

O agente sorriu-se, mas não deixou de formular o seu processo verbal, porque tinha uma multa consideravel a pagar se o não fizesse. Perguntou-lhe o nome do delinquente. O pae deu-lh'o, mas querendo dar uma lição ao filho, disse a este:

— Ouves, o sr. agente tirou o teu nome.

— *Se elle tirou o meu nome* — exclamou Roberto soluçando e chorando muito — *como me chamarei agora?*

Foi preciso um grande trabalho para lhe fazer vêr que se enganava, n'este caso, no sentido da palavra *tirar*.

Foi o mesmo Roberto, que uma bella manhã de primavera, brincava no jardim das Tulheiras com um balão que lhe acabavam de dar no Louvre; de repente deixou o cordel, que o segurava, e o balão voou pelo azul do céu.

— Ainda uma das tuas palermices — lhe disse a mãe.

— Não se zangue, mamã — pediu Roberto — *o menino Jesus está brincando agora com o meu balão!*

Foi ainda elle quem, um certo dia em que o pae lhe dava reprehensões pela preguiça — o seu estudo não tinha sido á hora regulamentar — lhe respondeu sem hesitar:

— Mas, papá, disseste-me no outro dia que eu tinha o defeito de me encolerisar e que era preciso corrigil-o.

— E então?

— E então, *r. primo a minha colera* n'este momento. Não posso fazer tudo ao mesmo tempo. A preguiça ficará para mais tarde.

Poderia prolongar a historia das pateticas do meu amiguinho, mas é preciso acabar. Vou, portanto, contar um dos seus ultimos ditos tolos.

Este liga-se á historia d'um par de botas e reclama algumas explicações preliminares.

Saibam, pois, que Roberto tinha por companheiro um rapaz chamado Mauricio, a quem os paes tinham feito presente de um par de botas, e desde então o sonho predilecto de Roberto era ter um par de botas identico.

Um dia o pae, contente pelas suas lições, encomendou as botas invejadas; desejava mesmo que ellas estivessem promptas para o domingo seguinte, e calcule-se a alegria de Roberto ao saber de tal, pensando já no dia em que as ia calçar para passear com o seu amigo Mauricio. Por infelicidade, no sabado precedente deu as suas lições muito más; — as botas subiam-lhe á cabeça e turbavam-lhe o cerebro. Foi elle o unico que apanhou do professor uma nota... pessima.

Na manhã de domingo, o pae, ao lêr esta nota, declarou que seria castigado e que não calçaria as botas, que n'esse momento acabavam de trazer.

Desespero de Roberto que, não tendo em nenhuma conta as palavras do pae, gritava chorando que queria calçar as botas.

— Não as calças! — replicou severamente o sr. \*\*\*

Então as lagrimas correram em mais abundancia, de modo que foi preciso pôl o fóra.

Mas o choro e os gemidos continuaram. A mãe quiz tentar uma transacção:

— Calças-as has no domingo que vem — disse ella, espreitando á porta.

— Não, não, domingo não, quero calçar as hoje — exclamou Roberto, entrecortando os soluços com a sua habitual teimosia — quero calçar-as hoje!

Um quarto, meia hora se passaram sem que os soluços cessassem; por vezes parecia suffocall-o; a mãe começava a inquietar-se.

De repente a campainha toca para o almoço. Distraído sem duvida, por ouvir-a, Roberto cessou de chorar.

O pae abre a porta e diz-lhe imprudentemente:

— Acabaste, não é verdade?

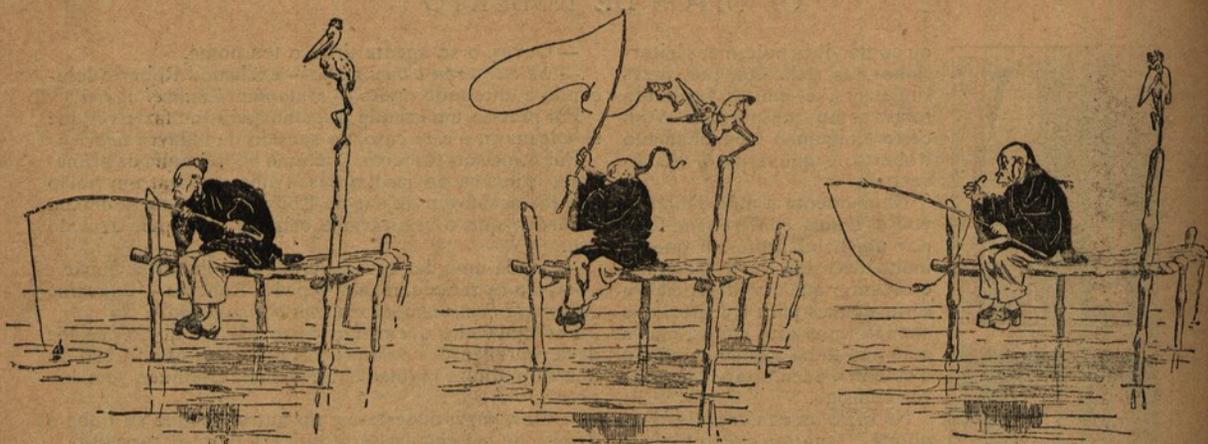
— Não, não acabei, estou a descançar um bocadinho — respondeu Roberto, começando de novo a soluçar.

Porém a phrase tinha feito rir e desarmara o pae.

— Vamos, menino — disse elle — acaba de chorar. Levas as botas para ires passear, como querias, porque vejo que o castigo já está dado; tambem t'as deixo calçar para ires esta tarde jantar a casa do teu amigo Mauricio.

D'esta vez Roberto enxugou as lagrimas, e a sua phrase foi lhe util, porque calçou as botas n'esse mesmo dia.

# SECÇÃO ALEGRE



## BIBLIA DOS PESARES

(Ao dulcissimo poeta José Augusto de Castro)

Na biblia sagrada d'este amor  
Que me atormenta a alma com agruras,  
Tambem se encontram paginas que a dôr  
Fez altear em solidas venturas!

São ellas, as que evocam o Passado  
— Imagem venturosa dos cantares;  
Que triste, desfolhei no longo estrado,  
Dos meus crueis enganos e pesares!

E', por isso que leio com tristeza  
Na biblia singela d'este amor  
O meu Passado lindo como a flôr,  
Que se occultou p'ra sempre á natureza!

Leiria, 1897

A. DE SÁ RIBEIRO.

## COISAS ALEGRES

**G**UERRA Junqueiro, a primeira vez que fez demorada residencia em Lisboa, foi pelo tempo da publicação do poema — «A Morte de D. João.»

Um poeta da provincia envia-lhe então o seu volume de versos, pedindo-lhe o parecer e conselhos.

O livro era uma explosão d'erotismo, revelador d'um temperamento novo, sensual, trasbordando de vigor. Junqueiro, responde-lhe:

— O meu conselho é, que deve tomar camphora, mas muita camphora.

\* \* \*

Estamos na sala da redacção da «Lanterna Magica».

Luiz d'Andrade pede silencio a Guilherme d'Azevedo, para ler alto uma novidade historica que acabava de descobrir n'um jornal do dia. Era o caso, que o jornalista, querendo acentuar a intolerancia da Igreja para com Galileu, dizia, que o premio da firmesa do seu character fôra o ser encarcerado na Bastilha.

Gargalhada.

Junqueiro acode lá do sofá onde estava refestelado: — Qual Bastilha! Equivoco! Ensinem-lhe que foi no Limoeiro.

E n'estes termos veiu na «Lanterna Magica»... a rectificação.

\* \* \*

Volvidos alguns annos, já quando Junqueiro tinha fixado residencia no norte do paiz, veiu a Lisboa, certo dia em que o assumpto das conversações era os varios modos (denunciados n'um jornal d'aquelle dia) como certo general, então commandante da 1.<sup>a</sup> divisão, tinha

fraudado a receita d'um estabelecimento d'educação militar, de que fôra director.

Junqueiro, ouvindo isto, n'um grupo d'amigos, pergunta quem era o — sujeito da oração.

Respondem-lhe que era o general de divisão F...

— Então esse homem não é general de divisão, é general de subtracção.

\* \* \*

O nosso querido e popularissimo D. Thomaz de Mello, o antigo e incomparavel bohemio, jantava certo dia em um restaurante de Madrid.

Chama o creado que o servia e observa-lhe:

— Esta pescada cheira mal, estava corrompida!

— Que! corrompida esta pescada! E' vontade de depreciar a casa! Esta pescada estava fresquissima.

— Pois cheire-a vocemecê.

— Cheiral-a eu! *Por la Virgen!* Uma pescada chegada ainda esta manhã de Santander.

— Essa não é má! Também eu cheguei a noite passada de Lisboa, e tenho 43 annos.

\* \* \*

Na capital da ilha de S. Miguel, a um sovina que morreu no dia d'anno bom, fizeram-lhe o seguinte epigramma em forma de

EPITAFIO

Aqui jaz o maior avarento  
Que existiu em Ponta-Delgada.  
Morreu no principio do anno  
Para não dar a consoada.

H.

# SECÇÃO RECREATIVA

AS FLORES DA NEVE

QUANDO uma nuvem se fórma n'um espaço muito frio, em lugar de se transformar em chuva, condensa-se no estado solido, dando origem a pequenas agulhas de gêlo que se accumulam umas sobre outras para cahir lentamente na terra sob a forma de neve.

Os flócos de neve são compostos de pequenos cristaes em fórma de estrellas, apresentando uma regularidade e uma variedade de fórmas maravilhosas. Apresentam tres, seis ou doze postes symetricamente dispostos em volta d'um eixo ou d'um ponto e fazendo entre si angulos eguaes.

Para observa los, apanhe-se neve por um tempo frio e secco, n'um panno negro, a manga do casaco, por exemplo, e distinguir-se-ha a olho nú, ou com lente, muitas centenas de fórmas diferentes, semelhantes ás reproduzidas na gravura junta.

Quando os sabios francezes foram á Lapônia em 1737, para medir o arco de meridiano destinado ao estabelecimento do comprimento do metro, viram a atmospha humida do seu quarto transformar-se em neve, quando abrindo a porta, deixaram entrar o ar exterior.

Sem subir n'uma nuvem, sem ir á Lapônia, podemos dar-lhes o bonito espectaculo da formação das estrellas de neve. Sopremos uma bola de sabão, fóra de casa, em



tempo muito frio; veremos então pequenas agulhas transformar-se em delgada pellicula d'agua, e juntarem-se umas ás outras tomando as diversas disposições que mencionámos ha pouco.

## CORAÇÃO

## DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

1 Volume, brochado, 500 réis. encadernado, 700 réis.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

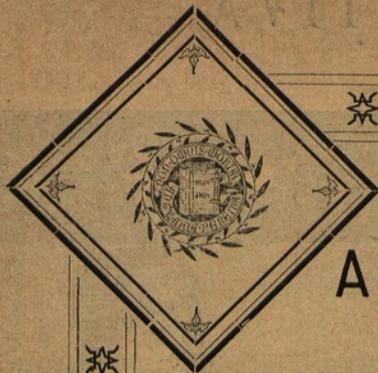
# Branco e Negro

SEMÁNARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portuguesa.....	800 „	1\$600 „	3\$200 „
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis



LIVRARIA EDITORA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações especiaes de percalline

A 200 réis

\* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

A 240 réis

\* Leituras para a escola primaria, por Augusto José da Cunha, 1 vol.

A 360 réis

\* Leituras correntes e intuitivas e 1.<sup>a</sup> lições de coisas, por Travassos Lopes, (1.<sup>a</sup> parte), 1 vol.  
\* Contos da avósinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 400 réis

\* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 500 réis

\* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.  
Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

A 600 réis

Historia d'um palhaço, por Raul Brandão, 1 vol.  
A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

A 700 réis

Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.  
A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.  
A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.  
Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.  
A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.  
Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.

A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.

Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.

Riso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.

Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.

N'este valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.

Higiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.

Higiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.

Pelo mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

Tragedias da vida, rom. de João Salgado, 1 vol.

Os noivos, rom. de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

A 800 réis

Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.

Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

Morte de D. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

O Livro do Monte, poesias de Bulhão Pato, 1 vol.

\* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.

Diccionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.

\* Litteratura Brasileira, estudo critico, seguido d'uma abundante colleção de prosas e versos

dos mais notaveis escriptores brasileiros contemporaneos, por Valentim Magalhães, 1 vol.  
A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Poemas portuguezes, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.

Neblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.

Moral para todos, por A. Franck, trad. 1 vol.

Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

A 950 réis

O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.

Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.

A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.

\* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$000 réis

Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.

\* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.

\* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

A 1\$100 réis

A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.

\* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

A 1\$250 réis

Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$300 réis

Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

A 1\$400 réis

Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

A 2\$000 réis

\* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito ampliada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

A 3\$200 réis

\* Paulo e Virginia, celebre rom. de Bernardin de Saint-Pierre, edição illustrada de grande luxo.

\* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.

\* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

A 3\$600 réis

\* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de P. Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

A 6\$750 réis

\* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.

Os preços são por volume. As obras com o signal \* são illustradas.

# Branco e Negro



VENDEDEIRA DE ALCACHOFRAS, aguarella de Diogo Silva

PREÇO 50 RÉIS

N.º 93

Esta primorosa edição de PAULO E VIRGINIA, ricamente encadernada, com capa de percaline, impressa a côres e dobrada por folhas, constitue o mais

### DELICADO BRINDE

que se pôde offerecer a quem apreciar as obras primas de litteratura.

PREÇO 3\$200 RÉIS

Notavel e esplendido romance de BERNARDIN DE SAINT PIERRE

**PAULO E VIRGINIA**

Edição de grande luxo, impressa em ótimo papel e ricamente encadernada com capa de percaline a côres.

Magnifica edição profusamente illustrada com primorosas e interessantes gravuras soltas e intercaladas no texto.

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, Editor. — Rua Augusta, 52 e 54, Lisboa.

JA' ESTA' A' VENDA O

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 93

LISBOA, 9 DE JANEIRO DE 189S

2.º ANNO

## JOÃO DE DEUS



**S**INGULAR homem este que, depois de morto, inerte já, não teve ninguém a denegrir-lhe a memoria, como em vida ninguém jámais lhe conspurcára o character!

Simplez, de uma alma lisa como o aço em que se espelhavam todas as virtudes, elle atravessou a vida como um cenobita, fugindo do ruido, da ostentação, do falso oiro das gloriolas retumbantes. E assim occulto, assim embiocado n'uma modestia extrema, afincado ao trabalho e vivendo uma vida intima e casta, no conchego do seu lar, viu chegar-se a elle a morte, depois de lhe terem feito um anno antes a maior consagração que em vida se pôde fazer a um homem. Data d'ahi, talvez, d'essa grande commoção que lhe abalou todas as fibras da alma, o *principio da sua morte*. Esse dia marca em lettras d'oiro uma

gloriosa pagina na historia litteraria portugueza. Como na Hespanha o poeta popular José Zorrilla, João de Deus em Portugal era o mais querido de todos os poetas. Porque fosse maior que os outros? Porque tivesse obra mais vasta? Não, porque todo elle era coração e com o coração escrevia; porque da sua simplicidade innata nascia a simplicidade encantadora e perfumada da sua poesia, quasi sempre terna e melancolica, lembrando a cantiga popular e anonyma feita pela multidão nas horas de desalento.

Passa no dia 11 o 2.º anniversario da sua morte. Não podiamos deixar passar despercebida esta data funebre que, ao passo que nos entristece, nos faz evocar a sua grande figura de bondade illuminada como a de um santo e aureolada como a de um justo.

# UM FOLHETIM DE JOÃO DE DEUS

## O INDIGENA

É um assumpto inexaurível este. A mina de S. Domingos e o indigena teem um ponto de contacto... unico: inexgotaveis. Todos os criticos do mundo, todos os Julios, todos os Taboradas, todos os Molières, todos os Vicentes, todos os moralistas, todos os photographos, todos os Bordalos e todos os philosophos deixariam o indigena intacto... quasi.

E' a historia da tal estatua egypcia representando a natureza em fórma de mulher, com mil quinhentos e tantos sabios á roda, levantando-lhe a pontinha do véo.

O indigena não é um problema, é um cahos; não é um mysterio, é um abysmo. Toda essa faxa que vae de Cascaes até Elvas, e do Minho até ao Guadiana, essa lista de 90 legoas de comprido e 40 de largo que barra a peninsula iberica; afundê-se nas ondas, surge nos pontos fixos e fluctuantes das naus do estado, e ilhas adjacentes, para se tornar a afundir e apparecer em Loanda e S. Thomé e Principe, em Bissau e Cacheu, em Solor e Timor, apresentando-se em toda a sua força em Pernambuco e no Rio de Janeiro, é elle, o indigena.

O indigena é patriota no estrangeiro. Subscrive até ao ultimo ceitil para espingardas e peças de artilheria, se lhe falam em hespanhoes. Mas se manda distribuir livros pelas escolas, ferra um calote de 14 contos aos srs. Castro e Irmão que, sem anexim, ficou a vêr navios no alto de Santa Catharina!

O indigena é d'uma austeridade implacavel em pontos de moral alheia. Elle não admite que se mate a mulher por adulterio. Senão acabava-se o mundo. O homem nunca deve perder a cabeça.

Elle não comprehende a vermelhinha, nem o monte, nem a banca franceza, jogo nenhum senão o da loteria, onde todos os 15 dias entram 10 contos e sahem oito, ficando os dois nas mãos da caridade.

Aquillo nao é porta, é esmola; aquillo não é jogo, é trabalho; aquillo não é vicio, é escola.

Assucar crystalisado detesta-o por amor da patria. O refinado adora-o. Se um dia no Martinho, o primeiro café de Lisboa, entrasse o assucar crystalisado, no outro fechavam-se as portas do estabelecimento. Aquellas bagas de suor gallaico, juntas ás raspas do caldeirão de cobre communicam ao chá e ao café um sabor delicado.

O indigena não é excentrico, nem ridiculo: não é de modas nem pé de boi; nam janota nem jarreta. Bigode de pontas horisontaes, não admite: quel-as por força á laia dos tentaculos do caracol, por ser o mais geral. E' sensato.

Nada para o indigena mais agradavel que tirar-lhe o chapeu em elle indo de sege; e nada mais desagradavel que estender-lhe a mão continuando a falar com os mais.

Porque o indigena é delicado: se nos bate no hombro com a familiaridade dos Irmãos Siameses, com uma semcerimonia congenita, é que está em presença de pessoas que nos consideram. Se passa fingindo que nos não vê, então vae com gente que nos não conhece ou está continuo d'alguma secretaria. E' discreto.

O indigigna é d'uma generosidade cega. Nos impulsos do seu coração promette o que não seria capaz de dar ainda que tivesse vergonha. Todavia pôde-se contar com elle. A sua palavra é um Evangelho. Se falta a uma entrevista no Rocio á noite ou no salão da Trindade, ajustada minuto por minuto, quinze dias depois lá está no seu posto, firme como uma rocha, á nossa espera. E' pontual.

O indigena faz sacrificios por trazer sempre a camisa lavada. Prima na novidade do vestuario — criterio infalivel de todo o merecimento pessoal, na sua opinião. Porque o exterior é uma revelação do interior, diz elle. E' pensador.

O indigena gosta dos ourinoes municipaes a descoberto, nas barbas da familia, por hygiene. São necessidades da natureza, diz elle ás filhas; não ha remedio.

Ama o *Diario de Noticias* sobre todos os jornaes pelos annuncios de utilidade, compra Revalessière du Barry de Londres e as injeções Brruh.

Em materia de ensino ha dois livros que na sua opinião resumem todos os conhecimentos humanos — o *Methodo Facilimo*, e o *Manual Encyclopedico*. Nada

mais facil do que aprender o alfabeto por meio do abecedario. E em se sabendo ler, é ir ao manual e buscar no indice o que se queira.

— Tu sabes Astronomia, Antonia? Vaes ver: «Astronomia é a sciencia que trata dos astros.»

— E' um bello livro esse!

— Custou cinco tostões encadernado; guarda-o, não o deixes cair nas unhas das crianças.

Ha um talento que lhe não escapa, o da gente se saber arranjar. — Lá está agora administrador do concelho, dando leis em Melgaço, com seiscentos mil réis por anno, sem trabalhar, a fazer eleições, e chamem-lhe desavergonhado. Tomara eu que me chamassem o mesmo.

— Quem tem vergonha anda magro; diz ella, que está gordissima.

— Ah já sabes, querida? O mundo é assim.

— O que me dizes d'aquelles passos do cancan na Trindade?

— Lindissimos!

— E hontem em D. Maria não reparaste quando o outro disse que as tres primeiras eram d'elle?

— Muito me ri. E' um bello theatro. A gente queixa-se dos impostos, mas foi milhão e meio bem empregado.

O indigena detesta a tragedia; vai ao theatro para se divertir.

— Filha, ha tres dias que me não cantas a carta adorada...

— Tenho andado a estudar o Sabre de meu pae, papá!

— Bem. Vamos, estuda-me a Grã-Duqueza, que é uma linda musica.

O indigena é justo. Ainda que lhe recebam as reclamações á ponta de bayoneta, reelega a camara, se é digno do municipio.

Ama a industria nos limites do decoro. Em Pernambuco e no Rio carrega saccas de tapioca; mas em Portugal, onde o conhecem, vae a Cacilhas á véla de proposito para mostrar ao Burnay que o unico emprego dos capitães decente é o prégo.

O indigena é aventureiro. Se um provinciano lhe traz umas amostras de mineral, é capaz de as levar ao laboratorio chymico. E se a analyse dá 95 por cento, associa-se com plenos poderes de vender immediatamente, ao primeiro inglez que encontre, a mina e o provinciano, por um coupon.

O indigena não desdenha a politica; pelo contrario: se ajusta com o governo os deputados d'um districto, facam-n'o régulo, que os deputados estão certos. E' leal.

Sendo necessario pôr fóra a ponta-pés um pobre velho de 70 annos do cargo de thesoureiro pagador, reforma-o e paga a differença do seu ordenado de governador civil. E' escrupuloso.

O indigena ama as bandeiras como symbolos da nossa nacionalidade, e veem-lhe as lagrimas aos olhos, de enternecimento, ao vel-as fluctuar: mas, de vidro, nas janellas, bandeiras de janellas moveis, acha-as indignas da sua virilidade. Se quer ar, apresenta-lhe o estomago, e desafia os quatro elementos. Tem estomago de avestruz.

O indigena é avesso ás letras; prefere as tretas; mas se por um conjuncto fatal de circumstancias aprendeu a escrever, é consequente: escreve o que lhe pagam, e por que lhe pagam; traduz, compõe, defende, combate, divinisa, calumnia, porque lhe pagam. Porque o indigena é litterato, não é bispo. Escreve; elle não tem nada com o que escreve.

O indigena é digno em pontos de direito publico. Levanta-se contra o varejo dos vinhos, comprados n'essa hypothese; soqueia o governo civil, se é necessario; fecha as portas em signal de guerra, e na sua attitude implacavel, chega a fazer reflectir o moderador e o executivo!! Mas inaugurem-lhe uma viasinha ferrea, o indigena amacia-se, lubrifica-se, e, levado da sua gratidão, forma á rectaguarda da reserva, correndo em defesa do rei e das instituições! Quer morrer portuguez.

No seu entranhavel affecto ás instituições vigentes proclama-se essencialmente monarchico; mas se vier a republica, em que não acredita, dá as mãos á palmatoria. E' impagavel!

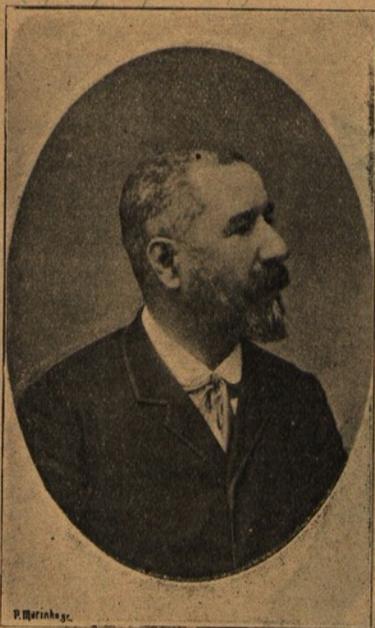
JOÃO DE DEUS.

# COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — A VARINA, traje antigo, aguarella de Roque Gameiro

# GABRIEL PEREIRA



Quantas vezes o futuro marinheiro se figuraria já, vago e penoso, debruçado da amurada, como o grande Ceomões, profundando o olhar na phosphorescencia do Oceano, ou elevando-o á observação dos astros, emquanto

*Alta a noite escutava o carpir funebre  
Do nauta que suspira por um tumulo  
Na terra de seus paes...*

e ouvindo *gemer a lamentosa alcione, com ella gemeria a sua saudade?* Saudade dos paes, dos irmãos, dos collegas, dos amigos, da terra que lhe foi berço, daquella onde brincára infante? Logo, forte do seu dever, ter que castigar o negro perfido, ou o china refalsado, ao sibilar da azagaia, ou ao luzir do taifó, sem saber quando tornaria a abraçar os que lhe eram caros!

Estas ideas que luziam com um brilho de nobreza no espirito do pae e do filho, cravavam se como um punhal ervado no coração da triste mãe, e cada vez que elle ia a ferias não deixava de lhas manifestar.

Se a mãe amava o filho, este adorava-a; na luta entre os desejos do pae e a afflicção da mãe, venceu esta.

Gabriel Pereira, bom e fanatico por ella, não a podendo ver sofrer mais, quasi no fim do curso, abandonou-o, e disse adeus para sempre á vida do mar.

Quando o pae ancioso esperava a cada momento noticia dos exames finais, eis que recebe um telegramma de Coimbra participando-lhe que o seu Gabriel se achava alli!

A mãe rejubilou, ergueu as mãos aos Ceus agradecendo-lhe tão grande beneficio. O pae carregou o sobr'olho, sentiu crisparem-se-lhe os nervos e abandonou o filho ao seu destino.

Este, a tantas leguas do lar paterno, quasi exgottados os tenues recursos, emprehendeu uma viagem para correr ao seio da mãe, que é uma verdadeira Odyssea de sacrificios, angustias e privações, que elle supportou com verdadeiro stoicismo.

Pouco tempo durou o amúo paterno. Ao cabo de um mez o pae teve que aceitar os factos consumados, reconhecer a nova situação creada e procurar para o filho posição, onde desenvolver as suas aptidões e os conhecimentos adquiridos.

Gabriel Pereira começou a exercer o magisterio no Liceu de que seu pae era director, e, afastado dos estudos academicos, dedicou-se de alma e coração ao cultivo da historia e da archeologia nos seus variados ramos.

Algum tempo depois o Liceu era extinto e Gabriel Pereira e sua familia voltaram para a capital do Alemtejo.

Evora sua patria, abria o seio uberrimo ás observações e pesquisas do joven archeologo. Alem a anta, o dolmen, vestigios de um povo prehistorico; aqui a muralha de grandes enxilhares, as columnas do vetusto templo, assignalam um marco da civilisação romana; n'outra parte uma porta, uns azulejos indicavam-lhe a estancia dos musulmanos; em torno os cubellos, as torres, as portas, as igrejas, os palacios vão-lhe fazendo tactear os varios estadios da civilização portugueza, desde o principio da monarchia até os nossos dias. Os archivos, as bibliothecas atrahem-o, os museus seduzem-o. Tudo investiga, tudo coteja.

Mas Gabriel Pereira não se queda só a contemplar Evora e arredores, os seus estudos vão-se alargando ao Districto, do Districto á provincia, desta ás demais, e a pouco e pouco, de lapis na mão e carteira aberta, os seus passos se estendem pelo paiz, e quer desenhando varios motivos architectonicos, ornamentaes, artisticos emfim, quer tomando notas historicas e archeologicas, reunirá como poucos um vasto peculio, que facultará galhardamente aos que o consultam.

Emfim um modesto emprego na secretaria da misericordia de Evora dá-lhe ensejo, não só de profundar os seus estudos, organizando e salvando da ruina o importantissimo cartorio d'aquella casa, mas tambem de averiguar os bens della, quasi perdidos, e fazer lhe decuplicar os seus rendimentos. Empregados desta ordem e desta dedicação são hoje raros.

I  
ALCUNHAVA um amigo meu a certos individuos, de vocações torcidas. Assim um era juiz que nascera para cabreiro, outro medico quando a natureza o havia fadado para ferrador; este era alfaiate, mas a sua solercia está denunciando que habil diplomata elle seria, aquelle fizeram-no padre cuja musculatura e instinctos indicam um carrejão. E como estes muitos outros.

A's vezes por um nada se torce uma vocação e se perde uma aptidão. E' o que ia acontecendo com o distincto homem de letras, cujo nome encima estas linhas.

Nascido em Evora de um desvellado e consciencioso professor e de uma senhora de alma purissima, que estremecia os filhos como poucas, Gabriel Victor do Monte Pereira, breve deixou perceber a clareza da intelligencia com que a natureza o dotára.

O muito conhecido e profundo erudito Dr. Cunha Rivara, intimo amigo de seu pae, adivinhára n'elle, quando ainda infante, os prenuncios de seriedade e reflexão. Muitas vezes dizia ao seu amigo: este pequeno já passeia de mãos atraz das costas como um homem que pensa!

Educado esmeradamente por seu intelligente pae, passou a maior parte da sua infancia e juventude na patria do suave Elmano, onde aquelle dirigia, com superior mestria, um Liceu organizado pela Camara Municipal da rainha do Sado.

Talvez que o aspecto daquelle vasto e formoso lagamar, e o movimento e bulício maritimo daquelle excelente porto, despertassem na alma do bondoso professor a idea de destinar o filho á vida do mar.

Effectivamente, concluidos os preparatorios, Gabriel Pereira, matriculava-se na Escola Naval e seguia o Curso de marinha.

Esta resolução foi um golpe para a pobre mãe. Emquanto o pae jubilava mais e mais á proporção que o filho ia alcançando a approvação nas diversas disciplinas do curso, a triste mãe, não deixando de estimar os triumphos litterarios do filho, sentia cada um delles espessar-lhe, de anno para anno, o veu negro que desde o principio desse curso lhe começára a envolver o coração.

Quantas vezes pae e filho sonhavam que este deixando o remanso do Sado, como outrora o joven Bocage, iria, como o poeta, seguindo a esteira do Gama

*Arrostar c'o sacrilego gigante?*

Neste lapso de tempo Gabriel Pereira foi assignalando a sua elevada competencia com trabalhos que illustraram o seu nome e o fizeram estimar entre os eruditos dos diversos paizes. Em uma serie de opusculos, ja hoje difficil de reunir, consignou grande parte do fructo das suas observações e estudo.

Primeiro appareceram as traducções dos grandes escriptores da Grecia e Roma, que trataram da geographia da peninsula iberica, sobresaindo Strabão e Plinio. Mais tarde em um corpo de mais de trinta fasciculos, sob a designação geral de *Estudos Eborenses*, descreveu os varios monumentos de Evora e tratou de muitos pontos da sua historia.

A Universidade de Coimbra, conhededora dos meritos do distincto eborense, incumbiu-lhe a elaboraçao do indice provisorio dos documentos do seu cartorio, o qual se acha publicado fazendo tambem um estudo especial do celebre *Livro Verde* etc.

A estes trabalhos seguiu-se outro de maior alcance, a publicação em folio dos *Documentos de Evora*, manancial abundante de elementos historicos da mais alta importancia para a historia dos costumes, das artes, do viver, do sentir dos nossos antepassados, feito com superior criterio e que abona no mais alto grau a disciplina e lucidez do seu espirito.

No entremetos ia-se desenfadando com outros escriptos de imaginação taes como os *Contos para operarios*, e os *Contos de Andressen*.

Apesar da sua assiduidade de trabalho, e da sua brilhante folha de serviços, Gabriel Pereira não teria recompensa condigna se o acaso não tivesse aberto ensejo para ser elevado a um cargo importante um antigo amigo, conhededor e apreciador dos seus dotes excepçoes.

## II

Pelo fallecimento do notavel poeta e dramaturgo José da Silva Mendes Leal, vagou o cargo de Bibliothecario-Mór, da bibliotheca nacional de Lisboa, que elle occupava durante muitos annos. Depois de varias peripecias, que nos abstemos de mencionar, foi nomeado, para aquelle importante cargo, o sr. Antonio Ennes, cujo nome se tinha assignalado nas letras patrias por trabalhos de varia natureza muito apreciados. Era tambem já muito conhedido nas lides politicas, o que o tornava mais nomeado ainda. Não se tendo dedicado até ahi a estudos bibliographicos, mas desejando, como homem relativamente moço, imprimir nova ordem no estabelecimento a seu cargo, entendeu que o melhor era reformal-o. Infelizmente a reforma abrangeu estabelecimentos, que até ahi tinham vida independente e tradições cuja nobreza, elevação e esplendor lhe davam direito a não ser absorvidos por aquelle, a quem os seculos não tinham ainda lustrado e illuminado a existencia.

A reforma quanto a nós foi mal pensada, mal elaborada, inconveniente e abstrusa na fórma e de resultados pessimis.

Quebrar tradições legitimas é sempre um erro; é d'ellas que vive um povo, é com ellas que se evidencia a sua individualidade. Sem tradições, sem creações e instituições proprias e distinctas das dos demais povos, a nação será o macaco das outras, a sua sombra, o seu reflexo. Mas é sina dos nossos reformadores.

No meio dos disparates, dos inconvenientes, dos atropellos da reforma, uma das poucas coisas boas, que ella nos trouxe, foi a vinda de Gabriel Pereira para a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Antonio Ribeiro dos Santos foi o seu primeiro bibliothecario, e, apesar das suas multiplices occupações e trabalhos litterarios, ainda a tradiçao do seu nome se não havia apagado n'aquella casa, e a ordem e o methodo seguidos n'ella, com pequenas modificações, eram o resultado da sua acção fecunda e illustrada. Varios outros bibliothecarios deixaram recordações honrosas n'aquella casa, nenhum porém o excedeu, nem igualou.

Dispunha a bibliotheca de empregados habilissimos, acima de toda a excepção, faltava porém a direcção superior que ligasse e desse ordem a todos esses trabalhos um tanto desconnexos.

As coisas continuariam na mesma porque Antonio Ennes, todo entregue d'alli a pouco á politica, á alta politica e ausente do paiz, deixou de facto de exercer o cargo que lhe haviam confiado, o que já havia succedido a Mendes Leal.

Gabriel Pereira, desde o principio entregue de corpo e espirito ao cumprimento do seu dever, tem dado nova ordem ao vasto estabelecimento confiado á sua direcção. O inventario está muito adiantado e em parte impresso; os catalogos estão-se reformando e melhorando; os manuscritos vae-se completando, e dentro de alguns annos não só o publico portuguez poderá conheder e consultar proficientemente as riquezas litterarias guardadas n'aquelle vasto repositorio, mas o estrangeiro saberá avaliar e admirar toda a importancia de tão valioso thesouro.

Durante o tempo da sua direcção a Bibliotheca Nacional de Lisboa tem adquirido muitos manuscritos e impressos importantes, apesar da mesquinhez e inepcia com que os nossos ministros e governos olham para as bibliothecas e archivos, pois quando lhes dispensaram um bocadinho de attenção, foi quando lobrigaram que d'alli lhes podiam vir alguns contitos de reis mais, para lançar no sorvedouro das Danaides do Orçamento.

Quem pagou as differenças foi o escalvrado e desprecado Archivo da Torre do Tombo, riquissimo manancial da historia, que por um milagre de dedicação subsiste e luta, apesar da exiguidade dos vencimentos dos seus empregados e da sua dotação.

Voltemos porém a Gabriel Pereira. Era este o seu destino. Poderia ter sido um razoavel maritimo, mas a disposição do seu espirito, a sua verdadeira aptidão era esta.

Nacionaes ou estrangeiros que visitam aquella casa e precisam proceder a alguns estudos n'ella, acham no seu illustrado director, um auxiliar valioso, um guia seguro, um espirito culto que indica, pesquisa e revolve no deposito confiado á sua guarda, os elementos consentaneos ao ponto ou pontos que o leitor precisa estudar ou rectificar.

Gabriel Pereira é um verdadeiro bibliothecario.

Que muitos annos se conserve na direcção d'aquelle estabelecimento é o desejo dos estudiosos. E se nós hoje bem dizemos a memoria de Ribeiro dos Santos, creador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o futuro fará a devida justiça aos serviços que n'ella tem prestado e prestará o seu dedicado director.

BRITO REBELLO.

## O CEZAR ADRIANO

### NUVENS E RAIOS

Não venceste, assassino; e era nobre o teu fito,  
No culto á guerra, e ao Bello, a arte humana e divina!  
E entre os grandes e os bons querendo o nome escripto,  
Tiraste a Tivoli a pedra travertina.

Semeaste a ponte, o templo, a therma em toda a parte  
Deu-te aureolas Minerva, e deu-te louros Marte;  
Em deus atravessaste o Coliseu e o Foro,

Chegaste á historia, e ao olympo indo a chegar, um triste  
Ensanguentado espectro ergueu-se, olhou-te, e ouviste  
Bradar: pára.—E paraste á voz d'Apollodoro...

A' Iberia a prata e ouro, o ferro á Palestina,  
Os marmores á Phrigia, os porphyros ao Egypto,  
O alvo jaspe á Laconia, á Thessalia o granito,  
A perola á Golconda, á Gallia a tormalina.

LUIZ DELFINO.

# CORUCHE

**N**A provincia da Extremadura, 38 kilometros a S. E. de Santarem, 50 a N. E. de Lisboa e 60 a N. O. de Evora, está situada a villa de Coruche, uma das terras mais antigas de Portugal.

Sobre a origem e fundação d'esta villa, a Historia pouco nos diz, visto ser muito antiga e por isso pouco ou nada conhecida. Entretanto alguns auctores attribuem-a aos gallos celtas, 303 annos antes do nascimento de Christo.

Nas invasões dos romanos, godos e mais povos do norte e por fim na dos arabes, seguiu a sorte de toda a Luzi-

Coruche, nada aqui alcançámos que nos podesse ser util; unicamente nos soccorremos d'alguns livros que encontrámos n'uma bibliotheca.

A villa, banhada pelo Sorraia, affluente da margem esquerda do Tejo, tem por assento uma planície, ao fundo da encosta d'um monte sobranceiro ao rio, onde existiu outr'ora o castello, de que ainda restam vestigios, não só da sua existencia, mas tambem da dos povos que aqui viveram e onde se tem encontrado objectos d'algum valor archeologico.



UMA VISTA DA VILLA DE CORUCHE

tania, vendo-se forçada a sujeitar-se ao jugo de todos os conquistadores, até que D. Affonso Henriques, na sua gloriosa empreza contra os mouros, a conquistou para a sua corôa no anno de 1166, fazendo doação d'ella á ordem militar de Aviz.

Passados alguns annos, os mouros tornaram a aposar-se d'ella, e, provavelmente pela resistencia que encontraram, destruíram-a completamente; e assim permaneceu dois annos, até que no anno de 1182 voltou ao dominio de D. Affonso I, que a mandou reedificar, reconstruir o seu castello e povoar, concedendo-lhe muitos privilegios afim de attrahir alli moradores. Entre esses privilegios, contava o de ser representada em côrtes, onde os seus procuradores tinham assento no banco 14.º Mais tarde, Affonso II deu novo foral á villa e finalmente em 1513 obteve o mesmo privilegio de D. Manuel.

Coruche tem por brazão d'armas um escudo com uma coruja ao centro, attribuindo-se este brazão á circumstancia de a villa se chamar primitivamente Coruja, que veiu com o tempo a degenerar-se em Coruche.

São estes os dados historicos que pudemos obter; verdadeiros ou falsos, apresentamol-os taes como chegaram ao nosso conhecimento, pois que, apezar de sermos de

O lugar onde estava construido e a que ainda se chama Castello, está transformado em passeio, e é digno de ser visitado, ainda por quem tenha admirado as principaes bellezas de Portugal, que certamente ficará extasiado perante o deslumbrante panorama, que se desenhola a nossos olhos.

Lançando a vista para o horizonte, ver-se-ha a extensa lezíria regada pelo Sorraia, d'um aspecto surprehendente; o gado pastando na relva; áquem e além grupos de trabalhadores de ambos os sexos entregues á sua faina campestre; ao longe, como que descortinando-se, algumas herdades, e mais perto, ostentando a sua grandeza, as herdades de Monte da Barca e Quinta Grande; áquem do Sorraia, que brandamente desliza por entre os salgueiros, a villa, com o seu aspecto risonho, mostrandonos as suas casas d'uma brancura inexcédível.

Eis uma mui pallida ideia da belleza do panorama. Na corôa do monte ergue-se uma ermida, dentro da qual sa acha um quadro com o retrato de D. Affonso Henriques, a quem se attribue a sua fundação. N'esta ermida é venerada a Virgem sob o titulo de Nossa Senhora do Castello, a quem se faz pomposos festejos em agosto, que são notaveis pelas tradicionaes touradas gratuitas

que por esta occasião se realisam, em que tomam parte os melhores artistas e amadores com grande concorrência de forasteiros.

Coruche é um dos concelhos mais ricos, se não o mais rico, do districto de Santarem. O seu actual administrador é o ex.<sup>mo</sup> sr. Alexandre de Senna Cunhal, respeitavel cavalheiro, que, pela lhaneza do seu character, tem sabido captar as sympathias dos coruchenses.

E' tambem cabeça de comarca, que foi creada ha poucos annos, sendo recebida pelo povo de Coruche com grandes manifestações de regosijo, por isso que veiu preencher uma grande lacuna, que ha muito estava a fazer-se sentir.

Presentemente acha-se á sua frente um magistrado distinctissimo, que allia aos dotes de uma superior intelligencia, um character recto e um coração generoso.

Referimo-nos ao ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Francisco Julio de Sousa Pinto, que durante os poucos annos que aqui tem desempenhado tão espinhoso cargo, tem egualmente grandeado geraes sympathias.

A villa tem apenas uma freguezia, cujo orago é S. João Baptista.

Apresenta um aspecto alegre, tem edificios de boa apparencia, e entre as egrejas que possui, sobresahe a da Santa Casa da Misericordia, que é de boa architectura.

O hospital, dependente d'esta casa de beneficencia, é um estabelecimento de caridade que está prestando um valiosissimo auxilio aos infelizes a quem faltam os meios para se tratarem, que alli encontram lenitivo para os seus soffrimentos. Apesar dos poucos rendimentos que a Misericordia possui, o hospital acha-se presentemente em excellentes condições, o que é devido não só á generosidade e philanthropia d'algumas pessoas caridosas, mas sobretudo á iniciativa e desvelada protecção do distincto facultativo, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Augusto Arthur Teixeira d'Almeida, a quem tem merecido uma especial attenção a sorte dos infelizes doentes, trabalhando incansavelmente para a prosperidade de tão util instituição, dando assim provas de quanto vale o seu talento e o seu excellentes coração.

Coruche tambem tem uma associação de socorros mutuos, intitulada *Monte pio União Coruchense*, cuja fundação se deve aos artistas, auxiliados pelas pessoas mais abastadas.

Esta associação está tambem prestando grande auxilio á classe pobre, e por isso os seus corpos gerentes enviam todos os esforços para a sua prosperidade no futuro.

Ha escolas primarias elementar e complementar do

sexo masculino e feminino, a primeira das quaes tem á sua frente um professor distincto, que já tem dado provas da sua dedicação e amor pelas creanças.

A praça, onde se faz diariamente o mercado, é o melhor largo da villa e onde se acham os primeiros estabelecimentos commerciaes.

A estação telegrapho-postal foi recentemente elevada a outra classe, passando a funcionar até ás 9 horas da noite, o que constitue um grande melhoramento para a terra.

O seu actual chefe, é um illustre coruchense, que, pelas suas qualidades de cavalheiro, se tem tornado bem-quisto de todos os seus conterraneos.

Nota-se n'esta villa a falta d'um jornal, que defendesse os interesses locais. Já aqui existiu um, intitulado *O Coruchense*, cuja duração foi ephemera.

Os primeiros jornaes de Lisboa têm aqui correspondentes, que a miudo relatam os principaes acontecimentos.

Coruche tem apenas duas sociedades de recreio; uma, onde se reúnem as pessoas mais gradas, intitulada *Club Coruchense*; e outra musical, de recente fundação, que, sob a regencia d'um habil professor, promette prosperar.

Ultimamente tem-se feito n'esta villa alguns melhoramentos; são, porém, urgentes muitos outros de reconhecida utilidade, que facilmente seriam obtidos se, da parte dos corpos administrativos d'este municipio, houvesse mais um pouco de zelo e boa vontade.

Muito teriamos que dizer a respeito do estacionamento d'esta terra; não é, porém, nosso intuito lançar recriminações sobre os seus causadores ou consentidores, e por isso abtemo-nos de considerações que deveriam provocar o estimulo dos coruchenses.

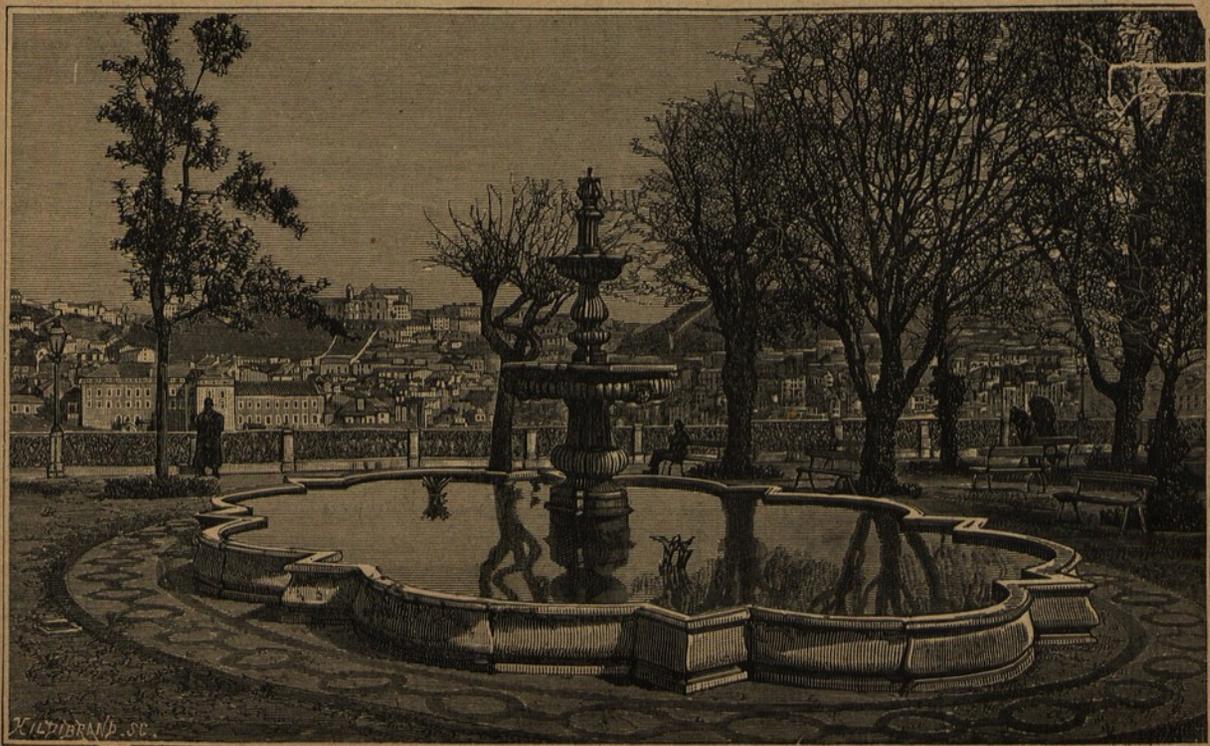
Os suburbios de Coruche são aprasiveis e muito fertes. A varzea regada pelo Sorraia é bem cultivada e produz muitos cereaes e outros fructos.

O concelho, cuja área está avaliada em 118:297 hectares, é muito abundante de gados, cereaes e cortiça. A cortiça exporta-se em grande escala, constituindo a principal fonte de riqueza do concelho. A raça de gado bravo é com cuidado apurada pelos principaes creadores, que se esmeram em apresentar nas primeiras praças do paiz gado puro e bem tratado.

A. F. S. J.

A gravura que acompanha este artigo descriptivo, é copia d'uma photographia que devemos á amabilidade do nosso conterraneo o ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco Codina, distincto photographo amator, a quem muito agradecemos.

## LISBOA



O LAGO E A ALAMEDA DE S. PEDRO DE ALCANTARA

# PORTO — O PALACIO DA BOLSA

Chamou-lhe Pinheiro Chagas *cathedral de trabalho* e, realmente, quando se defronta com a sua fachada esbelta, quando se penetra no seu atrio, quando se percorrem os seus salões, tem-se a illusão de um templo erguido á

arabe, alli se acha personificada essa grande e laboriosa individualidade — o commercio do Porto — na austeridade das suas formulas de negocios e na grandeza deslumbrante das suas conquistas.



PALACIO DA BOLSA DO PORTO — A escadaria

**RELIGIÃO DO TRABALHO.** Não ha alli abobadas artesoadas que reflectam os eccos dos canticos; tudo, porém, alli parece reproduzir o sussurro da actividade dos armazens e o ruido das officinas, arfando na ancia de produzir e na ancia de espalhar riquezas. Desde a severidade da architectura toscana até aos primores polychromaticos do salão

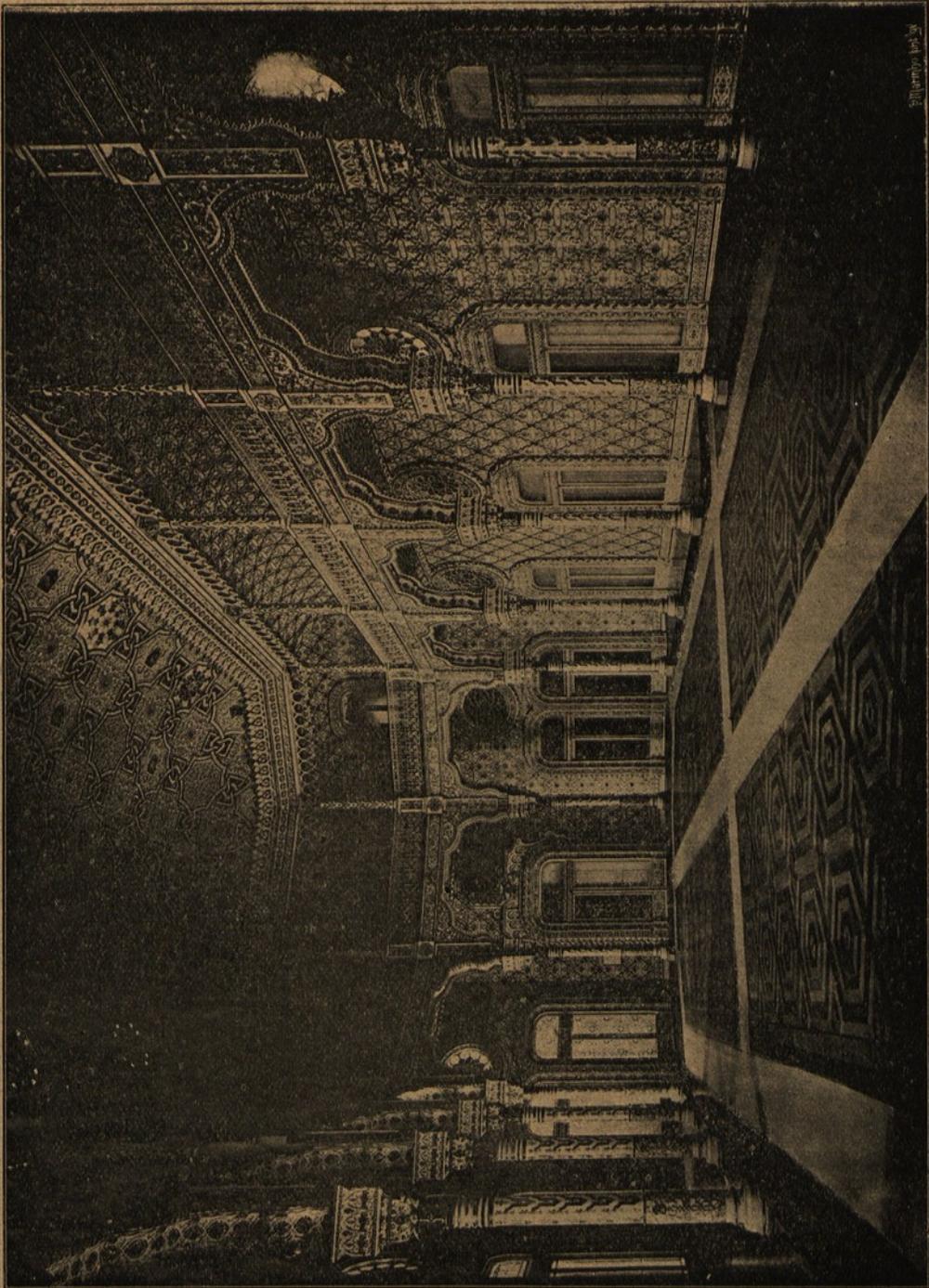
Esse soberbo consorcio de estylos, por mais extravagante que possa parecer, caracteriza bem, a nosso vêr, esse commercio que nos modernos tempos tem implantado a palma das suas iniciativas em todo o mundo e tem sido o primeiro a fazer tremular a bandeira portugueza em mares até então vedados ao commercio nacional.

Tem esse commercio um tanto de cavalleiro e um tanto de sonhador ; tem, pois, a architectura do seu Palacio da Bolsa um tanto do musculo de luctador e da cythara de poeta.

E' de grandioso fabrico o edificio. Quem sobe pela escada principal da rua de Ferreira Borges entra n'um amplo atrio, á esquerda do qual fica o gabinete de leitura e bibliotheca. Encerra esta ultima obras antigas de merecimento e tambem n'ella se encontram obras modernas,

Associação, de proporções amplas, mas singelamente installada.

O atrio central do edificio é de boas proporções e offerece deslumbrante aspecto ; é ladeado por um claustro envidraçado e tem uma graciosa cobertura metallica, projectada pelo distincto e saudoso architecto Thomaz Augusto Soller. Essa cobertura foi construida nas officinas da Empreza Industrial Portugueza, a Santo Amaro, e pintada pelo scenographo Manini.



PALACIO DA BOLSA DO PORTO — O salão árabe

especialmente sobre assumptos economicos. Em amplas mezas vêem-se os mais importantes periodicos estrangeiros e nacionaes. Tambem alli se vêem cartas geographicas, planos e dois magnificos globos, um terrestre e outro celeste.

Avulta n'esta sala o retrato a oleo, em tamanho natural, de Ferreira Borges, o glorioso author do primeiro Codigo Commercial Portuguez.

Communica o gabinete de leitura com a secretaria da

No atrio central realisam-se as sessões da Bolsa official, inaugurada em 1891, e melhor local não poderia ser escolhido para reunião dos commerciantes da praça do Porto.

A escadaria nobre, que conduz ao primeiro andar, é sobrepujada por um altaneiro zimbório e as paredes lateraes revestidas de marmore com pilastras em que avultam admiraveis ornamentações em granito, que mais parecem paciente trabalho de talha em madeira do que

ornatos abertos em material tão duro e quebradiço como é o granito porphyroide.

A mais importante das dependencias do andar nobre do Palacio é, sem contestação, o salão arabe, projectado e quasi concluido pelo illustre engenheiro sr. Gustavo Adolpho Gonçalves de Souza Reis, quando architecto do edificio. E' verdadeiramente phantastico o aspecto d'aquelle amplo recinto, pela complexidade, profusão e capricho dos seus ornatos, pelo brilhantismo das côres da sua pintura, pelos reflexos do ouro que vêem de toda a parte, pelas scintillações de multiplas côres da luz coada atravez de vidraças, compostas segundo o estylo adoptado.

A impressão que experimenta quem alli penetra pôde bem comparar-se á que extasia e deslumbra o visitante, ao entrar no Alcazar de Sevilha e nos mais amplos e phantasiosos recintos da Alhambra de Granada.

Passa-se do salão arabe para a Sala dos Retratos, em cujas paredes avultam retratos, em tamanho natural, dos ultimos monarchas portuguezes.

Immediato fica a sala das assembleias geraes. E' de proporções amplas e de caracter severo. Foi delineada pelo architecto Soller e construida sob a direcção do distincto engenheiro sr. José de Macedo Araujo Junior, que desempenhou o cargo de architecto alguns annos.

N'um salão annexo, vêem-se os bustos de Fontes Pe-

reira de Mello e Hintze Ribeiro, obras primas do grande escultor Soares dos Reis, o primeiro executado em marmore e o segundo fundido em bronze, já depois da morte do mallogrado artista.

O gabinete da presidencia offerece delicada ornamentação. Nas paredes e tecto são enquadrados *panneaux*, no genero Puvis de Chavannes, pintados pelo lente da Academia Portuense de Bellas Artes, Marques de Oliveira, com assumptos allusivos ao Commercio e Industria, avultando em um d'elles o retrato do nobre barão de Massarellos, que foi presidente da Associação Commercial por muitos annos e que, tendo assistido ao nascimento d'ella, lhe dedicou a maior affeição, cooperando valorosamente em tudo quanto podesse representar engrandecimento da praça do Porto.

No mesmo andar nobre fica o Tribunal do Commercio e annexos. A sala do tribunal foi delineada pelo engenheiro Gustavo Adolpho Gonçalves de Souza.

Por occasião da celebração do tricentenario do Infante D. Henrique, em que a Associação Commercial do Porto occupou um logar distincto, foi introduzida no edificio a illumination electrica e a gaz, installando-se um bom motor a gaz e um dynamo systema Shuckert.

Nos mais recentes melhoramentos realizados no edificio tem superintendido, com a sua alta competencia, o distincto architecto sr. Joel da Silva Pereira.

Do «Guia do forasteiro no Porto.»

BENTO CARQUEJA.

## EM COLLARES



(Gravura de J. Pedroso)

# O DR. GARCIA MONTEIRO

MEDICO PORTUGUEZ EM BOSTON

AUTO-BIOGRAPHIA (TRECHOS DE CARTAS SUAS)

(Vidê o numero anterior)

Boston, 5 de maio de 1888.

Estou em vespéras de exames. Conto ficar approved, porque apesar da inquietação quasi constante em que vivo por falta de dinheiro sufficiente, tenho estudado a valer. N'este paiz, meu amigo, ha collegios de medicina onde tambem é necessario estudar a valer para passar nos exames. Á desvantagem de ser estrangeira a lingua em que estudo uma sciencia ardua, acrescente esta outra, de serem os exames por escripto. E o tempo marcado para cada exame é limitadissimo. E' difficil. Mas eu espero ficar approved.

Este inverno foi duro para mim. Imagine você que tive de me restringir muitas vezes a viver com 3 dollars (mais ou menos 3\$500 réis fortes) por semana, tendo de dar metade d'esta quantia só pela renda do quarto. De modo que me ficava dollar e meio para viver durante 8 dias! E então na epoca em que o thermometro chega a descer 20.º abaixo de zero! (Refiro-me á escala centigrada). Para viver com tão pouco dinheiro necessario de cozinhar para mim mesmo e creio que o farei até ao fim do curso. Mas esta vida de privações, que daria cabo d'um constante, d'um persistente, esta vida estou affeito a ella e já não me pesa muito. A algum raro amigo apenas a tenho contado e nunca a publiquei nas gazetas. Porem, á força de m'o dizerem, conheço que estou sustentando uma verdadeira batalha, e se alguma vez digo que faço a minha cozinha, e que muitos dos meus almoços constam d'um bocado de pão e d'uma gota d'agua, é para que se não pense que me envergonho de viver tão miseravelmente.

Ah! meu amigo, se me colloco em situação de amparar o meu velho e todos os meus, como me sentirei feliz! Você póde imaginar como me corta o coração a ideia de que o meu velho ainda precisa de trabalhar. Depois da morte de minha irmã como elle deve estar abatido! E minha mãe! e aquella velhinha que você viu no cemiterio e que é minha avó!... Quando estas impressões me assaltam, conheço que a minha alma não tem endurecimento ao contacto da desgraça.

Boston, 8 de maio de 1888.

... E, sem ir mais adiante, não julgue você que eu penso agora exclusivamente no livro, descurando as minhas imperiosas obrigações; uma prova é que fiz hontem o meu terceiro e ultimo exame do primeiro anno do curso e fiquei plenamente approved. Sinto-me alegre com este bello resultado, tanto mais que varios dos meus condiscipulos, que apenas estudam, possuem dinheiro bastante e não tem a lutar com as difficuldades do idioma, ficaram reprovados. Sinto-me pois alegre do meu exito. Haja saude, que a coragem em vez de afrouxar ir se á robustecendo cada vez mais e obterei a minha formatura.

Boston, 15 d'abril de 1889.

... Esta carta vae talvez ser occupada na maior parte com coisas litterarias, mas, como sei que você se empenha mais em saber novidades da minha lucta pela vida, quero desde já participar-lhe que a semana passada conclui o segundo anno do curso de medicina com equal successo, isto é, fiquei approved e bem approved. Se as coisas me correrem sempre assim, espero estar formado d'aquí a um anno. Como você deve saber, o ensino é livre n'este paiz, apesar de haver um certo praso para o estudo de certas faculdades. O menor tempo que a lei concede a um individuo para estudar medicina são tres annos. Isto não significa porem que ao fim de tres annos todo e qualquer se possa formar. Ha estudante que leva annos e annos a tirar o curso. Os tres annos a que a lei se refere não são simples periodos lectivos, são tres

annos completos — ou sejam trinta e seis mezes. Digo-lhe isto porque ha em Portugal muito quem pensa que n'este paiz se estuda ligeiramente. Estuda-se duramente, creia. Se se leva menos tempo a tirar um curso do que em Portugal é porque os methodos americanos estão muito aperfeçoados. Você talvez se admiraria se visse creanças de cinco annos, com seis mezes de escola, sabendo o que nas escolas portuguezas se leva a aprender em dois annos.

Boston, 3 de setembro de 1890.

Desejei escrever-lhe, logo em seguida á minha formatura, porem ignorando que você estivesse ainda na Madeira, guardei-me para quando soubesse ao certo da sua residencia.

Venci afinal a lucta em que me havia mettido. Alcançei o meu diploma de medico e espero vir a gosar a vida a que me deu direito, não só um trabalho penosissimo, mas tambem o longo soffrimento causado pelas privações. Meu caro, passei muitos dias a pão e agua. Mas cá estou e o meu triumpho não me envaidece. Sou o mesmo Monteiro — tão simples como quando vestia a blusa na imprensa Guttemberg.

De ha muito que decidi ficar n'este paiz. Que iria eu fazer para a minha terra? Que vida poderia eu lá ter? Você sabe muito bem que o meu espirito nunca poude conformar-se com a singelesa d'aquelles costumes. Hoje, depois de ter respirado este grande ar de trabalho e independencia, por mais de seis annos, depois de ter dado ao meu character uma tempera muitissimo mais rija do que elle tinha, se fosse para a minha terra acontecer-me-ia uma de duas coisas: morrer de tedio ou fugir outra vez. Por aqui vivo melhor.

Accresce a circumstancia de eu andar tratando de estabelecer o meu *home*. Quasi no fim da minha lucta comecei a receber a compensação. Casualmente uma miss americana — escriptora de grande merito — achando-se de passagem em Boston, ouviu falar de mim como litterato, e da minha tenacidade em obter o curso de medicina só á custa do meu braço. Estava eu para ser-lhe apresentado quando ella teve de voltar para casa dos paes, em Boonville, estado de Nova York. Para encurtar a historia estabeleceu-se uma correspondencia entre nós e decorridos uns cinco mezes fui visital-a. Ficou assim o nosso casamento contratado.

... Remetto-lhe um exemplar do convite que a classe dos estudantes formados, dirigiu ás pessoas conhecidas para assistirem á recepção dos diplomas. Foi uma cerimonia solemne — um dos dias mais felizes da minha vida.

Como flagrante documento humano, ahí ficam, extrahidos de longas cartas desopressivas d'uma alma em luta brava com o meio que a cerca, os fragmentos prometidos e que interessam ao nosso proposito: mostrar por um novo exemplo, de como, nas condições mais desfavoraveis, se pode conquistar uma posição independente, sómente pelo esforço persistente do nosso querer.

É um character forte, o d'este nosso compatriota, e tanto mais digno d'uma evidencia gloriosa, quanto na sociedade portugueza d'hoje, a maioria dos rapazes de talento e estudo, mas pobres, preferem vir humildemente ao caldo da portaria do convento, modernamente conhecida por — mesa do orçamento.

O restante da sua correspondencia, não é menos impressiva. Curiosissimo, por exemplo, ver como aquella rapaz, lá tão longe, rasgando os pés na estrada da vida por onde ia de caminho, levava os olhos fitos no alto (onde demora a região serena da Arte) e o coração (digno d'um christão primitivo), cheio de fé em si. A sua alma de poeta nunca o abandonou. Tambem não é muito com-

mum a resignação com que elle, na *nota* ao seu livro, se refere a umas promessas editoriaes que lhe iam de cá, ora d'uns, ora d'outros, mantendo «o meu doirado sonho de tantos annos» como elle diz. E ainda, a proposito do regresso, á sua mão, do manuscripto dos seus versos, acrescenta sem sombras de azedume: «Recebi-o como se acolhe um aventureiro que volta d'uma longa e infructifera viagem.» Vê-se, que a luta lhe derá a conformidade, aquelle bem da alma, tão apreciado e tão desejado por Anthero, o santo Anthero.

Mas, emfim, cerremo-nos por aqui. Para a indole do semanario em que estamos escrevendo, este assumpto já vae longo em demasia. N'outra revista de mais largo plano, não resistiriamos á publicação de outros trechos da correspondencia de G. Monteiro; certos de que, para alguns leitores, como para nós, o que foi ou é *vivido*, tem, pela sua natureza e para a verdadeira analyse e interpretação da Vida, um valor, que não attingem as mais altas concepções dos novellistas. Do que temos lido de Fialho

d'Almeida, nada nos ficou e se conserva vivo no nosso espirito, tanto, como a sua auto-biografia.

\*

De Garcia Monteiro, aqui n'este semanario, sómente nos resta a dar ao leitor a quem conseguimos interessar, alguns especimens do seu livro de versos, composto typographicamente por elle proprio, conforme nos conta na *Nota*. No proximo numero, o leitor poderá apreciar a sua maneira artistica.

\*

Pareceu-nos justo, que de cá da patria, uma voz, pelo menos, saudasse no novo doutor portuguez em medicina, residente na America do Norte, as suas qualidades d'energia moral, que, perante os *Yankes*, tanto lustre dão ao povo em cujo seio nasceu. Seja pois essa voz a do *Branco e Negro*.

HENRIQUE DAS NEVES.

## UMA CARTA DE JOÃO PENHA

O soneto do illustre poeta das *Rimas* e da *Viagem por terra ao paiz dos Sonhos*, que publicámos no nosso ultimo numero, sahiu com dois erros, devido — porque não dizel-o? — a um descuido da revisião e um pouco tambem — que o poeta nos perdõe, — á sua hierogliphica letra de... advogado.

João Penha escreve-nos a rectificar esses dois erros. Não fugimos á tentação de dar aos nossos leitores essa pequenina carta que denota no seu auctor um fino *humour*, já revelado, de resto, em quasi todos os sonetos das *Rimas*.

... Sr. J. S. e meu presado collega.

Apesar da minha recommendação, e dos cuidados da redacção do *Branco e Negro*, o *A tua mão* sempre sahiu com dois erros typographicos. O 1.º *fin* por fino,

ainda podia passar, mas o segundo não, porque transtorna a harmonia do verso:

De joelhos peço: dás-m'a?

por

De joelhos a peço: dás-m'a?

Foi pena, porque a pagina vinha muito bonita.

O desenho, com uma *cassete* a trasbordar de joias ou de peças de oiro (ao que parece) — até se poderia considerar ironicamente symbolico, attendendo a que a joven, dona da mão, guarda n'ella nada menos de 200 contos, que serão para aquelle a quem ella a der. Pela minha parte o pedido está feito, mas parece-me que se ella dissesse que *sim*, eu talvez respondesse que *não*, que o pedido não tinha sido feito a serio.

Foi pena.

Cumprimento-o.

35—x1—97.

De V. etc.

J. PENHA.

## PERDIDA...

Como a sua face é pallida e doentia  
Fui perguntar á lua d'alabastro  
Que nos campos do azul se aborrecia:  
— Não andaria por aqui, ó Astro!  
A minha noiva merencoria e fria? —

Como a sua voz é doce e tão suave  
Fui perguntar a um colibri côr d'oiro  
Que gorgeava uma ariasita grave:  
— Não cantaria por aqui, ó Ave!  
Um colibri que é todo o meu thesoiro? —

Como a sua trança é negra — negra noite!  
Fui perguntar á noite silenciosa  
Que m'envolia como um duro açoitte:  
— Não verias a trança, tú, ó Noite!  
Trança da minha amada esplendorosa? —

Como o seu labio é car'inal e quente  
Fui perguntar a uma papoula, ao prado,  
Que abria o collo ao sol concupiscente:  
— Não sorriria aqui, ó Flôr ardente,  
O meu desejo, o meu maior peccado? —

Como o seu collo é lyrial, tão breve,  
Fui perguntar á neve immaculada  
Que s'estendia como um manto leve:  
— Não roubariam por aqui, ó Neve!  
A carne d'ella, alvissima, sagrada? —

Como os seus olhos são dois crysolithos  
Fui perguntar ao brilho d'uma estrella  
Que era a mais linda d'esses infinitos:  
— Não guardarieis vós, Raios bemditos!  
Os olhos vivos, scintilantes, d'ella? —

E ave e flôr e noite e astros, e  
Tudo o que eu interroguei em vão,  
Me respondeu: — Como has de tel-a aqui,  
Se anda sempre contigo, sempre em ti,  
Se ella nunca te sae do coração?

João VERDE.

# GALERIA DE TRAJOS NACIONAES

## OS BIÓCOS

O costume das mulheres portuguezas occultarem o rosto em rebuços, biócos e mantilhas trouxe provavelmente origem da tradição mourisca. Correia Garção, que viveu no seculo passado, assignala esta origem, e dá noticia de que o costume declinava:

Já lá vão os biócos portuguezes,  
Mourisca usança, barbaro ciume,  
Que uma pobre mulher afferrolhava,  
Quaes se guardam freneticos orates.

As mouras, ainda hoje, quando saem á rua, vestem o *aike*, especie de toga romana commum aos dois sexos, e cobrem a cabeça, «fazendo um jco de fresta com as duas mãos» (Ruy da Camara, *Viagens em Marrocos*), de modo que apenas se lhes podem vêr os olhos. Por occasião das peregrinações a Meka levam sobre o rosto um panno de Mussul (na Europa, *musse-line*).

Os mouros, no inverno, abrigam a cabeça no capuz do albornoz, e nas outras estações do anno uzam o barrete ou o turbante.

Foi certamente d'elles que os nossos cavalleiros adoptaram a touca, á laia de turbante. Os ricos-homens e os seus pagens uzavam nas festas e saraus da côrte, desde o principio da monarchia, toucas bordadas, com plumas (Herculano, *O bobo*; Rebello da Silva, *Odio velho*). Em combate, tambem uzavam toucas de ferro (Herculano, *A morte do liador*).

Parece, porém, que este costume se foi perdendo, e que no seculo xv reviveu, generalisando-se então com o gosto pelos biócos, que os homens tinham adoptado á imitação das mulheres.



Rebuço de Portimão

Nas côrtes de Evora, de 1481-82, um dos capitulos apresentados diz que «humm costume mao e muy danoso a vosa Justiça e pouco se *husa ora* em vossos regnos muitos homees asi de cavallo como de pé se embuçam com toucas que lhe nom parece salluo os olhos» isto é, que lhes não deixam vêr senão os olhos.

E pede que «os escudeiros e outras quaesquer pesoas de quallquer callidade que seja que amdarem caminho embuçados per maneira que nom sejam conhecidos tanto que chegarem aos lugares de pouoaçom se descubram que lhes pareçam os rrostros perque os homees sam conhecidos.»

O rei respondeu summariamente: «que nom he cousa que se deva defender.»

O costume continuou por todo o seculo xvi, pois que Jorge Ferreira de Vasconcellos, que morreu em 1585, diz no prologo da *Aulegraphia*: «dado que como ando de rebuço a uso de galantes anornetados, não sei se me conheceis agora que vos fallo de face a face.»

No seculo xvii uma pragmatica (1674) prohibiu que os estudantes de Coimbra trouxessem a capa pela cabeça, o que dava logar a abusos por parte d'elles e d'outras pesoas.

Mas, apesar da decadencia dos biócos femininos notada por Garção no seculo passado, o que é certo é que em nossos dias, comquanto a mantilha já tenha desaparecido, ficarram ainda na tradição nacional, e subsistem em algumas regiões do paiz, os rebuços e biócos.

Talvez porque ao sul de Portugal a occupação dos

mouros fosse mais longa, e portanto maior a sua influencia nos costumes, ainda hoje as mulheres no districto de Portalegre uzam biócos com que occultam o rosto, especialmente quando deixam cahir o véu que faz parte integrante do bióco; e no Algarve, apesar de um governador civil querer em 1892 acabar com identica tração, não o conseguiu completamente.

Esse governador civil foi o sr. conselheiro Julio Lourenço Pinto, que publicou então o seguinte edital:

«Faço saber que pelo regulamento policial d'este Governo Civil, de 6 do corrente mez, com execução permanente, approvado pelo governo, determino o seguinte:

Artigo 32.º E' prohibido nas ruas e templos de todas as povoações d'este districto o uso dos chamados rebuços ou biócos de que as mulheres se servem escondendo o rosto. — Artigo 33.º As mulheres que, n'esta cidade, forem encontradas transgredindo o disposto no precedente artigo serão, pelas vezes primeira e segunda, conduzidas ao commissariado de policia ou posto policial mais proximo, e nas outras povoações á presença das respectivas auctoridades administrativas ou aonde estas designarem, a fim de serem reconhecidas; o que nunca terá logar nas ruas ou fóra dos locaes determinados; e pela terceira ou mais vezes serão detidas e entregues ao poder judicial, por desobediencia. — § unico. Esta ultima disposição será sempre applicavel a qualquer individuo do sexo masculino, quando fôr encontrado em disfarce com vestes proprias do outro sexo e como este encobrindo o rosto. — Artigo 34.º O estabelecido nos dois precedentes artigos não terá logar para com as pessoas mascaradas durante a epocha do carnaval, que deverá contar-se de 20 de janeiro ao entruído; subsistirão, porém, as mesmas disposições durante a referida epocha, em relação ás pessoas que não trouxerem mascara uzando o bióco ou rebuço. — Artigo 41.º O presente regulamento começa a vigorar, conforme o disposto no artigo 403.º do código administrativo, tres dias depois da sua publicação por editaes — Governo Civil de Faro, 28 de setembro de 1892. — Julio Lourenço Pinto.

Nos Açores o costume chegou até nossos dias. Na ilha Terceira as mulheres uzam ainda a capa de rebuço, a que lá chamam *travesseiro*, pendente a toda a altura do corpo como um dominó ou o bióco cingido á cintura. Na ilha de S. Miguel conserva-se pertinazmente a tradição do capello nas mulheres, apesar de todas as tentativas que se teem feito para extinguil-o. Um viajante portuguez descreve o nos seguintes termos:

«Imagine o leitor um sacco de fazenda preta com cantos inferiores em fôrma circular e de oito decimetros de comprimento e seis de largura, e ao qual por meio de fios de arame se conseguiu dar a fôrma ogival. Faça-se na base ou na parte não ogival uma abertura e metta por ella dentro a cabeça, ahi terá uma ligeira imagem do que é o capello.» (*Correio da Manhã* de 26—11—97.)

Em Hespanha, onde a mantilha transparente deixou de ser um rebuço para se converter apenas n'um enfeite, é digno de nota que na Andaluzia, provincia que pela sua situação geographica recebeu dupla influencia mourisca do Algarve e de Granada, a capota das mulheres de Cadiz se aproxima ainda do bióco das mouras.

No seculo xv, quando o costume de occultar o rosto



Mulher de Portalegre



Mulheres da Ilha Terceira



Biôco de Olhão

teve uma revivescência para ambos os sexos, veio de Italia a moda das damas da primeira sociedade substituiu em o biôco pela mascarilha, que era mais elegante.

No norte de Portugal, no Porto especialmente, a mantilha, mixto de baetilha e de capa, manto de seda, lapim ou durante rebufando a cabeça n'uma côca de papelão, arqueada sobre os hombros, subsistiu até depois de 1860.

«Ai! — diz Camillo — eu ainda conheci mulheres formosas de mantilha. A graça com que ellas as apanhavam e refegavam na cintura! Como as nalgas se relevavam redondas debaixo do lapim! E o bamboar dos cabellos anelados sob o docel negro e arqueado da côca! E não vae longe isto!» (Cavar em ruínas.)

Tambem eu, na minha infancia, ainda conheci a mantilha portuense, já meio vencida pelo chapéu, mas ainda resistente como um trajo que, por grave e composto, era tido, pelas senhoras de idade, como o mais proprio para os actos religiosos: a missa e a confissão.

Diz uma cantiga do tempo:

Minha avó é velha,  
Inda quer casar!  
Pegue na mantilha,  
Va-se confessar.

Sem embargo, tambem as meninas solteiras uzavam de mantilha:

Eu hei de tomar amores,  
Ha de ser c'um fabricante,  
Que me dê saia de seda  
E mantilha de durante.

Em geral, uzava-se com a mantilha vestido preto, de sêda ou merino; no pescoço, gorgête de rendas com um broche de ouro esmaltado.

Conheço tambem uma trova allusiva á pirraça que as raparigas bonitas pregavam aos seus admiradores quando, para ir á missa, se embiocavam na mantilha como as velhas:

A menina que é bonita  
Tambem ferra o seu calote:  
Vae á missa de mantilha  
E o pae leva o capote.

Garrett, pelo mesmo motivo, maldisse das mantilhas portuenses, que occultavam a belleza do rosto e a elegancia do corpo:

Fôrmas que Venus para si tomára  
D'essa mortalha d'invenção fradesca  
Quem as libertará? Biôco negro  
De d'onde mal vislumbra  
Raro lampejo de celeste face  
Oh! Quem o rasgará?

Foi o século XIX, o mesmo século de Garrett. E devia ser assim.

O costume já no século passado, como sabemos pelo depoimento de Garção, estava periclitante. O padre Rebello da Costa, referindo-se ás mulheres do Porto, dizia em 1789: «uzam pela maior parte de saia preta, e mantilha da mesma côr; porém, as mais distinctas, e as mais ricas, deixando o uzo das mantilhas, vestem-se de custosas sêdas, e todo o mais trajo de que se adornam, é rico e decente á proporção.»

Comtudo, a mantilha foi resistindo até ao tempo de Camillo, que a viu ainda, e deixou a esse respeito memorias interessantes.

Assim, nas *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*, descreve-a em passeio ás hortas. «Alguns passos atraz, iam as senhoras Custodia e Bonifacia, com as mantilhas de durante apanhadas na cintura, as côcas arregaçadas, e os vestidos apanhados, deixando vêr meio palmo da saia branca guarnecida de rendas folhudas, ou assarapantada rêde de bordados.» Descreve-a no theatro, aos domingos de tarde, no bom tempo em que se representava *A degolação dos innocentes*: «... tinham as mantilhas penduradas dos cabides, dando ao interior do camarote um aspecto lugubre de ágape gèntilica.» E' toda uma chronica da mantilha em acção.

A respeito do biôco (touca) das irmãs da Caridade, conta se que S. Vicente de Paula apresentára um dia a Luiz XIV duas das primeiras meninas que se filiaram n'esse piedoso instituto.

O rei, desejando fazer lhes honra, sentou-as á sua meza. Mas durante o repasto encantou-se com a belleza de uma. Querendo, porém, fugir á tentação, tomou um guardanapo, e cobriu com elle a cabeça da formosa donzella, exclamando: «Vicente, de hoje para o futuro é preciso que occultes o rosto das tuas filhas.» E desde então foi por ellas adoptada a touca, reproduzindo a fôrma como o guardanapo ficára collocado pela mão de Luiz XIV.

Herdámos dos mouros o biôco nas mulheres e a gelosia nas casas, para defender a belleza e o pudor do sexo feminino.

O Korão não prohibe, como alguns suppoem, que as mulheres saiam á rua; mas hão de ir com o rosto velado, ou acompanhadas por um eunuco.

Quem não se lembra ainda do tempo, ou o não conhece por tradição, em que as senhoras portuguezas não saham a passeio senão acompanhadas por um ou mais lacaios?

Tem-nos custado a desfazer dos mouros! E visinham ainda á volta de Lisboa representados pelos salojos. Isto cheira bastante a Berberia.



Trajo das mulheres de Olhão depois da prohibição do biôco



Mulher da ilha de S. Miguel



Mantilha do Porto



# CONTOS DE FADAS DE PERRAULT

(*A minha amiguinha que está longe*)

Minha querida amiguinha:

Que te hei-de enviar n'este principio de anno, em que tudo são festas e risos, oiro e azul, esperanças que despontam e sorrisos que desabroçam? Brinquedos, debes tel-os ás braçadas: polichinellos de seda ás riscas, batendo pratos e fazendo esgares; pequeninos gnomos, de gorro enterrado até ás orelhas, e um ar de velinhos chocarreiros; bonecas faustosas que dizem *papá, mamã*, ricamente vestidas, de labios côr de lacre e olhos esmaltados de azul do céu.

Mais util e agradável, porque tambem tem bonecas que deleitam os teus grandes olhos castanhos, só vejo este *livrinho* que acaba de sahir, puro e perfumado como um môlho de rosas do teu jardim. Verás como é lindo. Lá vem a historia do *Gato de Botas* — lembras-te de quando t'a contei? — da *Princesa encantada*, da *Gata Borralheira*, do *Chapellinho encarnado* — *para que tens uma bocca tão grande, minha avó?* — *para te comer melhor, minha neta!* — Lembras-te, lembras-te? Eras tu então mais pequenina; e os teus olhitos perspicazes fixavam-se em mim, muito abertos, seriamente amedrontados; e a tua bocca pequenina e rosada apertava-se como um botão de rosa, n'uma manhã de orvalho.

Lê o e manda-me dizer as tuas impressões. Serão ainda as mesmas, de terror? Não me parece, porque já és hoje *uma senhora* e as *senhoras* não costumam ter medo d'essas lindas historias de fadas e princezas encantadas. Deves gostar, porque, — deixa-me confessar-te isto baixinho e não o digas a ninguem — eu tambem gosto muito d'ellas e ainda hoje me entretêm. Sabes porque é isto? Porque o que é bem feito agrada sempre. E o auctor dos *Contos de fadas*, que te envio, foi um mestre na *arte de entreter os meninos*. O traductor é um rapazinho muito novo, ainda assim mais velho do que tu, minha *grande senhora*, que já tem assignado varias *Historias para creanças* no *Branco e Negro* e que — vê tu lá o que é a gente ter força de vontade! — nos promete mais obra, porque é muito intelligente e trabalhador. E' o mais novo de

todos os que andam á conquista n'esta lucta das letras! agasalhal-o e animal-o é, pois, um dever de nós todos.

Não deixes de recommendar o livro a todas as tuas amiguinhas e amiguinhos, porque realmente os *Contos*



Gravura extrahida dos *Contos de fadas*

de fadas, de Perrault é o melhor brinde que uma creança pôde desejar possuir n'este tempo de festas.

Estende-me os teus labios côr de rosa para que eu os beijee.

J. S.

## CANTO EXTREMO DE UM CEGO

Eu tinha um unico amigo,  
Tinha só um e não mais;  
Vivia sempre commigo  
No exilio da desventura:  
Por mais feliz creatura  
Não me deixava jámais.

Na minha infancia primeira,  
Meus débeis passos guiou;  
Na pobreza, na cegueira  
Meu condão amenisava:  
E quando a esmola faltava  
Elle nunca me faltou.

Era o meu unico affecto,  
Na cegueira o meu bordão;  
Debaixo do humilde tecto,  
Quando a febre me prostrava,  
Quem dos meus males cuidava,  
Era só elle — o meu cão.

Todo o dia hontem chamei-o,  
Não latiu... não respondeu!  
Já, como d'antes, não veiu!  
Quem sabe se anda perdido,  
Ou d'algum ferro transido  
Quem sabe se não morreu!

Ou quem sabe se a velhice  
Do cego o amedrontou?  
Talvez, o ingrato... o que disse?  
Chamei-te de ingrato! amigo,  
Perdão! não sei o que digo,  
Que nem já sei o que sou!

Ingrato — não. Tu não tinhas,  
Na pelle involta de cão  
Uma irmã d'essas mesquinhas  
Afeições vis — dos traidores,  
Que vão sorrir aos senhores  
Nos regios palacios, não!

Ai de mim, tão desgraçado  
Que nunca mais te hei de ter!  
Quem hoje ao cego acordado  
Ao pêso de tantos annos,  
Quem virá d'entre os humanos  
Piedosa mão lhe estender?!

Quem lhe ha de guiar os passos  
Mendigando o escasso pão?  
Ou quem lhe ha de abrir os braços,  
Quando, á mingua de alimento,  
Ficar na rua ao relento?  
Ninguem, ninguem... nem um cão!

Quem me vir o meu *Pardinho*,  
Por piedade, pelos céus!  
Tenha dó do coitadinho,  
Que talvez definhe á fome,  
E dê-lhe do pão que come  
Uma migalha, por Deus!

Mas, se o topar moribundo,  
Pelo amôr que a mãe lhe tem!...  
Diga-lhe que n'este mundo  
O cego que elle guiou,  
Quando o seu cão lhe faltou  
Morreu de fome tambem!

BRUNO SEABRA.

# A ESTREIA D'UM CHAPEU



(Continúa no próximo numero.)

## COISAS ALEGRES DE JOÃO DE DEUS

Morava elle em Lisboa, n'uma casa de hospedes, um terceiro andar de qualquer rua da baixa. Costumava apparecer ahí, a certos intervallos, uma gentil rapariga, dona dos mais formosos olhos negros que um terceiro andar da baixa jámais viu, e que não era tão desprovida de intelligencia que a não tivesse sufficiente para comprehender os fidalgos madrigaes do mavioso poeta. Por isso, quando ella apparecia nas elevadas alturas do seu terceiro andar, João de Deus sentia-se immediatamente enamorado.

Sucedeu, uma vez, que a graciosa musa dos olhos de azeviche demorou per mais alguns dias a sua visita, e, então, o coração inflammavel de João de Deus attingiu um verdadeiro estado de ebulição. Vendo-a, ouvindo-a, sentindo-a todos os dias, quasi a cada hora, o poeta deixava-se agora empolgar sem resistencia por um amor que brotava incandescente no seu peito; a hospeda gentil ja-lhe agradecendo gratamente os cumprimentos e madrigaes, mas parecendo sempre pouco disposta a tomal-os em maior conta do que provas da amabilidade do poeta, talvez algo ardente de mais, mas emfim apenas amabilidade. A situação, n'estes termos, não podia manter-se por muito tempo, ao menos para a ancia e incerteza de João de Deus, que, um dia, cobrando maior coragem, desfechou á bella dona dos olhos negros uma declaração em fórma e com todos os requisitos do uso: — olhos em alvo, suspiros sentimentaes, etc.

Não se desconcertou a graciosa requestada, com o inesperado ataque, e replicou immediatamente:

— Lisongeia-me muito a sua confissão, e creia que me orgulho por me sentir assim amada por um homem como o senhor. Mas, sr. João de Deus,—proseguiu implacavel, a dama,— eu estou para casar com meu primo Joaquim!

O poeta *embatucou!* Não esperava por este desfecho. Bastaram-lhe, porém, poucos minutos para recuperar o sangue frio e a sua veia comica, e, por isso, passado o effeito do choque, retorquiu mordazmente, com uma inflexão melancolica:

Se eu fosse Joaquim,  
Então sim!  
Mas, como sou João,  
Então não!

FIGARO.

\*

Quando elle foi increpado pelos professores normalistas de primeiras letras, de engenho methodos de leitura, não sendo professor, o poeta teve esta sahida felicissima, perguntando-lhes tambem por seu turno:

— se os almocreves é que inventaram os caminhos de ferro.

\*

A simplicidade do seu viver, e a sua bondade nativa, não lhe permittiam o repellar de si, fosse quem fosse.

D'aqui, o ser acompanhado algumas vezes, por uns admiradores, cuja admiração rastreava pela idiotia. O poeta ao ouvi-los, ria... para dentro. Tomando o por um erudito, na miopia do seu fanatismo (simples *pose*, ás vezes), dirigiam-lhe perguntas as mais esquipaticas, a que o poeta respondia com uma seriedade semi-comica muito digna de se vêr.

Certa occasião, um dos taes interrogava-o muito a serio:

— O' sr. doutor (tratava-o por doutor), qual a razão por que o peixe, sendo creado na agua salgada, é insonso:

— A razão?... E' simples (ponderou elle). Não conhece o rifão «Em casa de ferreiro, espeto de pau?»

— Conheço.

— Pois ahí está a razão. E' a mesma.

— Ah!! (pasmado de tanta erudição).

\*

Um verzejador como muitos, residente n'uma das nossas provincias do norte, foi apresentado a J. de Deus, uma vez que veiu á *côrte*. Passados tempos, para um livro qualquer que o homem emprehendeu, de collaboração varia, escreveu sêccamente duas linhas a J. de Deus, indicando-lhe o seu projecto e rematando: «mande-me versos.»

O grande lyrico, apezar de ser o ultimo a dar importancia á sua individualidade artistica, resentiu-se da semceremonia do *collega*. E como se recordava de que o homemsinho, talvez antes para singularisar-se do que por defeito natural, pronunciava as palavras encaixando-lhe um e na ultima syllaba, satisfez-lhe o pedido enviando-lhe a seguinte... trocea:

Havia na Transilvanea,  
As pé de cascos de rolheas,  
Um rei chamado Encolheas,  
Que tinha por sceptro a cutanea  
Com que cortava presunteo  
De que comia muiteo;  
E nunca usava d'assumpteo  
Que não fosse de maneira,  
Que aquella cabeça aerea  
Se risse e risse muiteo.  
Pescava nos fundos mareos  
Com anzoes de capa-rosea,  
E tinha sempre uma coisea  
No seu pensamento elevadeo:  
Era que o immenso radio  
Que o sol descreve nas marchias,  
Exerce sobre as enxarcias  
Influencia tamanhea,  
Que só intelligencia tacanhea  
E' que põe em problema  
Se acaso banhos de sêmea  
Curam sesões na Allemanhea.

H.

# SECÇÃO RECREATIVA

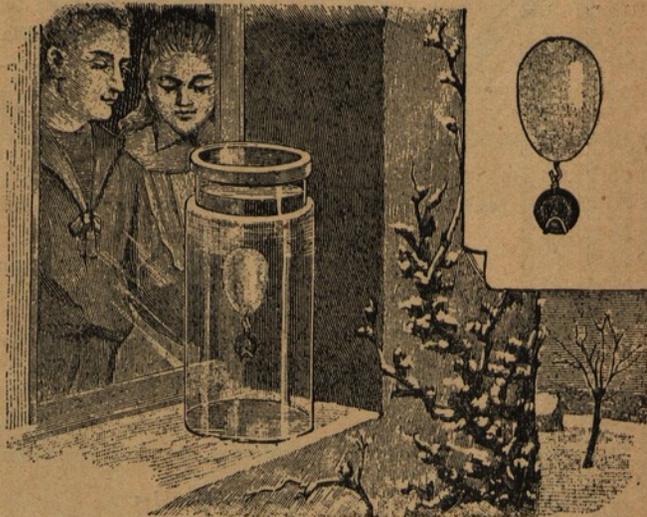
## MAXIMUM DA DENSIDADE DA AGUA

A água apresenta o notavel phenomeno de que, quando a sua temperatura desce, só se contrahe até 4°; abaixo d'este ponto, ainda que o resfriamento continue, não só cessa a contracção, mas o liquido dilata-se até ao ponto de congelação. A água possui, então, á temperatura de 4.º centrigados, um maximum de densidade, como o provaram as notaveis experiencias de Hallstrom, de Despretz e de Hope.

Não possuímos os apparatus delicados d'esses sabios, e temos unicamente á vossa disposição um ovo vasio e um frasco (ou uma celha) cheia de agua. Operamos no inverno, está claro. Eis como se prepara a experiencia: n'um quarto cuja temperatura é superior a 10º, mettemos no vaso cheio de agua o nosso ovo vasio, cujos buracos foram tapados com cêra, e ao qual suspendemos, por meio de um gancho de arame, moedas destinadas a fazel-o pesar sufficientemente, para que o lastro apenas roce pelo fundo do vaso, e que uma pequenissima diminuição de peso faça subir o ovo até á superficie do liquido. Preparado isto cuidadosamente, ponha-se o vaso ao ar livre, quando gear. A agua arrefece, a temperatura desce gradualmente de 10º (temperatura do quarto) a 4º abaixo de o, e a sua densidade augmenta até áquella parte; vêr-se-ha logo o ovo subir gradualmente ao vaso, e ficar estacionario todo o tempo que a agua está a 4º exactamente (o que se pôde verificar com um thermometer). A agua attingiu o seu maximum de densidade.

Deixe-se então descer a temperatura da agua até 0º, por exemplo, mantendo o vaso ao ar livre; a densidade da agua diminue em o ovo descendo até ao fundo.

Metta-se o vaso para dentro do quarto; vêr-se-ha o



ovo tornar a subir até ao momento em que a temperatura da agua tiver attingido 4º acima de o, e em que tiver attingido de novo o seu maximum de densidade, depois, continuando a temperatura do liquido a elevar-se, vêr-se-ha o ovo tornar a descer para o fundo do vaso, como no principio da experiencia.

Em resumo, verifica-se que, quando a agua arrefece de 10º a 4º, o ovo sobe, em consequencia do augmento da densidade da agua, e que na agua que tenha exactamente 4º, o ovo fica estacionario.

# CORAÇÃO

# DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA



LIVRARIA EDITORA

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações especiaes de percaline

A 200 réis

\* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

A 240 réis

\* Leituras para a escola primaria, por Augusto José da Cunha, 1 vol.

A 360 réis

\* Leituras correntes e intuitivas e 1.ª Hções de coisas, por Travassos Lopes, (1.ª parte), 1 vol.  
\* Contos da avósinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 400 réis

\* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 500 réis

\* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.  
Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

A 600 réis

Historia d'um peçoço, por Raul Brandão, 1 vol.  
A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

A 700 réis

Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.  
A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.  
A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.  
Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.  
A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.  
Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.  
A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.  
Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.  
Riso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.  
Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.  
N'este valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.  
Hygiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.  
Hygiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.  
Pelo mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.  
Tragedias da vida, rom. de João Salgado, 1 vol.  
Os noivos, rom. de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

A 800 réis

Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.  
Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
Morte de D. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
O Livro do Monte, poesias de Bulhão Pato, 1 vol.  
\* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.  
Dicionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.  
\* Litteratura Brasileira, estudo critico, seguido d'uma abundante collecção de prosas e versos

Os preços são por volume. As obras com o signal \* são illustradas.

dos mais notaveis escriptores brasileiros contemporaneos, por Valentim Magalhães, 1 vol.  
A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Poemas [portuguezes, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Neblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Moral para todos, por A Franck, trad. 1 vol.  
Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

A 950 réis

O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.  
Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$000 réis

Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.  
\* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.  
\* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

A 1\$100 réis

A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

A 1\$250 réis

Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$300 réis

Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

A 1\$400 réis

Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

A 2\$000 réis

\* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito ampliada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

A 3\$200 réis

\* Paulo e Virginia, celebre rom. de Bernardin de Saint Pièrre, edição illustrada de grande luxo.  
\* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.  
\* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

A 3\$600 réis

\* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de Pimheiro Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

A 6\$750 réis

\* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.

# Branco e Negro



É ENTRAR! É ENTRAR! (Quadro de G. Achille Fould)

PREÇO 50 RÉIS

N.º 94

Esta primorosa edição de PAULO E VIRGINIA, ricamente encadernada, com capa de percaline, impressa a côres e dourada por folhas, constitue o mais

**DELICADO BRINDE**

que se pôde offerecer a quem apreciar as obras primas de litteratura.

**PREÇO 3\$200 RÉIS**

BERNARDIN DE SAINT PIERRE

Notavel e esplendido romance de

**PAULO E VIRGINIA**

Edição de grande luxo, impressa em ótimo papel e ricamente encadernada com capa de percaline a côres.

Magnifica edição primorosa e illustrada com primorosas e interessantes gravuras soltas e intercaladas no texto.

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, Editor. — Rua Augusta, 52 e 54, Lisboa.

JA' ESTA' A' VENDA O

**ALMANACH**

DO

**Branco e Negro**

PARA

**1898**

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

# BRANCO E NEGRO

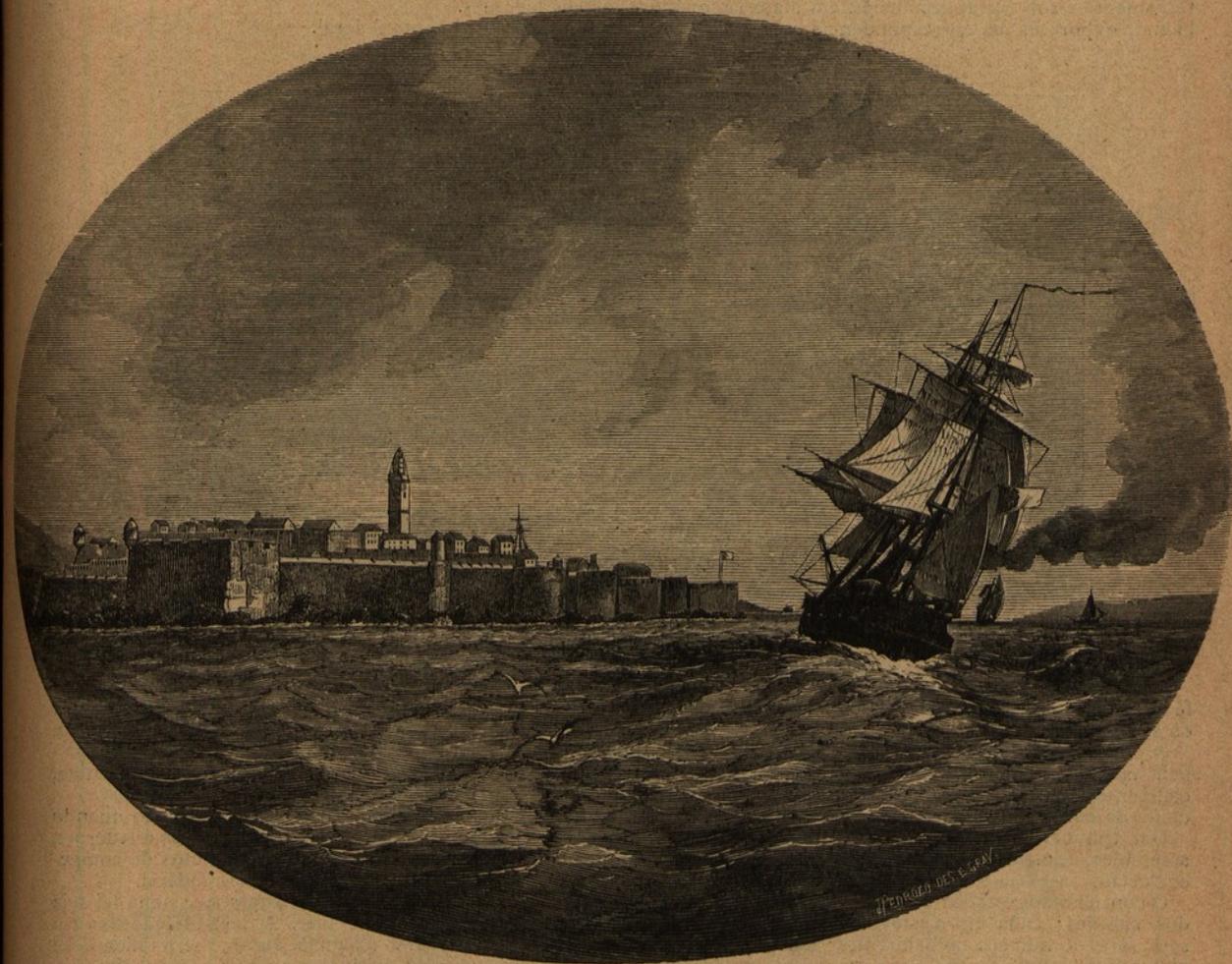
SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 94

LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 1898

2.º ANNO

## TORRE DE S. JULIÃO DA BARRA



Gravura de J. Pedroso

Saltando do comboio na estação de Oeiras, e tomando á esquerda por um caminho cavado entre terras de semeadura, barrentas e argilosas como são todas as da margem do Tejo, avista-se ao longe, rez-vez do mar, o antigo forte de S. Julião da Barra, hoje prisão temporaria de militares condemnados a degredo em Africa.

A' roda das suas muralhas ha apenas umas cazinholas de madeira, onde se faz comida e se vende vinho; e, afóra isto, a solidão da terra e a solidão das aguas...

Mas não é apenas a tristeza da grande massa negra de pedra o que alli se vê. Para os que partem, cheios os olhos de lagrimas de dôr, ella representa a ultima despedida da Patria, a guarda avançada que é a ultima a lançar-lhes um derradeiro adeus envolto em uma derradeira esperança. Para os que chegam de longe, no alto mar ainda, — ponto negro e confuso, — é ella a saudação festiva e alegre, o brado de regosijo que lhes infunde na alma a ventura de virem abraçar o que deixaram na terra-mãe que, distantes, tanto lhes embalou os sonhos...

# OS PARLAMENTOS DO MUNDO

(IX)

## SUISSA

O poder legislativo na Suíça está repartido entre a assembléa federal e o povo; a primeira, que tem o direito da iniciativa em todos os assumptos, compõe-se de duas camaras: o conselho nacional, cujos membros são eleitos por suffragio em toda a confederação, e o conselho dos estados, composto de representantes dos cantões.

O povo suíço tem tambem o direito de iniciativa, directamente e sob certas condições, em materia constitucional, e por via de correspondencia com a assembléa

A ella compete eleger o poder executivo e o poder judicial para os tribunaes da confederação, mas não para os cantonaes. Tambem ratificam as allianças e os tratados que se fazem com o estrangeiro; resolvem sobre o direito de guerra, e determinam sobre as consequencias que d'esta resultam. Estão encarregados de velar pela garantia das constituições cantonaes, e exercem a mais zelosa vigilancia sobre os cantões para que se respeitem as leis federaes.

Votam o orçamento federal.



CASA DO PARLAMENTO NA SUISSA

federal, intervindo as auctoridades cantonaes em todos os assumptos.

O poder executivo pertence ao conselho federal eleito pela assembléa federal; um dos membros d'aquella, especialmente eleito por esta ultima, tem o titulo de presidente da confederação.

Um tribunal federal, cujos membros são eleitos pela assembléa, está encarregado de resolver os assumptos em certos casos particulares previstos pela constituição.

O conselho dos estados compõe-se de 44 representantes dos cantões; cada um d'estes nomeia dois, mesmo que seja fóra do numero de habitantes; e nos que estão divididos, cada semi-cantão elege um deputado.

Os que compõem o conselho dos estados recebem uma gratificação dos cantões que representam. O conselho verifica o direito dos seus membros e nomeia entre si, por maioria absoluta, presidente, vice-presidente e dois escrutinadores.

O conselho nacional é eleito pelo povo, sendo um deputado por cada 20.000 habitantes. As circumscrições eleitoraes fixam-se pela lei federal; cada cantão divide-se em um ou varios collegios, mas cada cantão ou semi-cantão nomeará um deputado, pelo menos, seja qual fór o numero dos seus habitantes. O conselho nacional conta hoje 147 deputados, que são eleitos por tres annos.

Os deputados do conselho nacional recebem uma gratificação «de presença» de 4.000 réis diarios, abonando-se-lhes além d'isso as despesas de viagem.

As duas camaras legislam sobre as leis de todas as especies que emanam da soberania federal, sem tocar no dominio reservado aos cantões. Cada um d'estes tem as suas leis particulares, a sua constituição, etc.

Resolvem sobre as appellações dos cidadãos contra as sentenças cantonaes, os conflictos de competencia e o direito de perdão e amnistia.

As duas camaras exercem, não só o poder legislativo, mas tambem o constituinte.

Cada camara delibera em separado, excepto quando se trata das eleições do conselho e do tribunal federaes, das appellações de perdão e dos conflicts de competencia. Então constituem a assembleia federal.

Trinta mil cidadãos podem exigir que uma lei seja submettida á votação popular. A constituição fixa em noventa dias, a contar d'aquelle em que se publica a lei ou decreto, o praso durante o qual se póde pedir o *referendum*.

O conselho federal, composto de sete individuos, nomeia-se por tres annos depois de cada renovação do conselho nacional, não podendo eleger-se mais de um individuo no mesmo cantão. Os seus membros são reelegiveis, e prohibe-se-lhes desempenhar outras funcções ou exercer uma profissão qualquer.

O presidente da confederação é eleito no seio do conselho federal; a assembleia nomeia-o por um anno, e não é immediatamente reelegivel. Igual em cathgoria aos seus collegas, não tem mais senão o encargo de os dirigir e distribuir o trabalho entre os diferentes departamentos.

O presidente recebe um ordenado de 2.700.000 reis.

O conselho nacional é nomeiado por suffragio, sendo eleitor todo o cidadão suíço que tenha vinte annos de idade.

As duas camaras suíças reúnem-se em Berne, em grandes edificios sem character architectonico.

# COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — UM KIOSQUE NA MOURARIA, aguarella de Roque Gameiro

# EXCAVAÇÕES LITTERARIAS

Agruparemos d'ora em diante, sob esta designação, todos os artigos interessantes que andam espalhados em jornaes. Como o *Branco e Negro* é uma revista que forma volumes semestraesahi melhor ficará archivado tudo o que houver de mais curioso e que foi escripto ha dezenas d'annos. Além d'isso, os nossos indices, por ordem alphabetica, facilitam a procura d'esses artigos, hoje existentes, — pelo menos a maior parte d'elles — apenas na Bibliotheca Publica de Lisboa. Quem, pois, os queira consultar escusa de sahir de sua casa, tendo a nossa revista.

Escusado se torna encarecer este melhoramento, para o que não poupamos nem canceiras nem dispendio, porque toda a gente comprehende a sua utilidade.

Para principio damos hoje um artigo sahido em folhetins em 1859 sobre o *Marquez de la Seiglière*, agora em scena no theatro de D. Maria com o titulo de *Mademoiselle de la Seiglière*. E' curioso confrontar o que era o theatro ha 39 annos e o que é hoje, sob o ponto de vista da educação popular, n'esse genero de litteratura; e além d'isso, fazer o confronto entre os actores que então interpretaram a deliciosa comedia de Sandeau e os que hoje a desempenham.

## O MARQUEZ DE LA SEIGLIÈRE

Os amigos da arte scenica devem folgar quando no theatro nacional se representam comedias, como a do *Marquez de la Seiglière*, que agora está em scena no theatro de D. Maria II.

Nós que lastimamos o abatimento da scena nacional, que, mais que tudo, deploramos a indifferença com que são considerados os nossos primeiros actores, alegrámo-nos quando os vemos, como hontem, elevarem-se a tamanha altura.

A moda e o capricho levam a sociedade mais escolhida da capital a admirar quaesquer actores estrangeiros que a estas praias chegam para buscar fortuna. N'elles vêm quasi sempre o talento, e a benevolencia os acompanha. Enquanto os actores nacionaes são desprezados, os estrangeiros são levantados sobre pedestaes em demasia grandiosos para tão pequenos vultos. Mal pôde medrar a arte; difficil é ao talento robustecer-se perante a frieza do publico. O favor, a benevolencia, e a estimacão publica sós lograrão aperfeiçoar actores, que se crearam a si, e que á custa de prodigiosa perseverança e de incansaveis luctas conseguiram ser actores para vêr e até admirar.

Não sabemos decerto como podem os artistas do theatro de D. Maria II resistir á frieza com que o publico os considera. E' impossivel que se mantenham aquelles bríos artisticos, aquella attenção no desempenho dos papeis, aquelle esmero que a protecção promove, quando se representa dias e dias consecutivos perante uma sala quasi deserta.

As causas de tamanha e tão immerecida indifferença são muitas, e longo seria apontal-as; muitas são bem conhecidas, e algumas tem sido apontadas; mas quasi sempre em taes termos, que denunciam não um verdadeiro amor da arte, mas interesses mais ou menos individuaes, que se agitam em redor da administração do theatro.

Acodem-nos estas mui ligeiras considerações, porque temos de falar d'uma excellente comedia, d'uma boa versão, e d'um desempenho honroso para os artistas que n'elle tomaram parte, tendo nós assistido hontem á representação do *Marquez de la Seiglière*.

Apenas havia quatro ou cinco camarotes alugados, e na plateia estavam umas cincoenta pessoas que houvessem pago a sua entrada; todavia era a segunda representação d'uma das melhores comedias e melhor desempenhada, que se tem visto n'aquellê theatro! E por tal arte desempenhada, que nenhuns actores, nenhuns dos que a Lisboa tem vindo, levariam a palma aos nossos.

O *Marquez de la Seiglière* é, primeiro que tudo, uma

comedia de caracteres. Não ha um só personagem que não tenha a sua feição bem destacada dos outros, e que não apresente um caracter pouco vulgar, mas sempre verdadeiro.

O marquez, define-o bem Des Tournelles quando diz «é um homem de estomago de ferro, de cabeça leve e coração egoista,» e depois fica bem colorido quando na scena com Des Tournelles, no 4.º acto, chama o creado pedindo-lhe «a sua espada, a espada dos seus maiores» ao que Joaquim responde «onde a tem o senhor marquez?»

Assim, o marquez de la Seiglière é o fidalgo velho que julga que o mundo se fez para elle, para o gozar, e que os outros homens nasceram para serem seus servos. Egoista, porque foi embalado pelos principios feudaes, e porque as nobres aspirações dos Lescure e dos la Roche Jacquelin jámais o abraçaram. Emigrou deante da revolução, porque teve medo, e no exilio só chorou a perda da sua fortuna, porque estava privado dos gozos materiaes. Da nobreza só possui o orgulho fatuo; nem as leis cavalleirosas, nem o pundonor heroico da fidalguia o moveram jámais. Cruel, porque é egoista, despreza a dedicacão dos que o estimam, pensa que os extremos de affeição são homenagens dos servos, e no mundo só vê a sua pessoa e as suas conveniencias fidalgas. Présa a vida porque é para elle um gozo, e a cada passo patenteia aquella intima satisfacão do homem que só aspira a viver bem. Respeita a dynastia legitima porque a ella julga ligada a sua posiçãõ; e adorador estúpido do passado, extasia-se deante das grandes accões d'esse tempo. Zomba das guerras de Napoleão porque em alguns dias conquistava reinos, e oppõe-lhes as guerras dos 30 annos e dos 7 annos. Escarnece da Carta que não conhece, que não entende, e nem sabe que existe o Codigó Civil. Os seus instantes passa-os a caçar, a lêr os seus jornaes predilectos, e a comer e a beber. Viu o velho Stamply generosamente condemnar-se a viver das suas esmolas, cedendo-lhe as propriedades que comprára e que eram legalmente suas, e deixou-o morrer quasi ao desamparo n'um quarto frio e inhospito. Todavia o marquez ama a filha; este affecto paternal transparece atravez do egoismo. Quando se vê ameaçado de tornar a sahir da casa de seus antepassados, e de perder todos os commodos, todos os gozos, que são toda a sua ventura, e vendo além d'isso por um lado um triste futuro para sua filha, e por outro conhecendo o egoismo da astuciosa baroneza de Vaubert, resolve-se a consentir no casamento de Helena com Bernardo, da donzella representante da nobre casa de Seiglière, e do filho do villão Stamply, sancionando assim uma alliança tão desproporcionada em face das leis de nobreza, mas tão bem ajustada pelo amor e pelos nobres corações dos futuros noivos. Em summa, o marquez de la Seiglière é o typo do fidalgo antigo, sem a grandeza das aspirações, e sem illustraçãõ.

Ao lado do marquez está Helena sua filha, donzella ingenua que só crê no bem, que não vê nem comprehende o mal. Anjo fadado para a gloria da familia, e para representar os nobres sentimentos da sua raça, é como o perdão do ridiculo do pae. Vendo-a gentii, boa, generosa, herdeira da grandeza d'alma de seus antepassados, respeita-se-lhe o pae, que, por muito ridiculo e egoista, faria com que o seu braço fosse o alvo dos apupos do mundo. Helena comprehendeu a dedicacão do velho Stamply, consolou-o nos seus ultimos dias, velou junto da cabeceira do seu leito, e recebeu-lhe o derradeiro suspiro exhalado entre as saudades do filho que julgára morto na sanguinolenta batalha de Moskwa, e a gratidão da donzella que o não desampára. O coração de Helena apenas desabrocha, e todavia amadureceu nas amarguras do exilio.

E' fidalga, e respeita o villão, é uma altiva donzella, mas não regula as suas aspirações pelas conveniencias de raça: ama, e sacrifica á honra do seu nome esse amor. Dera a sua palavra e desposará o homem a quem não estremece, entre lagrimas se despede d'aquelle que de-

seja; porque acima de tudo está a dignidade da sua família, e o condão da sua nobreza. Quando julga que quizeram illudil-a, que pretenderam especular com a boa fé de seu pae e com o seu amor, avivam se-lhe os bríos fidalgos. E' um formosissimo caracter o de Helena, e está traçado por mão de mestre.

Entre o velho fidalgo egoista, e a nobre e generosa donzella, surge Bernardo Stamply, o filho do velho que restituiu ao Marquez todos os seus bens, fazendo-lhe doação d'elles, porque tinha o filho por morto. Este apparece armado dos seus direitos e animado pela vingança. Sabe que seu pae morreu á mingua no proprio palacio, que era seu, e restituiu a quem já a elle perdera todos os seus direitos. Inflamma-o o odio mal apagado de um filho da revolução contra os fidalgos, e a lembrança dos dolorosos transe por que passara o seu velho pae, nos ultimas dias de vida. Soldado de Napoleão, adquiriu na escola da victoria a arrogancia e o orgulho do francez que conquistou o continente europeu, mas dotado de um nobre coração, sabe ser elevado e grande em todas as suas acções. Entrará no castello de la Seiglière impellido pela vingança, mas o anjo da casa fitou n'elle os olhos meigos, e para logo o espirito vingativo começou a amortecer. Aquella figura divinal, aquelle espirito gentil subjugaram n'õ. Deve-lhe a gratidão de ter sido ella a consolação dos extremos dias de seu desditoso pae, e unindo a gratidão ao amor, deixa-se novamente embevecer na companhia da nobre donzella, e todos os planos tremendos de vingança se lhe varrem da memoria. Assim, quando reconhece que esse amor é impessivel, que jámais o Marquez de la Seiglière consentirá em unir a filha, representante de tão nobre estirpe, com o filho do villão Stamply, legalisa a doação de seu pae, e confirma a restituição ao Marquez de todos os seus bens. D'este modo, inspirado por um affecto puro e santo, dota a donzella que tanto ama, e que será a esposa de outro. Acção grande e que mais commove, porque o caracter é verdadeiro, é natural.

Ao redor d'estas figuras giram a baroneza de Vaubert e o advogado Des Tournelles.

A baroneza de Vaubert é uma aristocrata, egoista e intrigante. Emigrou seguindo o exemplo dos da sua classe; depois regressou á França, conseguindo, pelas delicias de Des Tournelles, reaver os seus bens. Emquanto precisou do advogado, lisongeu-o e deu-lhe esperanças de um consorcio, que Des Tournelles ambicionava, para adquirir valimento e accrescentamentos na sua posição. Depois zombou de todas as promessas que lhe fizera, dizendo-lhe francamente que a baroneza de Vaubert jámais poderia ligar-se a um peão. Aspirando a casar seu filho Raul com Helena, empregou todas as traças para conseguir este seu intento; e quando viu que Bernardo apparecera para reivindicar a sua propriedade, tratou de apredal-o n'um amor, que ella contava que seria sem fructo. Fôra a baroneza quem induzira o velho Stamply a doar ao Marquez os bens que a este haviam pertencido, aproveitando se do boato que fizera ter por morto o valente filho do honrado republicano.

Para captar a benevolencia do Marquez deu-lhe hospedagem em sua casa, quando voltou da emigração. Assim ella preparava um bom casamento para seu filho Raul. Luctando com Des Tournelles, este ao cabo venceu, e conseguiu vêr frustrados os planos da baroneza, realisando-se o casamento de Bernardo e Helena. A baroneza era astuciosa, porém os esforços de Des Tournelles, o amor do Marquez ás suas commodidades, e o affecto que unia os corações de Bernardo e de Helena, desfizeram-lhe o trama.

Des Tournelles é ambicioso; aspira um logar de presidente da Relação, e esperava que a baroneza o auxiliaria n'esta campanha; mas como a baroneza o desprezou, protestou vingar-se d'ella e o acaso quer que encontre Bernardo, animado de igual desejo. O caracter do advogado é sympathico; comquanto só a vingança e a ambição o movam, é tão justa e tão meritoria a empreza que commetteu, que inspira sympathia e affeição.

Eis aqui um esboço dos caracteres principaes da linda

comedia de Jules Sandeau. O enredo singello prende todavia a attenção, e ora excitando a hilaridade, ora commovendo, até ao desenlace deixa o espectador completamente satisfeito. E' um quadro de acções generosas, mas naturaes, e como podem acontecer a cada passo na sociedade.

O dialogo, mimoso e elegante, não se dilata por dissertações pedantescas, como essas comedias modernas, que estafam os espectadores com sermões de rançosa moral, ou epigrammaticas objurgações contra a corrupção do seculo.

O sr. Palmeirim verteu para portuguez vernaculo o bello dialogo do *Marquez de la Seiglière*, conservando-lhe a graça e o mimo. N'esta comedia os personagens falam como fala toda a gente polida; não é uma linguagem de convenção, com pertencões a espirituosa, que faz rir a quem avalia os esforços dos auctores á procura de espirito.

A execução do *Marquez de la Seiglière* é primorosa, e satisfaz plenamente. Ha até muito tempo que não vemos outra comedia tão bem desempenhada. Consideramos a n'este ponto superior ás *Flores e Fructos*.

O sr. Rosa creou um papel, que será uma das mais ricas joias do seu repertorio. Concebeu o caracter do Marquez com admiravel verdade. O velho egoista, comilão, fidalgo enfatuado, caçador por vicio, deixando entrever uns vislumbres de affecto paternal, representa o sr. Rosa com intelligencia superior. Na verdade o distincto actor adquiriu novos titulos, no desempenho d'este papel, á mais bem merecida reputação de primeiro actor. E no que dizemos exprimimos a nossa opinião e a de todos quantos têm assistido ás representações d'esta comedia.

O sr. Tasso interpreta o papel de Bernardo com muita propriedade. No 1.º acto é o mancebo ativo e educado nos campos de batalha, que vem desaffrontar a memoria de seu pae, e vingar-se dos que amarguraram os seus ultimos dias. Depois, quando cede ao influxo do amor, o sr. Tasso traduz bem o acanhamento do mancebo que ama, parece que não se atreve a declarar a paixão que o domina. O excellente galã, e unico que possui o nosso theatro, é sempre mui composto no porte, delicado nas maneiras e elegante nos ademanos.

Theodorico, no papel de Des Tournelles, está exactamente em caracter; são estes os papeis que melhor lhe ficam; é natural sem esforço, declama com mais harmonia, e a sua intelligencia, livre de constrangimento, interpreta com verdade o caracter que representa. O distincto actor tem merecido os maiores louvores no desempenho do papel de Des Tournelles.

A sr.ª Manuela Rey é tão sympathica, tão intelligente que dá o maior relevo ao lindissimo papel de Helena. Nas scenas em que se requer a graça e a candura da donzella, a sr.ª Manuela é admiravel; quando se exige aquelle sentimento ingenuo, que se revela entre lagrimas e soluços, é tão propria e tão verdadeira a sua expressão, que commove profundamente o espectador. A scena do 3.º acto em que Helena declara a Bernardo que o ama, e a ultima da comedia, desempenha-as a sr.ª Manuela com superioridade.

A baroneza de Vaubert é representada pela sr.ª Gertrudes. Esta actriz, que tem feito grandes progressos e que está sendo, depois das srs.ª Emilia e Delphina, a melhor actriz de comedia do nosso theatro, n'este seu papel, sempre que é necessario exprimir a astucia sahe-se mui airosamente, porém quando carece de expressar o orgulho e o despeito já esmorece; porque a sua maneira de dizer é monotona. Todavia na baroneza de Vaubert contribue para o bom exito que a comedia tem alcançado.

Ora, por esta incompleta noticia já os leitores vêem que o *Marquez de la Seiglière* é uma optima comedia e optimamente representada. Vão vê-la e estamos certos que todos sahirão satisfeitos e serão da nossa opinião.

Seria vergonha que representado-se no theatro de D. Maria II uma comedia de tanto merecimento, e tão bem interpretada, o theatro estivesse deserto.»



# VIAGENS NO PAIZ

(XXIX)

## VALENÇA DO MINHO

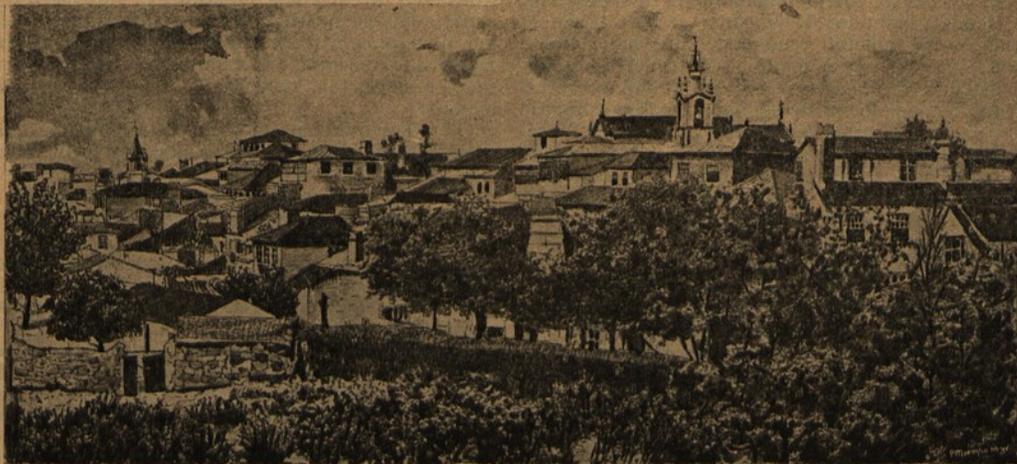
Lá no topo d'esse encantado Minho ella surge, n'um alto, com a sua muralha meio desmantelada, dominando o rio, que se estende preguiçoso e murmuroso rente ás verdes veigas de uma tonalidade fresca de esmeralda.

De Caminha para cima, o rio quasi nos acompanha sempre, umas vezes á portinhola da carruagem, quasi a lamber os rails, outras fugindo ao longe, como um fio de prata onde o sol se reflecte.

Valença, por dentro, isto é, o que fica encravado entre a cinta da muralha, é uma villa como qualquer outra, tendo ficado no retrocesso do lampeão de petroleo, o que, de noite, lhe dá um aspecto de cidadella da Edade Media. Parece-nos vêr surgir a cada esquina um bando de espadachins, embuçados

Sobre essa zona de fortificações é que foram construidas as muralhas actuaes, em cujo interior a povoação moderna se acotovella em ruas estreitas, socegadas e tristes, cortadas de longe a longe, na calada da noite, pelo alerta das sentinellas da guarnição.

Terra essencialmente militar e burocrata, tem, como as classes que a constituem, a pobreza doirada das appa-



VALENÇA — Vista geral

na tradicional capa, com o chapéu de pluma enterrado até aos olhos e os copos das espadas retinindo.

Mas cá fóra, quanta luz e quanta alegria! Descendo a rampa onde a herva brota, espontanea e verdejante, e espraçando a vista por todo aquelle rio abaixo, com as casas brancas das margens, os barcos sulcando a agua, n'uma lentidão de caravellas desdobrando os pannos, como tudo o que se vê encanta, como tudo o que se advinha seduz! Parece que os pulmões se lavam n'aquelle puro ar e que a alma se dilata ante a magnificencia de tão grandioso espectáculo da natureza.

Na sua longa viagem pelo Minho, de que ao depois nos deu um livro tão intenso e luminoso, diz o saudoso e distincto escriptor José Augusto Vieira, sobre a fundação da velha cidade de Valença e o panorama riquissimo e deslumbrante que d'ahi se disfructa:

Determinar a epocha da sua fundação é impossivel quasi, visto que muitos archeologos são de opinião que era aqui a Tyde ou Tuy edificada pelos Gregos e não a cidade visinha, que dizem de construcção posterior.

Argote diz que na margem esquerda do rio Minho existiu um antiquissimo castello, no mesmo sitio onde hoje é a praça de Valença ou muito proximo a ella, chamado Castello de Tuy; e de um grande numero de documentos antigos consta que Tuy, Tyde ou Tuyde era um antiquissimo castello da Lusitania, construido sobre um elevado monte, sobranceiro á margem esquerda do rio Minho.

rencias, embora com esta a delicadeza generosa para com os estranhos. O commercio agonisa e o trabalho não tem a vitalidade sã das grandes luctas modernas.

Como que se não respira dentro d'aquelles muros, e, no emtanto, basta subir a qualquer d'elles para que um largo panorama se deesenrole debaixo de nossos pés, feiteiro e risonho, como só a provincia sabe possuil-os.

A vista do baluarte de S. Jeronymo, atraz do paiol, é positivamente um encanto.

Que tons magicos dá a esta paizagem a hora meigamente lyrica do crepusculo! A' esquerda a montanha de S. Julião, o antigo monte Alloya, fundindo-se na prata doirada das nuvens altas; em frente Tuy com o seu aspecto de velho castello medieval, o rio em baixo sinuoso e sereno, como um lago emmoldurado em salgueiros, ao lado a planicie extensa recortada de canteiros verdes e dividida pela fila de oliveiras escuras; e á direita, a encosta do monte do Faro, salpicada de aldeias por entre mattas de pinheiros bravos, até quasi ao cabeço, onde a capellinha da Senhora da mesma invocação desenha as suas brancas linhas por entre o macisso do arvoredado, a essa hora illuminado por uma luz anil, suave como uma sombra que desce, desce lentamente.

Mas se tu queres, leitor, banhar a alma á vontade n'esse horisonte de Ideal, que só as largas paizagens te podem

revelar, então sóbe commigo a montanha e, extenuado embora, pára junto do marco geodesico que a domina.

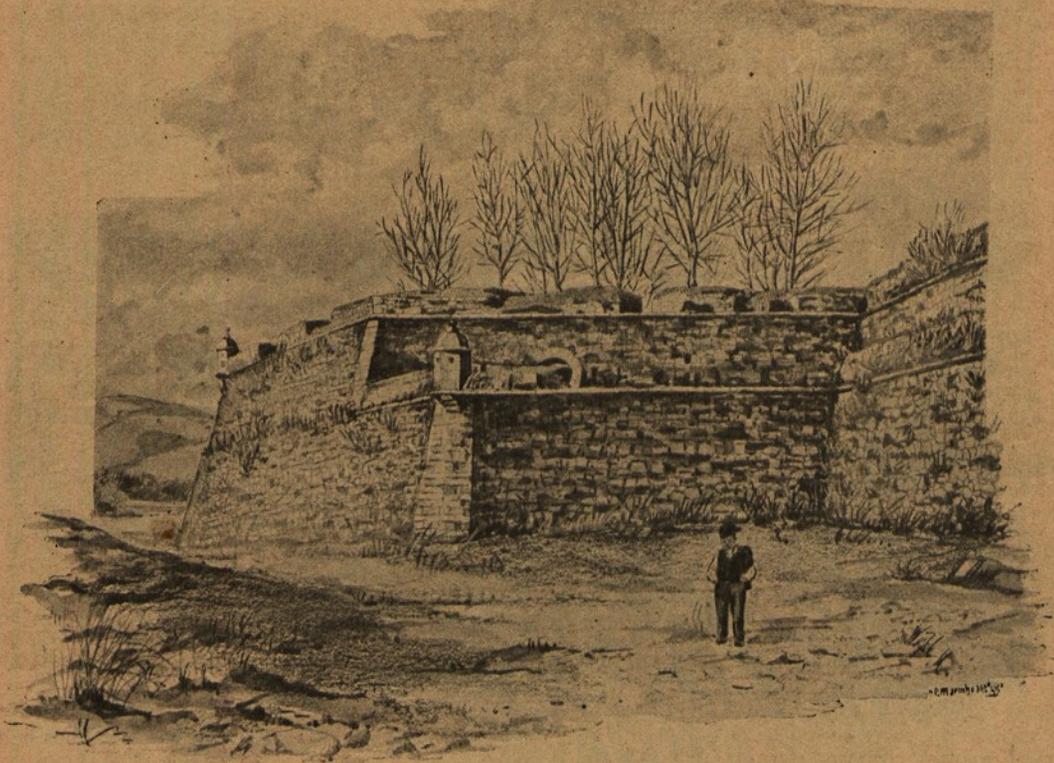
Um deslumbramento!

A *vol d'oiseau* tu avistas quasi todo o percurso do Minho em Portugal e de norte a sul as serras de Pernidello que dominam Melgaço, o concelho de Monsão que se te esconde n'uma baixa, o de Valença que principia proximo da pittoresca torre de Lapella, o de Villa Nova da Cerveira que confina com este, e ainda, lá ao longe, parte do de Caminha, onde o mar oscilla na sua ondulação azul, beijando o monte de Santa Tecla, d'aquelle ponto semelhante a um picoto isolado no meio das aguas. Em frente toda a margem gallega. Por traz de ti todo o ramo norte da serra da Bolhosa.

Mas como é formoso esse jardim immenso, com as suas arterias brancas de *macadam*, os seus canteiros com to-

Uma rainha de Aragão, Araguncia, fôra sentenciada á morte pelo rei seu marido, em virtude do desagrado em que no seu espirito cahira, por causa d'uma intriga de criados. Sabedora da sorte que a esperava, disfarçou-se a rainha e fugiu, indo-lhe no encalço o rei, que junto ao rio Minho a teria apanhado, se a rainha não houvera pedido aos barqueiros que o demorassem o tempo sufficiente para ella se acolher áquelle castello.

Veiu o rei pôr lhe cerco e pela fome empreheudu rendel-a, não lhe desejando outro mal. — dizia — senão vê-la morrer de fome e sede. Ella, porém, ahí descobriu uma fonte, que a alimentava d'agua sempre pura, e 15 dias passados veiu sobre os rochedos pousar uma aguiá ou guincho, trazendo no bico uma truta que largou, assustada talvez pela presença da rainha ou d'alguma pessoa do seu sequito.



VALENÇA — Baluarte de Sant'Anna

dos os tons do verde, as aguas espelhadas ao sol, o rio ora figurando lagos, ora imitando sinuosidades de serpente, os campanarios dando ao longe a idéa de aguias brancas dormindo sobre os pinheiros bravos, as aldeias agglomeradas, os casaes dispersos, a locomotiva como um brinco de creanças nas suas tiras d'aço, a ponte internacional como um simples ramo de madresilva lançado de margem a margem, entre Valença e Tuy, duas construcções architectonicas de aspecto medieval.

Um deslumbramento, positivamente! E, como em nenhuma outra parte, tu podes sentir a idéa de que o Minho é realmente um jardim, um esplendido jardim.

\* \* \*

Mais adiante, ácerca da freguezia de Boivão, conta-nos o fallecido escriptor uma piedosa lenda, que alli corre na tradição, e que é encantadora de singeleza, sobre o castello da *Furna*, a que outros chamam tambem *Penha* ou *Pena da Rainha*:

O nome de Penha ou Pena da Rainha vem-lhe d'uma poetica lenda a que os velhos do lugar se referem ainda.

Em vez de se aproveitar do saboroso peixe, como convinha ao seu real estomago faminto, a rainha mandou o de presente ao rei que estava com o seu acampamento no lugar, onde hoje é *Trute*. — vem do facto miraculoso o nome a essa freguezia de Monsão, — e elle persuadido de que braço divino a amparava, levantou por isso o cerco, perdoando-lhe o conflicto.

Não quiz a rainha acompanhal o depois, e por estes logares terminou a vida em devotos exercicios e penitencias austeras.

Uma pequena chá dentro do castello conserva ainda o nome de *Horta da Rainha* e ás pias onde a agua nascera pura para a dessedentar, concorre ainda hoje o povo na manhã de S. João, a fim de curar enfermidades de pelle.

Esta lenda assim aformoseada pela narrativa pittoresca do povo, excitava-me a curiosidade, e muitas vezes eu namorara d'este solitario ponto do Marco aquella penedia escura, d'uma sylvestre e melancholica rudeza.

\* \* \*

José Augusto Vieira, que era um minhoto entusiasta pelas bellezas da sua provincia, descreve-nos ainda, com

a sua colorida penna de estylista, o que era o antigo bispado de Valença, e conta:

Quando D. Affonso V conquistou Ceuta, em 1415, creou ali o primeiro bispo; mas faltando lhe as rendas sufficientes, foram lhe dadas as que o bispo de Tuy tinha na provincia do Minho, e assentou por isso a sua cathedra na collegiada de Santo Estevão, com o titulo de bispo de Ceuta, primaz de Africa. D'ahi veiu a esta igreja o nome de Sé de Valença.

Quando algum d'esses bispos fallecia, reputava-se a comarca em sé vaga e o cabido apresentava *vigario sede-vacante*.

Usam os conegos de murça com capello forrado de vermelho, e manto, por serem filhos de uma cathedral como os de Braga, que a isto se oppozeram, embora inutilmente. Por breve do papa Pio VII lhe foi concedido

Da Valença militar dar-te-hemos apenas um resumo rapido, visto que o espaço de que dispomos nos vae faltando para uma descripção minuciosa.

A praça comprehende sete baluartes e tem como addicionamento a *Obra Coroada*, com tres baluartes e dois meios baluartes, todos pouco espaçosos, principalmente o do Socorro e Lapa. O relevo oscilla entre 6<sup>m</sup>, 16 e 14,52, sendo por isso susceptivel de escaladas. Tanto a praça como a Coroada são contornadas por *falsas-bragas*, sendo ainda todo o seu perimetro rodeado de fossos com largura e profundidade proporcionaes ao relevo. Afóra isto, cada sahida ou porta é defendida por um Revelim ou Meia Lua, de dimensões bastante acanhadas.

Em volta de toda a fortaleza ha uma estrada coberta, com as respectivas praças d'armas salientes e reintran-tes, explanadas, e nos pontos necessarios lunetas com



VALENÇA

Estação dos caminhos de ferro

usar meias vermelhas, fxa da mesma côr e cordão verde no chapéu; e não pôde dizer-se que a concessão para estes artigos de *toilette* fosse muito economica, porque o breve lhes custou 600,000 réis!

Oh! a *toilette* d'um conego!

As rendas da collegiada estão sensivelmente diminutas e hoje apenas existe um conego, como representante d'essa gloriosa corporação.

Poderia ainda assim o municipio haver a si esses rendimentos, visto que é pobre, e com elles auxiliar o fomento da localidade, antes que mãos rapaces os consigam desviar para fins menos justos.

Sahindo da igreja, em cuja torre o relógio da villa está collocado, desce-se a pequena calçada em frente e depara-se á esquerda com o cruzeiro do Senhor da Praça, proximo do qual está um marco milliar, que marcava a distancia até Braga, na 3.<sup>a</sup> via romana que vinha d'esta cidade para Astorga.

\*  
\* \*

Sobre a Valença militar, isto é, como uma das nossas praças fortes, outr'ora muito afamada, diz ainda Vieira:

canhoneiras e setteiras. O paiol e quartéis ficam na Coroada.

Os assedios que a praça tem soffrido n'este seculo são em numero de quatro, alem do bombardeamento que em 1809 soffreu dos francezes, que assestaram a sua artilheria em Tuy.

O primeiro foi em 1828. O regimento 21 e os dois detachamentos de artilheria e engenharia, tendo adherido á revolução do Porto contra D. Miguel, marcharam para esta cidade, deixando apenas na praça um destacamento. Em 19 de junho, as ordenanças de Monsão, Melgaço e outras, sob o commando de Antonio Luiz Pereira Alves da Guerra, approximaram-se da praça, fazendo o destacamento do 21 e a guarda civica uma sortida ao Tuido, onde lhe deram combate, mas findo o qual tiveram de recolher á fortaleza, cujo assedio durou então até ao dia 23, na noite do qual o major Leite com o destacamento do 21 fizeram a aclamação de D. Miguel, prendendo logo todos os liberaes, entre os quaes se contavam Antonio d'Azevedo e Cunha, tenente rei, servindo de governador; Thomaz Antonio Rebocho, tenente-coronel que ficára commandando as forças do 21; o juiz de fóra José da Gama Araujo e Azevedo, o major de engenheiros João Antonio d'Almeida Cibção e o commandante da guarda civica, o bacharel José Bernardo Gonçalves Ferreira da Cunha Pinto.

O segundo sitio foi em 1834. A praça estava em poder dos de D. Miguel e guarnecida pelas milicias de Basto. Napier, que havia desembarcado em Caminha e



VALENÇA  
Palacio do governo militar da praça

tomado Vianna e Ponte de Lima, veio com as suas forças de marinha, voluntarios e milicias de Vianna, pôr cerco á praça em 31 de março á tarde, capitulando esta em 3 de abril.

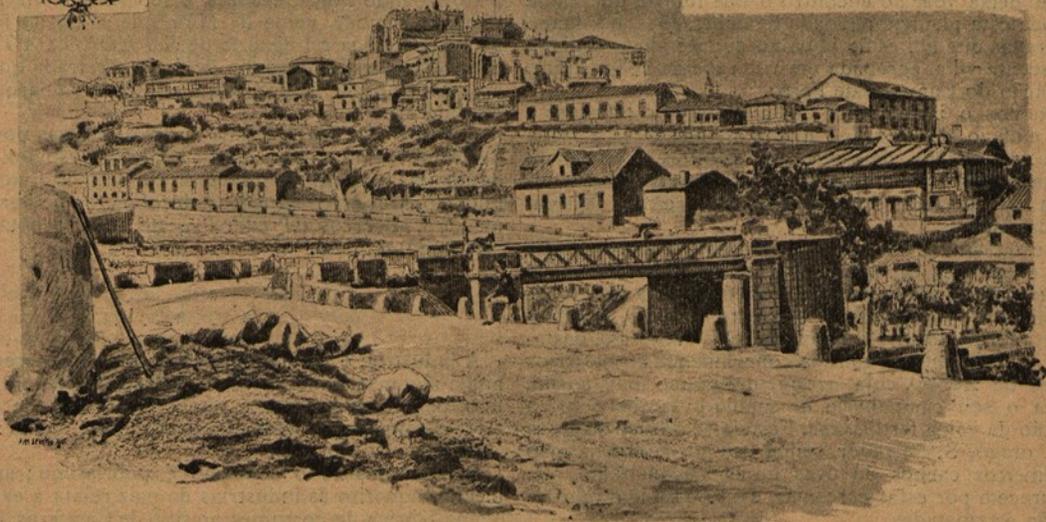
O terceiro assedio foi o de 1837, a 17 de julho. Governava a praça o major Joaquim Pereira d'Eça, na ausencia do governador barão da Ponte de Santa Maria. A guarnição revoltara-se a favor dos marechaes Saldanha e Villa Flor e tendo-se revoltado no mesmo sentido o 4 de caçadores em Ponte da Barca, o barão de Leiria com alguns voluntarios da Rainha e parte do 9 de infantaria, poz-se á frente d'essas forças e entrou em Valença em 17 de julho, perseguido já pelo barão de Almargem, que logo n'esse dia lhe poz cerco.

O assedio continuou até 7 de setembro, retirando os sitiados pela estrada de Vianna em direcção ao Porto. Os setembristas tinham collocado as suas baterias nas Chorentas, na Rapozeira, em Arão, e no Forno da Cal, e damnificaram bastante a praça com o seu fogo.

O quarto assedio foi o de 1847, por occasião da *Maria da Fonte*.

Pelas 6 horas da tarde de 3 de Dezembro de 1846 foi a praça occupada pelas forças de marinha que guarneciam os navios cruzeiros do Porto, surtos em Vigo, e commandados pelo visconde de Soares Franco. Aggregaram-se a estas forças os voluntarios da Rainha e ficaram constituindo a guarnição da praça. A junta do Porto mandou sitial-os, principiando a collocação dos seus piquetes em 1 de maio; mas a 3 de junho a intervenção estrangeira, vindo de reforço á praça, a guarnição, auxiliada pelos dois batalhões hespanhoes America e Bourbon, fez uma sortida, e nos campos d'Arão se feriu lucta, sendo as tropas do partido popular obrigadas a ceder ao numero e a bater em retirada.

Esta a Valença antiga, a velha fortaleza ennegrecida pelo tempo; mas n'este periodo do seculo, em que todos os espiritos cantam o *hosanna* da revivencia, Valença conhece que suffoca muros a dentro e pensa que deve estender-se por toda essa formosa es-



A CIDADE DE TUY

planada, agrupando-se em volta do edificio da estação do caminho de ferro, como do transmissor immediato das suas aspirações para o grande movimento do trabalho e da industria, que germana os povos modernos.

\*  
\* \*

Depois, volta ao bello panorama que do jardim publico, a poucos metros da estação, se disfructa, e mostram varias freguezias pittorescas e risonhas que alastram em redor de Valença, com um perfume de tranquillidade que seduz o viajero:

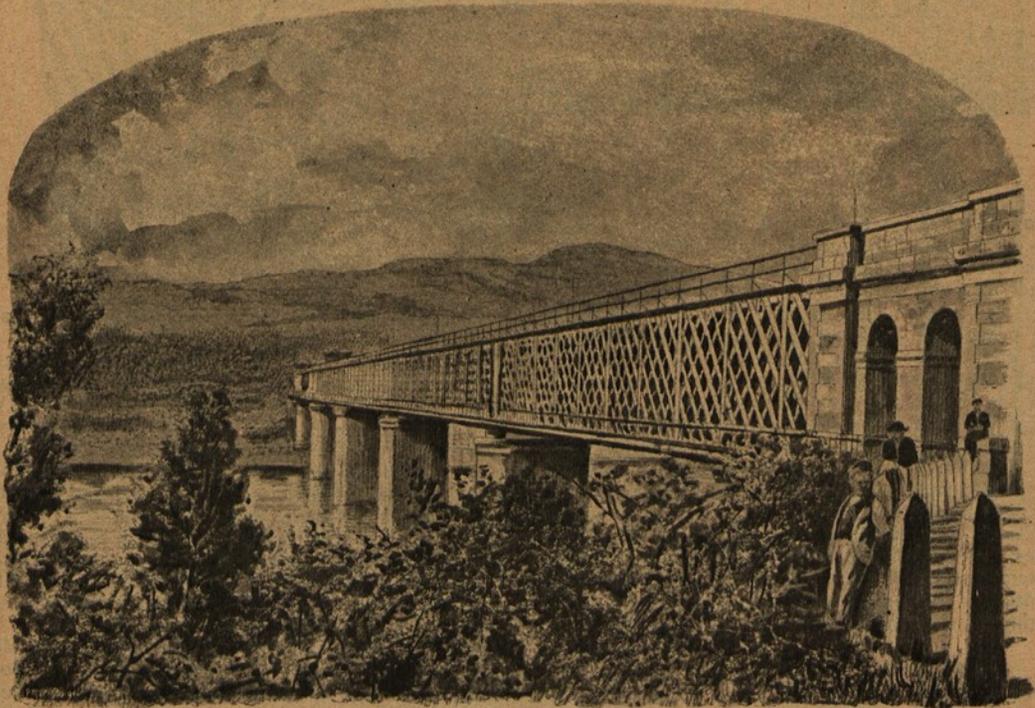
Eis-nos fóra da praça.

Descançamos por momentos no pequeno mas frondoso ardim publico, e ahí, melhor que em outro logar, o espi-

*CHRISTELLO COVO* ou Segadães, freguezia cujos habitantes se entregam simultaneamente aos trabalhos da pesca e da lavoura. Nos mezes proprios da pescaria, de fevereiro a maio, a margem do rio está pittorescamente animada e é abundantissima quasi sempre a pesca do savel, lampreia e salmão, que na maior parte se exporta para os concelhos do sul.

Um costume curioso e original, proprio da quadra das pescarias, tem logar em Segadães, na segunda feira immediata ao domingo de Paschoa, a segunda feira da Cruz. A' tarde, o parchoo devidamente paramentado e com uma cruz ornamentada de fitas e flôres, toma logar no barco mais novo e dá um passeio fluvial, sendo durante esse tempo as redes lançadas para a pesca. Todo o peixe que sahir no lance é propriedade do padre.

O povo chama a isto o *Lance da Cruz* e ahí vae para assistir a essa pesca religiosa, que bem faz recordar o antigo culto das aguas.



VALENÇA — Ponte Internacional sobre o rio Minho

rito se deixa voar ao encontro d'esse futuro, que ha de vêr toda esta planicie povoada de edificações, bordando as estradas que ahí estão já como que a indicar o plano da nascente villa, agrupada em volta d'esse bello edificio da estação do Caminho de Ferro.

Deixamos o jardim; fica-nos á esquerda o espaçoso e vasto edificio da estação; e pela estrada recta e plana vamos caminhando, deixando que os olhos se embebam á vontade n'este panorama largo, cheio da frescura aveludada da vegetação, de onde a onde esmaltada pela cararia das aldeias.

Alli está Santa Luzia, a casa do extinto morgado d'este nome, e em cuja capellinha se festeja a 13 de dezembro a imagem d'aquella santa, que o povo implora contra as enfermidades ophthalmicas. Adeante Ervelho, poeticamente adormecido na sombra das suas arvores e, destacando do seu limite, a estrada concelhia que atravessa os campos de *ARAÓ*, cuja igreja, um pouco mais ao sul, levanta o seu campanario de cupula bysantina sobre a extensão da veiga fertilissima. Festeja-se no mez d'agosto o seu orago, S. Salvador, sendo uso pôr-se-lhe na mão os primeiros cachos de uvas ou espigas de milho, que amadurecem por estas cercanias, uvas ou espigas que depois são arrematadas.

Passamos em Villar de Lamas, por detraz da ermida do Senhor da Boa Sorte, e a breve trecho entramos em

Confinando com Segadães e separado d'ella pela extensa e fecunda veiga da Mira, que as cheias inundam no inverno, fica a freguezia de *S. PEDRO DA TORRE*. Tem estação de caminho de ferro e estrada que a liga ao concelho de Coura, cujo ponto de embarque pôde considerar-se.

S. Pedro da Torre é uma das mais antigas povoações do Alto Minho, e são claros ainda os vestigios de villa antiga nas suas ruas e travessas. No sitio do Juncal ainda hoje apparecem fragmentos de objectos de barro e de madeira, alicerces de edificios, etc., que denotam uma povoação extincta.

\*  
\* \*

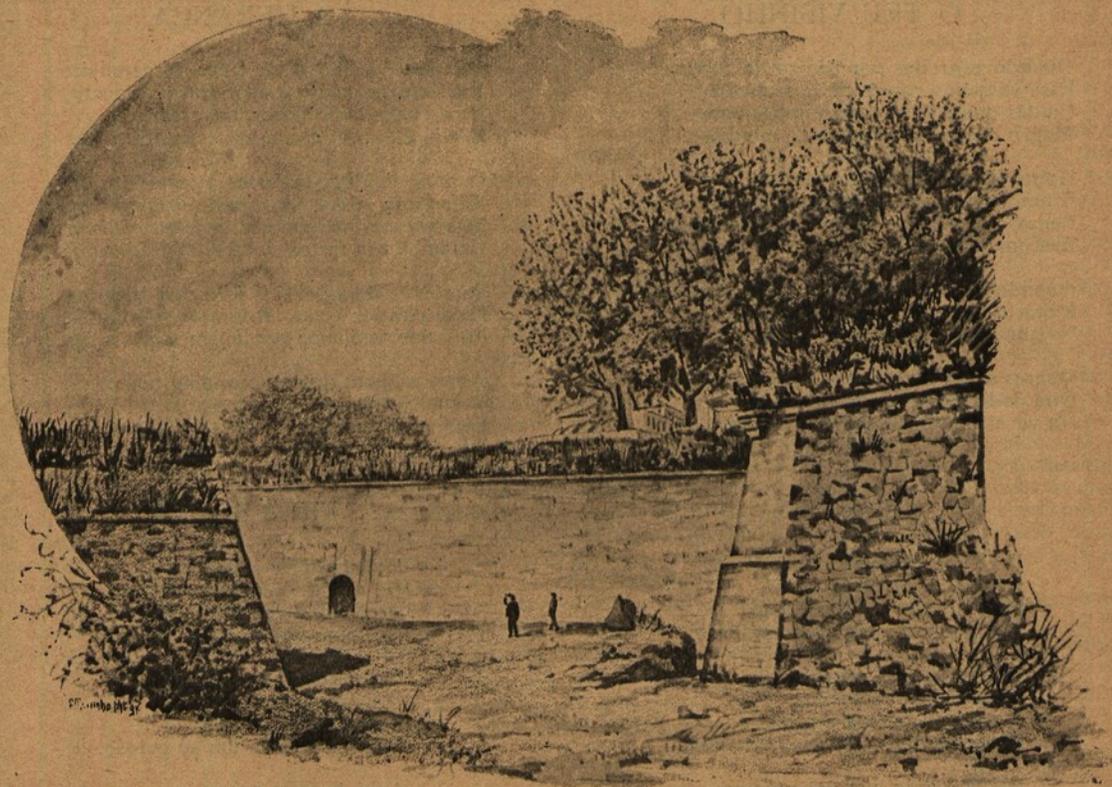
A industria, o commercio e a agricultura merecem-lhe ainda algumas linhas do seu manual de viagem no Minho, bem que esses tres ramos de actividade de uma terra estejam em grande atrazo n'aquella região:

Industrialmente o concelho é pobrissimo; apenas o ultimo inquerito ás industrias do paiz relata a existencia d'uma fabrica de cortumes no sitio de Catefarás, Urgeira, arrabalde de Valença. A fabrica é propriedade do sr. Joaquim Apollinario da Fonseca e emprega seis operarios,

que vencem 240 réis e um mestre ganhando 400 réis. Compra annualmente de 4:000 a 5:000 couros de cavallo, porco, e principalmente boi. O preço da casca regula por 120 réis a arroba (15 kilos), chegando ás vezes a 240 réis. E' toda da provincia do Minho. O preço da sola preparada anda por 600 a 700 réis o kilogramma. O couro verde é pago, termo médio, a 4\$800 réis cada um e depois de curtido vende-se por 6\$500 réis. A venda orça por 9:000\$000 réis annuaes e as solas da sua fabrica,

que vive um pouco mais desafogadamente, sendo todavia de recursos muito deficientes no concelho; a sua actividade predominante consiste na cultura do milho, de vinho e de criação de gados, em que está superior a alguns outros concelhos do districto.

Na cultura da vinha usa-se o systema das latadas e o da vinha de enforcado, principiando a predominar o primeiro; o vinho é ainda assim mais acido que o de Monção e de menos força alcoolica, para o que contribue o



VALENÇA — Portas do Sol

informa o proprietario, são preferidas ás do Porto, onde o processo do curtimento é accelerado por meio do acido sulfurico. De resto ha no concelho a pequena industria domestica da tecelagem do linho, em pequenos teares, que uma só tecedeira faz trabalhar, sendo o tecido quasi exclusivamente para consumo local.

O commercio, em escala reduzida, limita-se a pequenas transacções com as praças commerciaes de Vianna e Porto, luctando com a difficil acquisição de capitaes e com a concorrência, extremamente fragmentada, dos pequenos estabelecimentos e bufarinheiros das feiras.

A agricultura é ainda assim aquelle ramo de trabalho

estado de menos maturação, em que a vindima é feita. A uva é pisada em dornas ou *tinalhas* e o cangaço premido em lagares de pedra, munidos de prensa de vara e parafuso. As freguezias mais productoras são as de Gondomil, Boivão, Verdoejo, S. Pedro da Torre, Cerdal, S. Miguel de Fontoura e S. Julião. As castas de uva são: *verdelho feijão*, *os espadeiros*, *a borraçal* e o *pical polho*; entre as brancas a *loureira*, o *alvarinho* e o *castellar*, estas, porém, em menor quantidade. A média da força alcoolica dos vinhos do concelho é de 7,6 até 9,3 de alcool absoluto.

Nas alfaias agricolas não ha progressos a notar.

## SABOR DAS LAGRIMAS

(A Silvestre de Lima)

A bella grega Hermé, que vai captiva,  
Não chora, não, — mas seu olhar revêde:  
Vereis que d'elle amor brota e deriva,  
Amor que a prende na ineffavel rêde.

Quando o deserto vem e a vista o mede  
Tão grandel! Hermé, que á voz dos mais se esquivia,  
— «Dá-me tu de beber, que eu tenho sede» —  
Diz ao que perto tem, que amor lhe aviva.

Filho da mesma terra, o prisioneiro,  
Bello como ella, — em roda olha o caminho...  
Agua não vê, mas chora, e o derradeiro

Pranto dá-lhe a beber na mão tomado...  
E ella ao sorvel-o: «Ainda é melhor que o vinho  
Bebido em grego cyatho doirado!»

ALBERTO DE OLIVEIRA.

# O DR. GARCIA MONTEIRO

MEDICO PORTUGUEZ EM BOSTON

(ALGUMAS COMPOSIÇÕES DO SEU ULTIMO LIVRO RIMAS DE IRONIA ALEGRE)

## O TEU VISINHO

Quando espreitas por dentro da cortina  
Esse extranho rapaz, tão attrahente,  
Cuidas que elle te espera impaciente,  
Magro de amor, sympathica menina?

Hontem lia á janella tristemente  
N'um livro; achaste-lhe a expressão «divina».  
Pensas que era um romance commovente?  
Era um velho manual de medicina.

Quando elle leva á testa a mão nervosa  
E fixa o olhar absorto, atribulado,  
Na tua alva cortina mysteriosa,

Queres saber ao certo no que scisma?  
Que pode ter o figado affectado,  
Ou vir a fulminal-o um aneurisma.

Horta.

## OPINIOES

Hoje um principe da moda  
Causou furor no Passeio.  
Mais um que de Paris veio  
E a quem Lisboa incommoda.

«Falta de arte, gosto, aceio...»  
Uma critica de poda!  
E olhares deitava á roda,  
D'um desdem que dava em cheio.

Descansando, um par modelo  
Aproveitava o consolo  
D'um raio de sol; e, ao vel-o,

Com um desprezo infinito  
Rosnava o marido: «E' tolo!»  
E a mulher: «E' bem bonito!»

Lisboa.

## CAHIR DO ALTO

E ficou com as mãos pousadas no teclado,  
Esquecida, a scismar n'um mundo de riqueza:  
Suppunha-se n'um baile; um conde apaixonado  
Segredava-lhe: «Adoro-a!... Eu mato-me, marqueza!...»

Ah! se fosse fidalga!... Ao menos baroneza...  
Que baile! que esplendor na noite do noivado!...  
Estremeceu, nervosa, achou-se na pobreza,  
E o piano soltou um grito arripiado.

Absorvida outra vez, prendeu-se-lhe o sentido  
A' mesma idéa — o luxo, la comprar cautelas...  
E imaginou de novo o conde enfurecido...

Um palacio, um *coupé*, esplendidos cavallos...  
N'isto o marido entrou, de oculos e chinelas,  
E miou com ternura: «Anda aparar-me os callos.»

Li-boa.

Este livro, termina com uma nota do auctor, que fecha assim:

Preparado o livro, restava publical-o. Como? A idéa de procurar editor em Portugal repugnava-me pelo mau exito da primeira tentativa. Ficava-me um unico recurso: ser eu proprio o editor. E porque não havia eu tambem compol-o e imprimil-o? A empresa era ardua e levaria longo tempo; mas decidi-me. Adquiri o material typographico necessario e fui aos poucos fazendo este trabalho. Não é pequeno o prazer de o ver concluido.

## A HERANÇA

Quando o velho, á luz fraca do candieiro,  
Viu lá n'um canto a espreital-o a morte,  
Uma chave extrahiu do travesseiro  
E deu-a ao *Péga*, um triste de má sorte.

O bom do *Péga* trabalhára forte,  
Velando-o; fóra um optimo enfermeiro;  
Mas tocava-lhe mais que o justo importe...  
Caramba! Ia fartar-se de dinheiro!

Passou-se o velho. O *Péga*, com risinhos,  
Disse p'ra si: «Não tardam os sobrinhos...  
Pois que venham, que façam e que alleguem!»

Abriu a burra, inquieto, a mão nervosa...  
Vazia! Então na casa silenciosa  
Deu um urro: «Diabos o carreguem!»

Boston.

## PELA BOCCA

Homem mais obsequioso  
Do que o Theodato não ha;  
Desde que veio do Pará  
Isso é mesmo um mar de gozo.

Um dinheirão espantoso  
O homem trouxe de lá.  
Elle é jantar, elle é chá...  
Não lhe escapa um só guloso.

Aqui ha dias notou-se  
Que elle servia mais doce  
E um vinho da sua escolha

A um jornalista rendido.  
Depois soprou-lhe ao ouvido:  
«Mi bote você na folha.»

Boston.

## RIVAES

Tornou-se uma questão muito importante,  
N'essa activa, exemplar secretaria,  
Decidir qual dos dois melhor copia,  
O lindo Eusebio, ou Claudio, o insinuante.

Uns que a lettra de Claudio é elegante,  
Outros dão á de Eusebio mais valia;  
Isto é talvez a ver qual, á porfia,  
Faz andar o paiz mais para deante.

Eusebio é todo lettra curta e cheia;  
Claudio segue outro estylo, e dá idéa  
Do que é, nos traços longos e finissimos.

Oh! tem merito. E o chefe então percebe-o.  
Se não traça um *Deus guarde* como Eusebio,  
Ganha-o, sem discussão, nos *Illustri*ssimos.

Boston.

## A FESTA DAS FAMILIAS

**P**ASSA a grande festa da alvorada da Liberdade e do Amor. Natal! — palavra tão pura e tão santa, que tantas recordações dulcissimas nos evoca, que a tanta consolação nos conduz. E' a festa das familias por excellencia. Por isso todos a adoram, todos a respeitam, todos a desejam.

Em todos os lares, ainda os mais humildes, reina a alegria franca e pura, trasborda a taça de oiro dos sentimentos mais sacrosantos. Ha uma saudação em cada alma, um brinde em cada palavra, um evangelho de paz nas conversas ainda as mais frivolas. Do relicario bemdito do affecto espadana o clarão immenso, brilhantissimo e unico no seu esplendor, d'essa satisfação solemne, que consola até ao mais entranhado d'alma. Ha um festival estranho e sumptuoso em todos os peitos; e, no céu azul e transparente dos espiritos, Deus compraz-se em lançar, em revoadas gentis, as alvas pombas de mil caricias, de mil abraços, de mil beijos, que a pureza da sua origem santifica.

Canta em cada lar, hoje, — dia unico d'amores immaculados — a voz mysteriosa e sublime da Paz; e, em cada seio de pae, de irmão e de amigo o ramo d'oliveira, augusto e verdejante, ergue um brilhante altar de delicadezas e caricias, de meiguices e atenções, coberto das flores exóticas e perfumadas que consubstanciam as lagrimas da Virgem, e que o olhar de Deus, sereno e rutilante como uma inconcebivel projecção luminosa dos infinitos, illumina e abençoá. Bemdito seja sempre o Natal! E' a festa das familias por excellencia.

Reunem-se os presentes, accorrem de longes paragens os que á ausencia por lá traz, ha tempo: ha estreitamentos de corpos, infiltrações d'olhares, mutuações de beijos, torrentes de palavras de ardente saudação, que até os olhos de uns e outros se arrazam de lagrimas, — aljofares inestimaveis que formam os thesouros mais valiosos d'este mundo —; e n'esta augusta communhão material e espirital dos que estão e dos que vem, brilha

serena, como uma lua enorme e esplendida de noites de primavera, a crystalisação da maior ventura. A identificação plena, absoluta, dos ideaes que se encontram, que se envolvem, que se confundem, na mesma atmosphera inebriante de illusões e de sonhos, rebenta a um tempo n'uma violencia irresistivel e empolgante, atirando a cada coração feliz um bouquet deslumbrante de estrellas recolhidas das constellações que formam o casto leiteo do Jesus dos pequeninos...

Bemdito seja o Natal! Ha hoje um sorriso superior das madrugadas mais brancas em cada cérebro que pensa. Ha a aurora das esperanças mais fagueiras e subtis em cada alma que tem um ente para amar...

Todavia, no meio d'este harmonioso festival de delicias que ha dois mil annos a grata tradição nos serve, quantos e quantos ha para ahi que hoje tropeçam nos espinhos da saudade amarissima, que pela existencia fóra se lhes vem aferrando cruelmente á recordação.

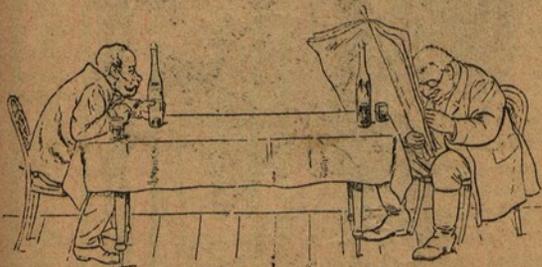
A saudade mortificante por alguém que se idolatrava, e que jámais voltará; a lembrança dos queridos que andam longe, muito longe, como que perdidos por esses mundos, e que n'este momento, em que os outros folgam e riem, não vem, nem se sabe onde elles param, os miseros! Que a esses cruelmente desprotegidos d'Alegria vá, até lá onde a miseria da existencia os conduziu, a nossa prece humanitaria e caridosa. Ou errem pelos centros longinquo, onde a indiferença dos estranhos os espicaça com o seu punhal mortifero de madrastra, ou andem á mercê da sorte por sobre os vagalhões espumantes dos mares revoltos, — recebam elles, na noite tormentosa do seu paraizo perdido, como a luz consoladora e bemdita d'uma estrella a affirmação dos intimos desejos sagrados dos que tanto os estremecem e jámais os esquecerão...

Natal! Ou na ventura, ou na desdita, serás sempre abençoado, sempre!

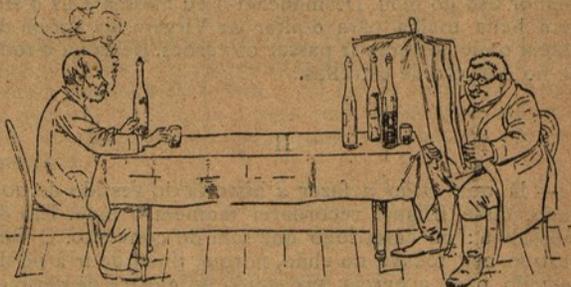
Vizeu, 23 de dezembro de 1897.

A. CAMPOS.

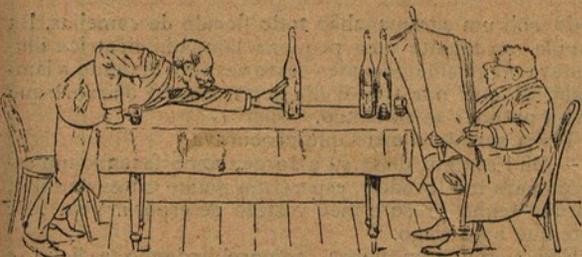
## UNS BEBEM E OUTROS PAGAM



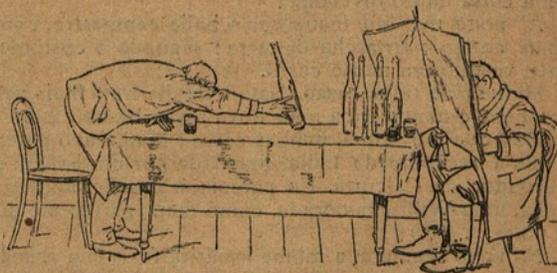
1



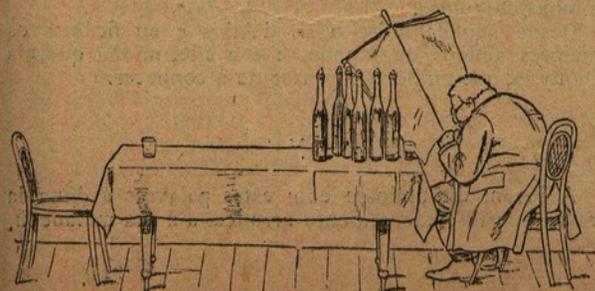
2



3



4



5



6

# O VESTIDO DE NOIVADO



## I

primavera.

No ar limpido, só o pallido céu está luminoso; sopra uma brisa leve e perfumada a violeta: as folhas dos grandes castanheiros agitam-se brandamente.

E' primavera.

Pelas largas e rasgadas janellas abertas de um palacete do parque Monceau, em Paris, entra na sala o gorgoio das aves que saltam de ramo em ramo. Esses cantos namorados enchem o ar de um pipillar alegre e zombeteiro.

Dionysia d'Athis, pallida e loira, sorri benevolmente indifferente ao palpar da vida, entre o luxo faustoso do seu salão.

Dionysia não está só n'esse salão em estylo Luiz XV. A' roda d'ella conversam as suas amigas. Fala-se de modas, de vestidos, — o assumpto predilecto das mulheres.

— Eu, disse uma voz cariciosa, dei cabo do meu vestido de noivado.

— O que! O teu vestido de noivado? Oh! pois eu fiz melhor uso do meu. Desmanchei-o eu mesma e fiz d'elle uma bella toalha para o altar da Virgem, da igreja da aldeia onde costume ir passar os verões. Recamei-o todo de fio d'oiu e de estrellas.

## II

— Já que estão a fazer a historia do vestido de noivado, disse Eliana, recordarei tambem o meu. Era de musselina: eu casei logo que sahi do convento. O meu vestido mal tocava no chão, porque tinha de ir a pé do castello para a igreja, precedida do mestre de cerimonia, do rabequista e de todos os rapazes da aldeia. Era uma coisa muito divertida!

A' noite tive que inaugurar o baile campestre, com o mais antigo patriarcha da terra; segundo o costume, o meu vestido era muito curto.

Minha mãe tinha casado assim, minha irmã mais velha tambem, e minha irmã mais nova assim ha-de casar.

Mas que musselina, minhas caras! Minha avó paterna tinha-a recebido da India, mandada por um amigo, governador de Calcuttá. Eu parecia, n'aquelle montão de seda, uma Willi enamorada, como meu marido me disse á noite...

No anno seguinte, a minha irmãsita fez a sua primeira communhão. Quiz revêr n'ella o meu bello dia de nupcias e dei-lhe o meu vestido. Oh! como era bella, a gentil creança... Ao vêr-lhe o vestido pareceu-me que lhe communicava um pouco d'aquella felicidade que nunca mais me deixou desde o bemdito dia do meu casamento.

## III

— Pois eu não fiz mais que transformar o meu vestido de noivado n'uma toilette de baile. Ainda me recordo de uma aventura de amor em que elle tomou parte, pequena, é verdade, mas importante.

Uma aventura de amor que se podia contar? Uma viva

curiosidade luziu no rosto de todas aquellas damas. Só a dona da casa, Dionysia d'Athis, immersa no seu sonho, com os olhos perdidos no vacuo, parecia não ouvir...

— Sim! já lá vão quatro annos. Bom Deus! como a gente envelhece... Uma noite, em casa de lady Middleforth... Recordam-se como a embaixatriz sabia reunir, da maneira mais gentil, toda a mocidade nos seus salões? N'aquella noite, estavamos umas sessenta pessoas; ouvia-se musica, o que não impedia de se ir murmurando em voz baixa. Eu passeiava na estufa, de braço dado com...

— Com quem? com quem? exclamaram anciosamente muitas vozes aflautadas.

— E d'ahi, porque não o hei-de dizer? De braço dado com seu cunhado, Dionysia; sim, Jorge d'Athis... um homem de uma eloquencia irresistivel... N'aquella noite fazia-me a honra de uma cõrte deliciosamente discreta; eu dava de mim para mim o seu tempo por perdido, pensando no bem que quero a meu marido... Imaginava o meio de lhe fazer comprehender que não insistisse mais; mas como fazer, não querendo dizer-lhe burguezmente: — «O senhor é muito malcreado!» ou então: — «Perde o seu tempo, eu amo meu marido.» — usando com indiscreção de um querido e intimo segredo? Por mais tratos que desse á imaginação, não descobria coisa melhor. Tinha-mos sentado n'um banco rustico, collo-



cado sob um caramanchão todo florido de camélias. Da cupula verdejante uma pequena lampada electrica illuminava magicamente o meu casto vestido. Fixando a lampada, vi que por traz d'ella descia um fio d'aramé que vinha prender-se ao banco.

Tinha achado o meio que procurava.

— Oh! senhor, disse eu a Jorge, como fazendo um esforço para me levantar, espere um pouco antes de falar, porque tenho preso o meu vestido de esposa. Veja... é este que hoje trago.

Elle sorriu com finura, comprehendendo a lição, e disse-me:

— E' uma maneira gentil de me dizer, minha senhora, que eu tomei uma grande ousadia! Peço-lhe todas as minhas desculpas.

Desde aquella noite o sr. d'Athis e eu ficámos os maiores amigos do mundo, e é a elle, minha querida Dionysia, que eu devo o prazer de a conhecer.

## IV

A joven, dirigindo-se com estas palavras á dona da casa, queria evidentemente arrancar-lhe a sua melancoli,

ca meditação e terminar por alli a palestra sobre o seu vestido de noivado.

Mas uma nova visita que não era muito da intimidade da senhora d'Athis não percebeu esta discreta intenção, e disse :

— O meu vestido de esposa, um anno depois do meu casamento, serviu-me para o vestidinho de baptisado de meu filho... E agora, minha senhora, disse ella voltando-se para Dionysia, é a sua vez de contar o que fez do seu vestido de noivado.

Mas mal tinha acabado a phrase recordou-se de que tinha dito uma grande tolice.

A senhora d'Athis tinha empallidecido horriavelmente :

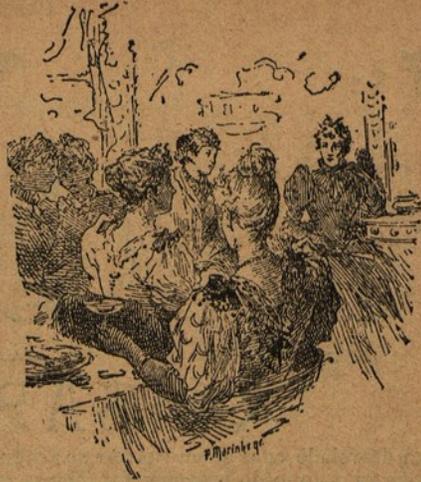
— Eu tinha uma filha... Lembram-se como era linda a minha pequenita? Meiga, intelligente, boa, era todo o meu enlevo e toda a minha vida... Tinha sete annos, quando uma noite... uma terrivel doença a assaltou. A sua voz, tão pura, estava rouca e mal se lhe distinguiam as palavras :

— Mamã, eu não respiro... Mamã, ajude-me, ajude-me... Soffro tanto!... Não quero, não quero morrer!

E depois, pouco a pouco, a voz foi-se-lhe extinguindo, minuto a minuto, e a minha pobre filha expirou... Oh! a terrivel, a indizível angustia!... Do meu vestido de noivado fiz um lençol funebre.

(Trad.)

Uma tristeza infinita pesou sobre o grupo perfumado das mulheres.



Fôra, a primavera irradiava com todos os seus encantos.

BOB.

## THEATROS

**P**OSTA de banda a *Triste viuvinha*, deliciosa peça de D. João da Camara, que obteve um verdadeiro exito, D. Maria dá-nos agora *Mademoiselle de la Seiglière*, a magnifica comedia de Sandeau, enterrada nos archivos do theatro ha muitas dezenas d'annos. N'outro logar da nossa revista, n um folhetim de 1859, que tem agora uma actualidade palpitante, dá-se conta do que é a peça, o seu entrecho e a definição dos principaes caracteres; torna-se, portanto, escusado repetil os aqui, e accentual-os. Hoje, ha apenas a differença da interpretação.

João Rosa encarregou-se do papel de Marquez, que outr'ora fôra feito por seu pae, e a que o illustre artista, mantendo a fama do seu nome já consagrado, dá um vivo realce; Brazão faz o filho do velho e honrado Stamply, Bernardo, e d'esse personagem, heroico e apaixonado, tira o maior partido; Augusto Rosa interpreta o papel do advogado Des Tournelles, com uma grande comprehensão; Lucinda Simões, encarna-se na baroneza de Vaubert, e Lucilia Simões, sua filha, no papel de Helena (*mademoiselle de la Seiglière*), — papel que é um verdadeiro encanto, pela graça e simplicidade de caracter que Sandeau nos apresenta.

Bella comedia e magnifico desempenho!

— No Gymnasio vae agora uma comedia, original do escriptor dramatico Eduardo Schwalback, intitulada a *Sr.<sup>a</sup> Ministra*. E' um desenho perfeittissimo de varios typos que estamos acostumados a vêr todos os dias e de um meio corrompido e intrigante, onde se debatem todas as paixões e todos os vicios, tendo por unico ponto de mira a ambição.

Schwalback, já guindado á sua verdadeira altura por outras peças theatraes que lhe aureolaram o nome, empregou na *Sr.<sup>a</sup> Ministra* todo o seu engenho e deu nos uma magnifica comedia de caracteres.

— O *Gafanhoto*, que o illustre actor Valle poz em scena na Rua dos Condes, continua a sua carreira triumphante, até estar prompta dos ensaios a revista do anno de Schwalback, *Formigas e formigueiros*, que deve subir á scena por todo este mez.

— Com a *Musotte*, a primorosa comedia d'esse infeliz Guy de Maupassant, e as *Preciosas ridiculas*, de Molière, tem a Trindade enchido o seu cartaz noites a fio, o que prova a boa escolha das peças que Sousa Bastos proporciona ao publico. Bom é que, de vez em quando,

se arredem as peças do moderno repertorio francez para dar logar ás classicas, como esta de Molière, impregnada de tanta graça, que não parece escripta ha dois seculos. Muito ha ainda que respigar no theatro classico, com aproveitamento para o publico e com bons lucros para a empreza.

Activam-se a toda a pressa os ultimos ensaios do drama de grande espectaculo, *Os dois garotos*, peça que deu centenas de representações em Paris. Fala se em que a *première* será para o dia 14. Se assim fôr, á hora a que isto fôr lido, já a peça terá apparecido no cartaz da Trindade. Para o outro numero, diremos a nossa impressão.

— *Côra ou a escravatura* é a peça que o Principe Real annuncia para substituir o *Comboio n.º 6*, que deu grandes enchentes e que tanto agradou á platêa d'aquelle theatro.

Reapparece n'aquelle drama o velho actor Cesar de Lima.

— Este anno temos apenas um circo: o das Portas de Santo Antão, dirigido pelo infatigavel e intelligente empresario Santos Junior, que tem trazido a Portugal verdadeiras notabilidades, como o conde de Tarley e Sarah Mak, a maior clarividente do mundo, o *homem invulneravel* e outras.

Agora estreiarão-se os irmãos Luipold's, que são realmente, sem sombra de réclamo, verdadeiras celebridades artisticas.

Santos Junior prepara o seu *Animatographo* para muito breve. Como os apparatus são propriedade sua, qualquer factó importante que se dê será immediatamente photographado e reproduzido d'ahi a dois dias no *Animatographo*. Assim, este preencherá todos os espectaculos e será a *great attraction* do publico de Lisboa.

Outras novidades sensacionaes nos são promettidas ainda pelo habil empresario, que não se poupa a despesas para escripturar o melhor que apparece lá fôra.

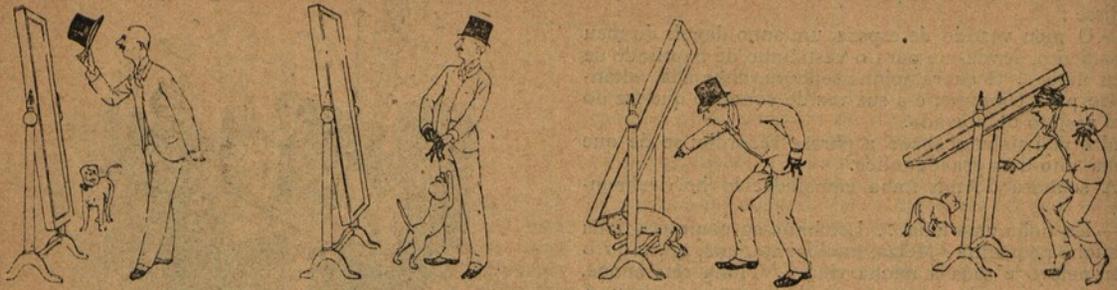
— No elegante Colyseu da rua da Palma está uma companhia de opereta, dirigida por Pedro Cabral. Tem levado á scena a velha e sempre nova *Mascotte*, os *28 dias de Clarinha* e *Chquette*. Prepara-se n'este theatro a revista do anno, de Baptista Machado e Tito Martins, as *Farroncas do Zé*.

Ahi fica o registo do que vae nos theatros de Lisboa.

J. S.

# A ESTREIA D'UM CHAPEU

(Concluido do numero anterior)



## COISAS ALEGRES

O amigo desvelado com quem Bocage se achou na sua fatal doença foi o dono do *botequim das Parras*. José Pedro não desamparou nunca o infeliz poeta; abriu entre os seus amigos uma subscrição cujo producto foi de trinta moedas; esta quantia e a que resultou da edição de um livro de Bocage, que José Pedro fez á sua cu ta, chegaram para o tratamento da doença a que o grande poeta succumbiu. O enterro foi feito á custa do seu bom amigo.

Em 1826 foi despachado continuo da secretaria da marinha, em 1833 chefe dos continuos da camara dos pares — logares que exerceu até o fim da vida.

Era homem intelligente e de muitas virtudes. A sua conversação era animada; gostava de falar das antigas glorias do *botequim das Parras*.

Dos seus bons ditos citei um para dar o ultimo traço do esboço d'este homem singular.

Era ministro o visconde de Sá. O official-maior chamou o continuo; ao toque da campanha arrastou-se José Pedro até o gabinete do ministro, onde se achavam alguns personagens.

O official-maior carrega o semblante, e diz:

— Ande depressa, senhor, não se pôde mexer? Eis aqui de que serve ter na secretaria empregados d'estes.

— Tem razão, senhor, e é por isso que eu todas as noites envio preces ao Altíssimo.

— Para que?

— Para que v. ex.<sup>a</sup> não chegue á minha idade.

\*

Eram onze horas da manhã. Casimiro Pedroso passeava gravemente no Rocio, mãos nos bolsos das calças, chapéu inclinado sobre o nariz. Meditação profunda o fazia alheio ao que se passava no mundo exterior.

Casimiro não tinha almoçado; dizia-lhe a algibeira que não almoçaria, e do café Marrarê saíam duzias de felizes palitando os dentes. Para Casimiro o palito era um insulto d'esta sociedade madrastra, que não lhe dava de almoçar.

Casimiro Pedroso nas suas abstracções philosophicas considerava-se o centro de toda a creação. Tudo está almoçado, pensava elle, e todos os poderes tem as vistas desdenhosas no meu estomago. E Casimiro assumia ares de homem feliz, emproava a cabeça, para que a população não suspeitasse o que lá dentro se passava.

«O que é a vida? O que é o homem?»

Estas perguntas vieram-lhe aos labios para consolarem o estomago com um philosophico desprezo pelo nada das coisas mundanas; mas o movimento dos queixos trouxe a idéa do mastigar.

Casimiro parou subitamente, pensou um momento, e a fronte desanuviou-se-lhe como se um raio de inspiração lhe tivesse illuminado a mente. Dirige-se apressado ao sapateiro, que está defronte do botequim, entra na loja assobiando o *rondó* final da *Sonnambula*, dá um pontapé n'uma fôrma, entorna uma lamparina e senta-se.

— Mestre, coza-me este botim de modo que sirva até á uma hora da tarde, porque não quero ir a casa.

Em quanto o sapateiro coze a bota, o nosso heroe

ajusta botinas de pellica, e chinellas bordadas, fala dos maus cabedaes, e engrandece a tesoura de Stelplflug. Calçou o botim.

— Não está mau, diz Casimiro; quanto devo?

— Doze vintens, respondeu o mestre.

— Pois eu não tenho aqui senão notas, vou almoçar alli ao Marrare, e cá lhe mando a de doze.

Casimiro Pedroso dirige-se ao botequim; toma café com leite e torrada abiscoitada.

— Anda cá, Antonio, diz elle ao creado, não tenho aqui troco, mas alli o visinho sapateiro te dará a de doze com que me ficou a mais da conta. E para firmeza do caso chega com o creado á porta e diz ao sapateiro:

— Mestre, a de doze aqui.

— Não tem duvida.

Cada um dos dois ficou esperando a *dê doze*, mas Casimiro Pedroso almoçou.

\*

Em casa de um dos primeiros escriptores publicos de Lisboa apresentou-se ha tempos um hespanhol, primorosamente bem vestido, e com uma certa distincção de maneiras. O litterato recebeu o estrangeiro com a maior cortezia, e vendo, pela carta de recommendação que elle lhe entregára, que o hespanhol vinha de Madrid e encarregado de uma missão importante, levou-o para o seu gabinete de trabalho, para que a conferencia não fosse interrompida.

Falou-se em artes, em sciencias, no estado actual da politica europea, e, especialmente, na questão cubana.

O escriptor, por fim, movido pela curiosidade, e porque já iam passando as horas do almoço, quiz saber qual era a missão importante do illustre estrangeiro, e perguntou-lhe:

— O cavalheiro vem fazer alguns estudos n'este paiz?

— No.

— Vem talvez solicitar algum privilegio?

O hespanhol sorriu-se de novo e respondeu:

— No.

— Vem tomar alguma empreza de caminhos de ferro? Outro sorriso do hespanhol, e outro.

— No.

A curiosidade do litterato já não podia ser maior. O escriptor mediu o hespanhol de alto a baixo, a ver se descobria um ministro plenipotenciario.

— Em que posso então ser-lhe util?

O estrangeiro lançou em roda de si um olhar para se certificar de que não podia ser ouvido, puxou a cadeira para o pé do escriptor e disse-lhe:

— Io vengo aqui hacer una revolucion.

O escriptor deu um pulo na cadeira, e deitou a mão ao cordão da campainha.

— Pero, atalhou o hespanhol, una revolucion nel chocolate.

E puxou da algibeira um pau de chocolate da sua composição.

Um quarto de hora depois, o illustre estrangeiro, para demonstrar que não era um charlatão, estava na cosinha a preparar duas chavenas de chocolate para o almoço do escriptor.

# SECÇÃO RECREATIVA

## NOVOS MEIOS DE APAGAR UMA VELA

**H**A muitas maneiras de apagar uma véla; a mais vulgar consiste em chegar a chamma á bocca, a distancia conveniente, e soprá-la muito simplesmente. Mas, se não indicassemos se não esta, os nossos leitores poderiam queixar-se de que lhes não ensinamos coisa nova. Eis pois alguns novos meios de apagar uma véla d'um modo original e divertido. Pode-se, em vez de soprar a chamma, *aspirá-la* á bocca com muita força, collocando a véla muito perto dos labios, apenas entreabertos.

Produce-se uma violenta attracção d'ar que vae arrefecer o circuito da chamma; esta allonga-se no sentido da bocca todo o tempo que se aspira; desde que seja necessario retomar a respiração desvia-se a véla, e mostra-se que não está apagada. Este processo não será talvez do gosto de todos; dá com certeza o resultado desejado, sem grandes exercicios, mas é preciso proceder sem hesitação! Pode-se tambem interpôr entre a bocca e a véla um corpe cylindrico de superficie lisa, uma garrafa, por exemplo, collocada de pé sobre a meza, em frente da véla. Sobre-se sobre a garrafa á altura da chamma, e ver-se-ha esta extinguir-se como se o sopro tivesse atravessado a garrafa. O sopro dividiu-se em duas correntes que vão convergir sobre a chamma. Em vez d'uma garrafa colloque-se duas a par, desviadas alguns millimetros apenas; a véla deve ficar bem em frente do vácuo existente entre as duas garrafas, e distante d'ellas approxlmadamente 20 cent. A esta distancia, estamos certos de apagar a véla, collocando-nos bem em frente. Experimente-se e ver-se-ha que se não apaga tão facilmente como se pensava.

Isto depende de que o ar que se lança pela bocca rodeia as duas garrafas e que só uma pequenissima parte do ar chega á chamma. Emfim, e é a experiencia porque terminamos, experimente-se o apagar sobre um cartão de visita enterposto entre a véla e a pessoa que faz a experiencia, ou sobre um dos guarda-fogo em cartão de que são munidas as vélas do piano ou da meza do jogo; é claro que a véla se não extingue, pois que o ar não pôde atravessar o cartão opaco; mas produzir-se-ha um facto curioso: *a chamma da véla virá para nós*, inclinando a sua ponta para o lado d'onde se sopra, como se fosse soprada por uma pessoa collocada do lado opposto ao nosso! O sopro batendo no guarda-fogo foi-nos reenviado com força bastante para arrastar consigo uma certa quantidade de ar rodeando a chamma; esta acha-se pois momentaneamente n'uma corrente de ar indo em sentido inverso ao do sopro. Esta experiencia tão simples pôde ser o ponto da partida do estudo d'um grande numero de questões interessantes sobre o vento, as trombas, etc.



# CORAÇÃO

# DOENTE

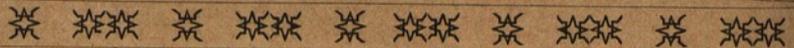
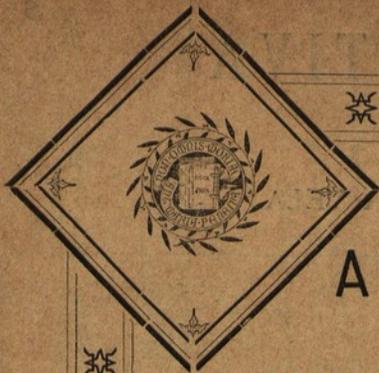
NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA



LIVRARIA EDITORA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações especiaes de percaline

A 200 réis

\* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

A 240 réis

\* Leituras para a escola primaria, por Augusto José da Cunha, 1 vol.

A 360 réis

\* Leituras correntes e intuitivas e 1.<sup>a</sup> lições de coisas, por Travassos Lopes, (1.<sup>a</sup> parte), 1 vol.  
\* Contos da avósinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 400 réis

\* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 500 réis

\* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.  
Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

A 600 réis

Historia d'um pelloço, por Raul Brandão, 1 vol.  
A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

A 700 réis

Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.  
A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.  
A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.  
Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.  
A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.  
Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.  
A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.  
Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.  
Riso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.  
Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.  
N'este valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.  
Hygiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.

Hygiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.  
Pelo mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

Tragedias da vida, rom. de João Salgado, 1 vol.  
Os noivos, rom. de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

A 800 réis

Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.  
Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
Morte de J. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

O Livro do Monte, poesias de Bulhão Pato, 1 vol.  
\* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.

Diccionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.

\* Litteratura Brasileira, estudo critico, seguido d'uma abundante collecção de prosas e versos

Os preços são por volume. As obras com o signal \* são illustradas.

dos mais notaveis escriptores brasileiros contemporaneos, por Valentin Magalhães, 1 vol.  
A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Poemas portuguezes, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Néblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Moral para todos, por A. Franck, trad. 1 vol.  
Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

A 950 réis

O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.  
Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$000 réis

Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.  
\* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.  
\* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

A 1\$100 réis

A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

A 1\$250 réis

Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$300 réis

Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

A 1\$400 réis

Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

A 2\$000 réis

\* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito ampliada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

A 3\$200 réis

\* Paulo e Virginia, celebre rom. de Bernardin de Saint-Pierre, edição illustrada de grande luxo.

\* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.

\* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

A 3\$600 réis

\* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de P. Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

A 6\$750 réis

\* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.

# Branco e Negro



DEPOIS DA VICTORIA — (Esculptura em marmore de M. Al'occari)

PREÇO 50 RÉIS

N.º 95

Esta primorosa edição de PAULO E VIRGINIA, ricamente encadernada, com capa de percaline, impressa a côres e dourada por folhas, constitue o mais

**DELICADO BRINDE**

que se pôde offerecer a quem apreciar as obras primas de litteratura.

**PREÇO 3\$200 RÉIS**

Notavel e esplendido romance de BERNARDIN DE SAINT PIERRE

**PAULO E VIRGINIA**

Edição de grande luxo, impressa em optimo papel e ricamente encadernada com capa de percaline a côres.

Magnifica edição profusamente illustrada com primorosas e interessantes gravuras soltas e intercaladas no texto.

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, Editor. — Rua Augusta, 52 e 54, Lisboa.

JA' ESTA' A' VENDA O

**ALMANACH**

DO

**Branco e Negro**

PARA

**1898**

**1 Volume, preço 200 réis**

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

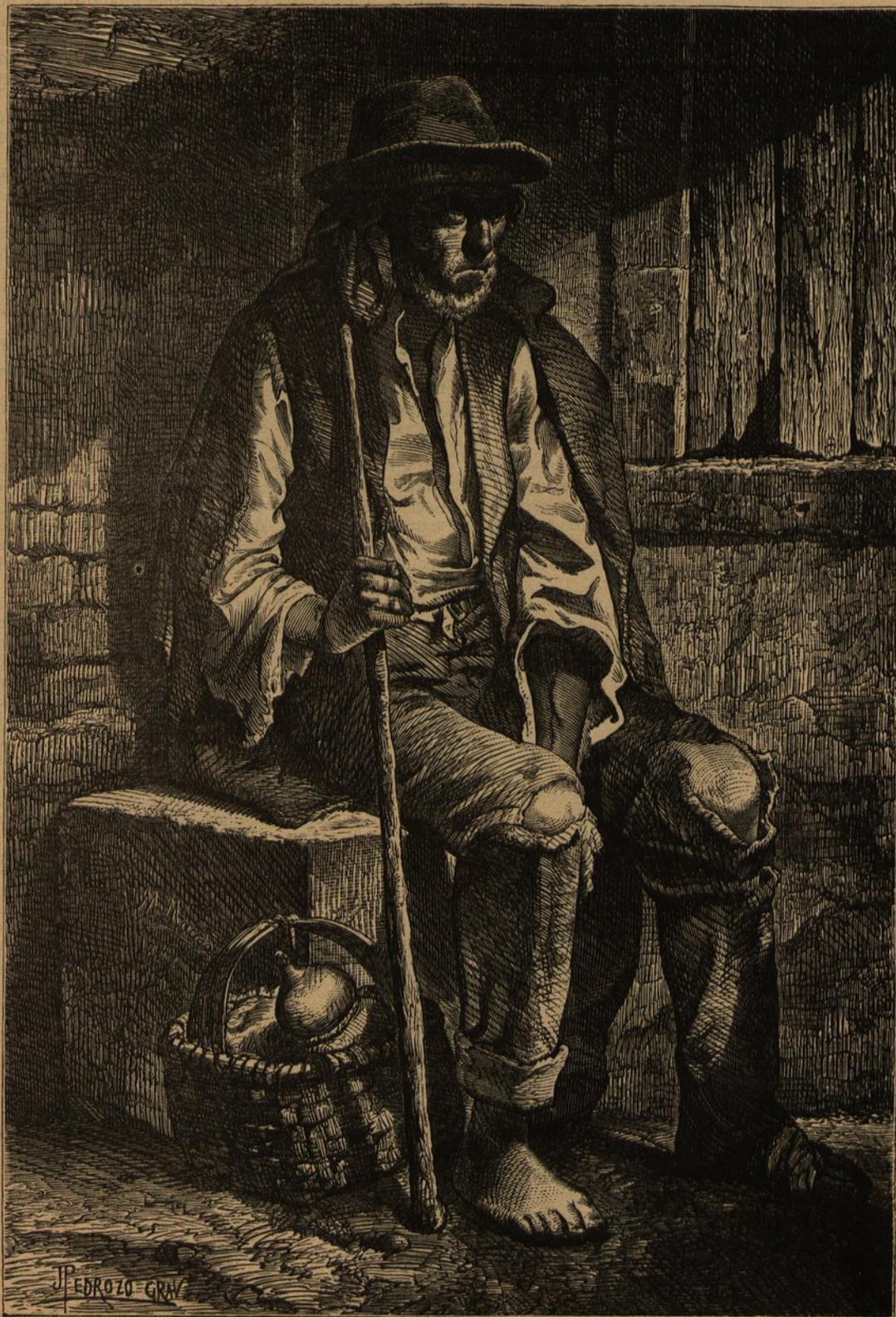
# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 96

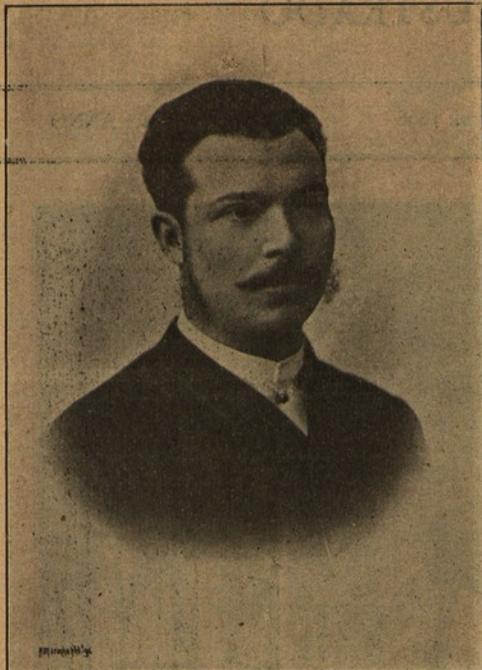
LISBOA, 23 DE JANEIRO DE 1898

2.º ANNO



O MENDIGO, desenho e gravura de Pedroso

# O novo Presidente da Camara Municipal do Porto



**D**AMOS hoje o retrato do sr. João Baptista de Lima Junior, recentemente nomeado presidente da Camara Municipal do Porto. E' um commerciante d'aquella cidade, e na sua classe uma das mais nobres e captivantes figuras.

Para aquelles que não conhecem Lima Junior diremos que...

Physicamente é um homem alto, de *carrure* athletica, com uma physionomia sorridente e franca; e no tocante a intellecto, raros o excedem na agudeza d'espírito, na comprehensão nitida das coisas, na lucidez d'um criterio são.

Conhecê-lo é amal-o, porque a uma intelligencia *alerte* e viva, reúne as mais doces e primorosas qualidades d'alma. Sobretudo a amizade tem, para elle, qualquer coisa de cultural e sagrado; e hoje que a amizade verdadeira, no dizer d'um poeta descrente, existe tanto na vida, como a palmeira no deserto, consola ver homens como Lima Junior, que, com uma abnegação inigualavel, vão, sem snobismos e sem *poses*, transformando a sua vida n'uma serie de dedicações continuas, por aquel-

les que se honram de fruir da adoravel bonhomia do seu trato.

Tambem raros contam tão innumerados e fieis amigos. No Porto, terra aonde nasceu e aonde fundou uma casa commercial hoje opulenta, e na posse do mais amplo e justificado credito, a noticia da sua nomeação apenas contrariou o proprio nomeado.

Dizia um philosopho, cujo nome esquecemos, discreto sobre o *struggleforlismo* moderno, em hora de mau humor Schopenhauereano — oh! que inestheticos vocabulos! — que quando a opinião celebra em côro as magnificas virtudes d'alguem, sem uma nota discordante produzida pelo Odio ou pela Inveja, esse alguem é quasi sempre um nullo ou um mau caracter.

A observação do paradoxal philosopho falhou em Lima Junior. E falhou, porque a consideração geral de que goza, assenta — o que raro succede — no largo e solido pedestal das suas primorosas e encantadoras qualidades pessoases. E não se imagine que quem á pressa estas linhas traça, ignora quantas sordidas hypocrisias, e quantas intransigencias covardes, constituem, por vezes, o fundo unico de caracteres geralmente tidos por impolutos e diamantinos, e que conseguem rutilar ao sol da Bemquerença unanime, como claros espelhos da Virtude!

Mas o caracter de Lima Junior não tem, como estes, o brilho de pedras f'asas. Todos reconhecem que é uma joia authentica de subidissimo quilate, cujas scintillações reflectem toda a pureza d'uma alma, moldada no desinteresse e na abnegação.

O que mais nos captiva em Lima Junior é o seu superior desdem perante frivolas gloriolas. Nunca pejiu reclame aos seus meritos, e ninguem no nosso meio, dispondo d'uma larga influencia, podia, como elle, ter sido tudo — sabio, conde, ou grande homem. Mas como é inatamente honesto e honestamente intelligente, fugiu sempre, com nojo, de pertencer a qualquer d'essas tres grandes especies, em que, n'este melancholico final de seculo, se exhibe e se divide a massa fina da sociedade portuguezas.

Bem ao contrario; para aceitar uma commissão ou um cargo é preciso que os seus dilectos consigam vencer-lhe a sincera repugnancia. A presidencia do municipio do Porto foi-lhe imposta por fataes compromissos partidarios, pois o seu horror á evidencia, leva-o a evitar sempre o destaque da sua personalidade. Mercê da sua intelligencia culta e do seu caracter d'oiro tem sido solicitado para tudo, mas tudo modestamente tem recusado sempre, limitando-se a ser apenas o amigo sincero e leal dos seus amigos.

Eis a *sithouette* moral do novo presidente da Camara do Porto, a quem o *Branco e Negro* presta a homenagem do seu respeito.

JOÃO SERENO.

## VIAGEM ETERNA

«D'onde vens?», «Do Passado.» «Onde vaes?», «Ao Futuro.»  
«Não tens descanço?», «Nunca!» «O que buscas?», «O Amor!»  
«Quem é teu guia, o céu?», «O céu é inda escuro!»  
«O caminho é florido?», «É o caminho da Dôr!»

«Tens muito que lutar!», «Hei-de vencer e juro  
que ha-de surgir do Mal o dia redemptor!»  
«O Mal vem do Principio... é tudo puro e impuro...  
nasce a creança — é luz; se morre — causa horror!...»

«Choras?», «O pranto exalta... é doce o soffrimento  
do homem que crucifica o proprio pensamento  
no calvario do Bem, fitando ao longe os céos!»

Ai, abençoada Fé! Ai, abençoada a Crença  
dos que tentam vencer esta distancia immensa  
e approximar um dia a creatura a Deus!»

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRÔ,

# COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — A LAVADEIRA, aguarella de Roque Gameiro

# EXCAVAÇÕES LITTERARIAS

## O MONUMENTO A CAMÕES

(CIRCULAR DA COMISSÃO CENTRAL PROMOTORA DA SUBSCRIÇÃO PARA UM MONUMENTO A CAMÕES)

**N**as paginas do poema dos *Lusíadas* está o monumento da nacionalidade portugueza; está ali inteiro, desde a baze, a conquista do solo, até á cupula, a conquista dos mares!

A obra immortal deus a immortalidade ás acções e aos homens, que os seculos tinham enterrado. Pela turba epica souo grande o nome d'este paiz, e grande se conservam na veneração as suas memorias. Assim nos consolam ainda as grandezas passadas do abatimento presente, e acaso preparam a regeneração futura!

Fizeram muito os guerreiros, fizeram muito os legisladores, fizeram muito os letrados, fizeram muito os navegantes. Fez mais o poeta; porque, rasgando com o raio do seu genio um sulco de luz entre as nações, todos esses levantou ás claridades d'este fulgor — e deu-lhes a popularidade do mundo!

Por isso naturalmente o mundo chama a Portugal a *patria de Camões*!

Mas teve o poeta realmente uma patria?

Bem nos podem arremessar esta injuria — esta justiça — ás faces, os forasteiros que vierem e perguntarem: «onde ha aqui um signal da existencia de Camões?»

Ha: a ingratidão. E, para lhe acertarem a medida da estatua, fizeram-n'a tão grande como elle mesmo.

Chamâmos anciosos todos os melhoramentos, e estamos ainda a dever um agradecimento, um padrão — o juro do nosso maximo capital!

Que lhe deu a patria, a esse homem, que a fez tão sua com se fazer tanto d'ella? O esquecimento. Uma vergonha de tres seculos!

E se fôra só vergonha! E se fôra só ingratidão! E se fôra só esquecimento! E' mais: é um suicidio moral. Fazemos peor do que desacatar o cantor: desadoramos os cantados. Era já muito descurar taes louros; é muito mais desatinar a propria gloria.

Não somos sómente culpados de lesa-poesia: somos reos de lesa dignidade.

Semelhante desdouro não pôde continuar: é incompativel com as ideias, com os progressos, com o decôro d'este seculo; é contrario aos brios, e contrario aos interesses de um povo civilisado.

O profundo convencimento d'estas verdades reuniu os abaixo assignados, julgando tambem interpretar os sentimentos dos seus concidadãos, e levou-os a congregarem-se em commissão para o fim sacratissimo de remir tamanho e tão longo opprobrio!

Com tal proposito, e para o levar a effeito, a commissão convoca a todos; exora o patriotismo de todos; de todos sollicita auxilio; conta, emfim, com o esforço commum.

O plano e o modelo do monumento commemorativo, que se projecta, estão feitos, examinados e approvados.

E' tudo obra de artista nacional, como devia, como quasi não podia deixar de ser. Falta só levar estes trabalhos á execução.

O mais largo donativo, o obulo minimo, são recebidos com igual reconhecimento. Cada qual contribue com o que pôde: não ha real insignificante. Com o real do povo se fazem as grandes coisas; com o real do povo se fará esta, que é para o povo.

Se não ha alma verdadeiramente portugueza que se não estremeça de ufania com a nobreza de chamar-se compatriota de Luiz de Camões, qual recusará agradecer á sua memoria o brazão que n'ella achou?

Sommem-se as quotas, embora poucas, de todos estes,

e não haverá mingua. Nenhuma riqueza eguala o cabedal de uma nação.

Nas epocas mais angustiadas tem a caridade enthesoiado quantias, que sobriariam para levantar, não um, se não muitos monumentos. Isto prova que nunca n'esta terra se recorre baldadamente ao coração. Do coração é tambem este culto ás cinzas de um homem, applaudido de todos, e só esquecido dos seus.

Para facilitar e realisar o intuito da commissão, conviria que, intendendo-se com ella, outras, e muitas, se organisem nos districtos, nos concelhos, nas parochias, em toda a extensão da monarchia, e fóra d'ella, onde quer que o espirito da patria inspire os seus filhos. Vive em espirito em toda a parte. Não faltam em cada localidade homens esclarecidos, que tomem espontaneamente a si a iniciativa de tão meritorio acto. Com a multiplicitade das diligencias, menor será o sacrificio, e maior o resultado.

Esta commissão servirá como de centro para verificar aquellas diligencias, que, dispersas, seriam menos efficazes.

O convite é geral, é feito ao paiz. A commissão tem a firme esperanza de ser attendida e correspondida por tudo quanto falla e sente a lingua do egregio poeta.

A commissão roga e espera tambem a cooperação da imprensa portugueza. Aqui lhe pede já a maxima publicidade para os desejos que exprime, e para os seus actos futuros. A imprensa será d'este modo a medianeira e a fiscal do emprehendimento.

Póde a imprensa abrir subscrições em cada jornal, e em cada um dar a lista dos respectivos subscriptores. Não se negará ella seguramente a noticiar tambem os trabalhos, e fazer patentes as contas.

A imprensa, finalmente, com a sua grande voz e a sua grande luz, irá na frente, annunciando e allumiando a cruzada, que têm por fim o resgate da honra nacional ha tanto tempo empenhada.

Duvidar do concurso e da boa vontade da imprensa em tal objecto fóra pôr em duvida o poder que lhe dá o sceptro — a intelligencia. Se ainda não houve ideia patriótica de que se não fizessê evangelisadora fervorosa, o que fará esta, que tanto lhe toca, que tão sua é!

A commissão expõe succintamente o seu pensamento e as suas esperanças, appellando para o coração e para a intelligencia do paiz. N'estes dois poderosos elementos confia, e com esta fé não teme obstaculos.

A commissão, accorde nos principios acima exarados, adoptou dois modos de colligir os subsidios necessarios para erigir o monumento projectado — donativos e subscrição. A donativos não se designam limites. A subscrição estabelece-se como *maximo* a quantia de 500 réis. Na subscrição acceita-se toda a quantia abaixo d'esta, e nenhuma acima.

Lisboa, 14 de junho de 1860.

*Duque de Saldanha*, presidente. — *Francisco de Paula Sant'Iago*, vice-presidente. — *Carlos Krus*, thesoureiro. — *Conde de Farrobo*. — *Visconde de Porto Covo*. — *Visconde de Juromenha*. — *Visconde de Menezes*. — *Abbae de Castro*. — *José Maria Eugenio d'Almeida*. — *Antonio Feliciano de Castilho*. — *José da Silva Mendes Leal Junior*. — *Estevão José Pereira Palha*. — *Antonio Esteves de Carvalho*. — *Luiz d'Almeida e Albuquerque*. — *Francisco Augusto Metrass*. — *José Pedro Collares Junor*. — *Joaquim Pedro de Souza*, secretario. — *Luiz Tiburcio Ferreira*, vice-secretario.

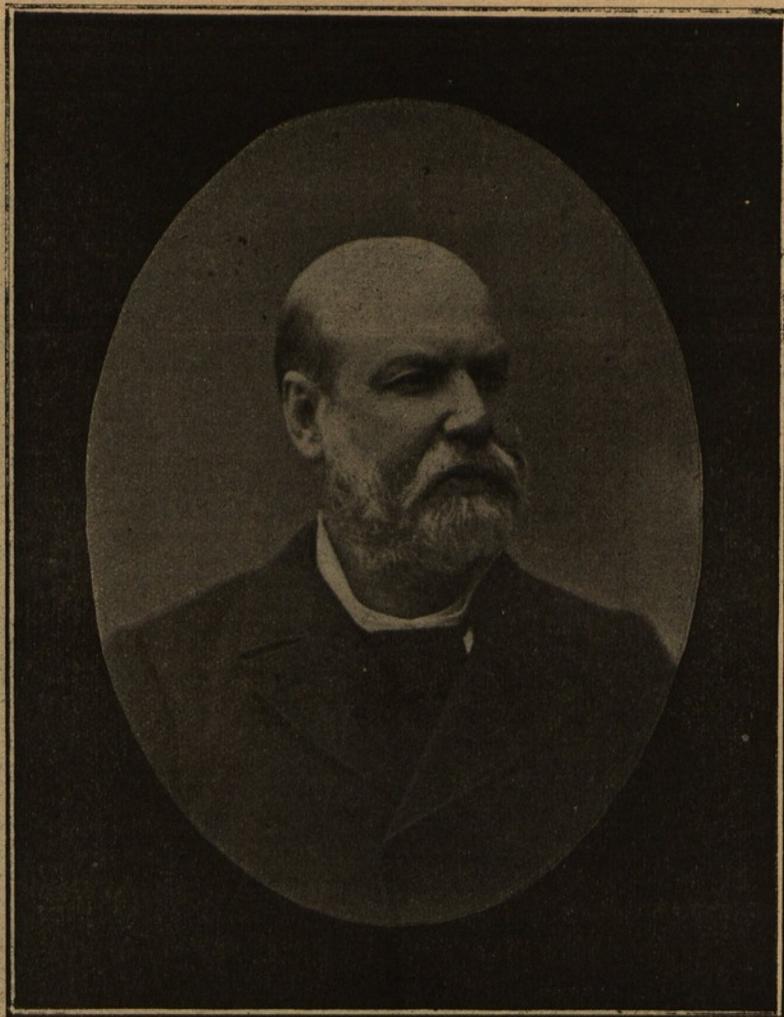


# MORTOS ILLUSTRES

## BENTO DE SOUSA CARQUEJA

Não ha tumulto — disse Mery e lembrou-o ha pouco um illustre cathedratico portuense, fazendo a apothese do dr. Souza Martins — onde não incida uma glorificação grande ou pequena. Assim é, assim deve ser; quando o cadaver que o monumento encerra foi animado por um espirito puro e impulsionado por um nobre coração. Enfileirou se n'esta categoria Bento de

Trabalhador infatigavel, de persistente actividade e com excellentes qualidades de administrador, a breve trecho viu florescente o seu estabelecimento; e, pela nobreza do seu character, pela sua alta probidade, assignado pela evidente estima dos habitantes do concelho, foi procurado para varios cargos electivos, como o de vereador municipal e o de juiz de direito substituto da



Souza Carqueja, pae extremoso e estremecido do nosso presadissimo collega do *Commercio do Porto*, sr. Bento de Souza Carqueja Junior; e por isso, a sagração de saudade, de respeito e consideração que a sua morte motivou, foi simplesmente uma homenagem devida que só por uma perversão de todo o sentimento deixaria de se tributar ao extincto.

Bento de Souza Carqueja, natural do Porto, era filho do honrado commerciante d'aquella praça, Manuel de Souza Carqueja, e cccpletára 70 annos em maio do anno passado. Aconselhado por seu irmão, o fallecido jornalista Manuel de Souza Carqueja, um dos fundadores do *Commercio do Porto* e a cuja energia, bom senso e inteireza de character se deve, em grande parte, o justo credito e o grau de prosperidade que alcançou e mantem aquelle periodico portuense, um dos mais auctorizados orgãos da opinião no nosso paiz, o finado installara-se em 1847, como commerciante, em Oliveira d'Azemeis, que posteriormente considerou sua terra natal adoptiva, tantas recordações, tantos episodios da sua vida se prenderam a ella.

comarca, funcções que exerceu com elevado criterio, não desmentindo a confiança que havia inspirado.

Em 1859 alli constituiu familia. Referindo-se a este facto, publicou o *Commercio do Porto*:

«Ligára o seu destino a uma senhora pertencente a uma das primeiras familias d'aquella villa, D. Maria Amelia Soares de Pinho, santa creatura, modelo de esposas e mães, cujos salutaes exemplos fructificaram nos filhos queridos, tornando verdadeiramente venturosa a familia de que fôra educadora e guia.

D'esse consorcio houve estes filhos: Bento, Luiz, D. Amelia, hoje casada com o sr. Fernão de Lencastre Abreu de Lima; D. Virginia e Manuel, estes dois ultimos fallecidos já.

«A morte de sua filha D. Virginia, a alegria mais authentica d'aquelle lar até então feliz, e, volvidos cinco mezes, a da desvelada consorte, abalaram profundamente aquelle forte organismo. O seu espirito, de ordinario prazenteiro, entenebrecera-se, tornando-se apprehensivo; nos labios d'este homem bonissimo cessára de pairar

aquelle sorriso que reflectia a sanidade da sua alma boa. E' que não podia resistir á dôr que o retalhava; conhecia bem ser uma luz bruxuleante prestes a extinguir-se; sentia que em breve iria juntar-se — Deus sabe com que aneio! — áquellas que tanto o amaram.»

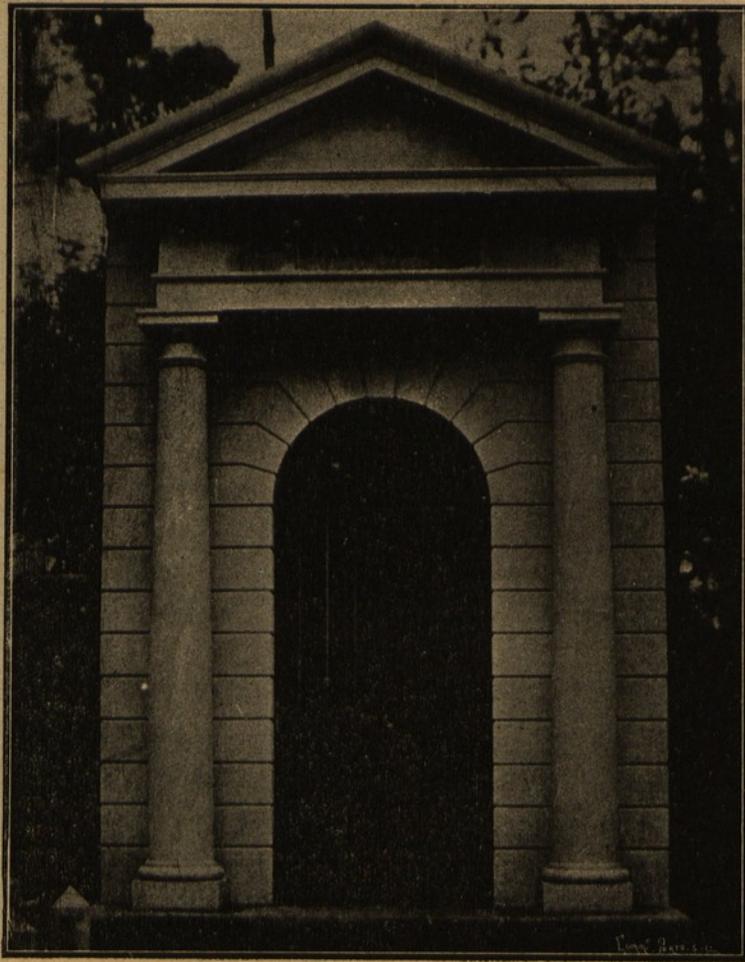
O funeral do extinto teve a nota d'uma sentida e imponente manifestação de saudade e respeito. Disse o mesmo periodico: «O feretro foi rodeado de ricas corôas de flôres artificiaes e coberto de rosas e camelias brancas, que a veneração dos parentes e a dedicação dos amigos alli depozera. Sobre o coração, que fôra de ouro, notavam-se uns delicados raminhos de pequenas e mi-mosas flôres, como que a recordar que d'aquelle coração tambem ellas haviam brotado transformadas em obras

quets de flôres naturaes do pessoal do *Commercio do Porto.*»

O feretro foi depositado no jazigo da familia Carqueja, onde ficou descansando ao lado dos restos mortaes d'aquelle que fôra sua companheira extremecida, a sr.<sup>a</sup> D Maria Amelia Soares de Pinho de Sousa Carqueja, e dos de outros parentes queridos.

Toda a imprensa do norte, especialmente a portuense, assignalou com palavras de sentida magoa a morte do illustre cidadão, associando-se á dôr com que tão duro golpe alanceiou a respeitabilissima familia Carqueja.

«A bondade, escreveu o *Primeiro de Janeiro*, effizacamente traduzida por obras, que é um dos mais bellos apanagios da familia, agora ferida por tão doloroso gol-



MAUSOLEU DA FAMILIA CARQUEJA EM OLIVEIRA D'AZEMEIS

meritorias. Na pallidez que cobria o rosto do saudoso extinto, transparecia ainda o seu habitual ar de bondade, como que o reflexo da alma que ha algumas horas se ausentára e que tão entranhadas affeições despertára, quer como amigo, quer sobretudo como pae, que deixa uma familia que é um vivissimo exemplo da mais estreita e sympathica união. Ao vêr-lhe a tranquillidade das feições, dir-se-hia que se insinuava para suavisar a dôr profundissima dos entes que lhe eram caros.»

Continham as inscrições seguintes as corôas a que acima nos referimos:

«A nosso querido pae — Saudade infinda de seus filhos»; «Perenne saudade — De seus irmãos Paulina e Francisco»; «Saudade eterna — De seu primo José Luiz Cervães»; «A Bento de Sousa Carqueja — Homenagem de saudade do pessoal do *Commercio do Porto*»; «Ao seu bemfeitor — A Sociedade dos Typographos Portuenses». Além d'estas corôas foram depositados mais dois bou-

pe, esmaltava com brilhante fulgor o extinto venerando, cujas qualidades de caracter lhe grangearam geral estima e absoluta consideração, assim como as virtudes que irradiavam do seu espirito o haviam erguido em um altar de affecto e de respeito no coração de todos os seus. Cercado d'estas homenagens viveu, na intima satisfação de haver honradamente cumprido a sua tarefa; e, rodeado de extremos de dedicação familiar, que lhe suavisaram os ultimos instantes, se immobilizou no eterno somno.»

\*

Os redactores e proprietarios do *Branco e Negro* compartilham do sentimento que esta morte occasionou, cumprimentando os seus amigos e collegas do *Commercio do Porto*, os srs. Bento, Luiz e Francisco de Sousa Carqueja, mantenedores das tradições d'uma familia, por tantos titulos, credora da consideração geral.

# O TIO JOAQUIM

(A João da Conceição Barreto)

**E**RA a alegria do logar o bom do tio Joaquim — moçoiro.

Espirito alegre e folgazão tinha sempre nos labios já desbotados pela idade um gracejo para todos e em especial um dito picante para as raparigas que diariamente o visitavam na azenha, buscando os taleigos.

E com que gargalhadas brejeiras e estrondosas elle acompanhava as chalaças, que faziam despedir dos labios grossos e sensuaes das moças do campo um risinho malicioso e provocante!...

Eh! eh! eh! que bom ratão era o tio Joaquim!... De resto, já n'eda havia a recear dos seus galanteios porque as aventuras ha muito que tinham acabado para elle. Agora — bom Deus — o seu rheumatismo lhe bastava, alem dos sessenta janeiros que decorreram tornando-lhe os cabellos tão brancos como a farinha que cahe das mós da sua azenha.

Só o velho cangirão de vinho quente pelas noites frias lhe merece cuidados, não falando na criação que lá fóra na eira canta alegremente, n'um conjuncto exquisito e pouco harmonioso.

Era toda a sua alegria aquella familia especial formada por pombos cinzentos arrulhando nos caixões de cria sob o beiral do celleiro, gallinhas debicando na moinha; patos nadando na levada e mais o cachorro, o Rafeiro, que lhe guarda o casal, latindo para o ceu em noites luarentas.

Todos os seus cuidados e affectos eram para a sua criação que pela madrugada — a aurora dourando as colinas pelo nascente — o desperta para as canceiras diarias.

— Olá! olá! cambada gulosa: ahí vou calar vos! Safa, Rafeiro! tá... tá... tanta festa!...

Eram assim os seus bons dias, e a isto se habituara o bom do velho que mais não tinha a quem amar. Para quem as suas caricias e afagos depois que ficára só pela viuvez? Nem um filho Deus lhe déra para na hora derradeira lhe fechar os olhos, e poupar no labutar da azenha.

Que apesar de velho, o trabalho não lhe mettia medo nem pesava, que ainda o tempo era de sobra para, de vez em quando, visitar o compadre regedor, companheiro inseparavel da bisca, as partidas ganhas riscadas a gis no tampo ensebado da meza.

Por signal que, quando juntos, para alli se ficavam horas inteiras agarrados ás cartas, o pichel do verde sempre á mão.

Era pela noite alta, e com o espirito fortemente esquentado pelos effeitos do vinho, que o tio Joaquim recolhia a casa depois de ter, o mais das vezes, pregado a peça ao parceiro de lhe ganhar um sem numero de partidas.

No dia seguirte quando um raio de luz, coando-se por uma aberta do telhado o vinha despertar, illuminando-lhe a fronte serena e bondosa n'um reflexo amoroso, o bom do velho erguia-se do catre abrindo os braços n'um espreguiçar vicioso; fazia pausadamente o signal da cruz benzendo-se; abria o postigo que dá para a levada, a observar o movimento monotono e arrastado dos engenhos; e sobraçando um cesto de vime, ia á velha arca do celleiro buscar o almoço para a criação.

E ao abrir a porta que dá para o quintal repete carinhosamente os seus bons dias, tentando baldadamente dar á voz um tom de rispidez que não possui:

— Olá! olá! cambada gulosa: ahí vou calar-vos! Safa, Rafeiro! tá... tá... tanta festa.

Então os gallos saudam o n'um canto festivo; as pom-

bas mansas, sahindo dos ninhos onde se empoleiram, vêm-lhe á mão comer o milho, poisando lhe depois sobre os hombros — as azas roçando lhe ao de leve pelas faces rugosas, n'um afago terno e delicioso, e o Rafeiro enroscando-se-lhe nas pernas, lambe-lhe as mãos, salta brincando na frente d'elle latindo n'uma alegria ruidosa.

E falando a toda aquella «cambada que lhe dizima o milho» e com quem parece entender-se, um sorriso de satisfação e prazer desenha se nos labios desbotados do bom do tio Joaquim.

Depois vae ao redil levar a ração á garrana, cantarelhando despreoccupado uma cantiga dos seus bons tempos de rapaz, quando nos serões e esfolhadas:

Al vida da minha vida,  
Meu viver sem illusões;  
Al vida da minha vida,  
Quem ama sofre paixões.

E feitas estas visitas obrigatorias, eil o na lida da azenha, chegando milho ás mós, enchendo os taleigos e picando as pedras.

Quando sente passos lá fóra na quelha, eil-o que assoma á porta, observando quem passa para metter conversa.

Agora é com uma rapariga que vem da fonte:

— Bons dias, Emilinha.

— Bons dias, tio Joaquim.

— Como vaes alegre e satisfeita! Aposto que já hoje faltaste ao serviço? Tem me juizo, cachopa; tem-me juizo.

E logo a um pastor que leva o rebanho ao campo:

— Adeus, Manuel! Toma cuidado com o gado que não me volte á beçada, ouviste? Como está teu pae? As maleitas ainda o não deixaram?

— Lá ficou acamado esperando o cirurgião. Adeus, tio Joaquim.

— Vae c'o Senhor.

\* \* \*

N'um anno, porém, com a vinda do inverno desabrido e frio, o vento sul açoutando os esqueletos das arvorés; a chuva inundando as varzeas, alagando a levada que toca as rodas da azenha n'um movimento vertiginoso, o rosto alegre e prasenteiro do bom do tio Joaquim toldeu-se com uma tristeza angustiosa.

O espirito annuviou-se-lhe de sombrias meditações, assaltaram no dolorosos presentimentos, sentindo que em breve a fatalidade viria feril-o.

Nem a alegria communicativa da sua criação conseguia dissipar a sombra que lhe offuscava o espirito.

E tinha razão o bom do velho para andar pezaroso.

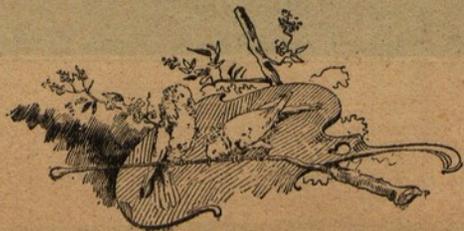
Uma noite em que o temporal se desencadeára medonhamente parecendo tudo arrasar, o tio Joaquim levantou-se a parar os engenhos. No momento, porém, em que segurava uma das rodas, uma rajada de vento impelliu-a violentamente arrastando-o na queda, e o bom do velho lá foi cahir em baixo no precipício, mal podendo soltar um grito de angustia.

Adivinhara o seu fim proximo o tio Joaquim.

Levaram-no ao outro dia sobre o esquite para a terra santa do adro da egreja — o cemiterio de aldeia — emquanto o Rafeiro, n'um instincto fatal, uivava sinistramente ao vêr-se abandonado.

Ilhavo.

DINIZ GOMES.





UM, SERÃO DE INVERNO

# CONTOS EM POUCAS LINHAS

## DOIS RABICHOS



**L**i-Fú e Fú-Li eram dois irmãos chineses que viviam dos rendimentos que lhes davam os seus campos d'arroz — aquelle arroz que elles depois comiam com dois pausinhos. Juntos moravam, juntos comiam, — e se não fossem chineses authenticos, dir-se hiam irmãos siamezes.

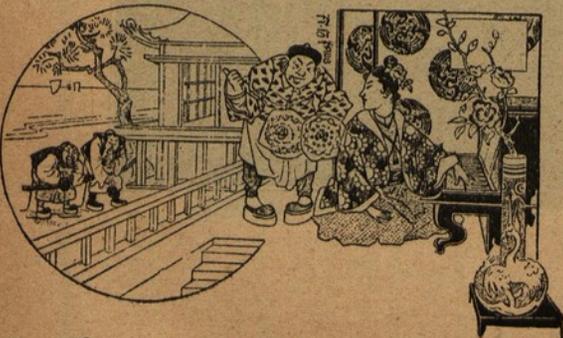
Li-Fú era rotundo e amarello como o açafraão; usava quasi sempre as mãos roliças encruzadas sobre a pança,



e tinha um olhar de fauno velho, á coca de nymphas pelas florestas espessas. Quando ria, as bochechas espraivavam-se como a agua dos rios roçada por um seixo; e mostrando a dentuça, todo elle hilariava até se rebolar, com grande gaudio da rapaziada fina do Celeste Imperio, que deitava pachorrentamente os papagaios.

Fú-Li, pelo contrario, era alto e esgalgado como um canhão; e quando passeiava, era sempre de mãos atrás das costas segurando o comprido e lustroso rabicho.

Um dia que Fú-Li e Li Fú iam por uma rua fóra, conversando de coisas e loisas como dois bons *vivants* que eram e muito dados a prazeres, encontraram madame Torrão d'Assucar, garridamente enfeitada e seguida por um velho creado.



Os dois irmãos tiraram respeitosa e chavenas de porcelana que lhes serviam de chapéus e quasi iam cahindo de cocoras deante de uma belleza tão radiante.

No entanto, madame Torrão d'Assucar passava, de olhos obliquos poisados pudibundamente no chão.

Li Fú voltou-se para Fú-Li:



— Olha lá, irmão, se t'a dessem, acceitaval-a?

— Pudera! com quatro mãos, se as tivesse.

— E' bem bonita, lá isso é, respondeu Li Fú, pensativo.

A' tarde, foram os dois irmãos acocorar-se deante da casa de madame Torrão d'Assucar, que era casada com mossiu Coração de Fel, afamado pela crueldade dos seus figados.

Madame Torrão de Assucar passava pelas telas de marfim de um magnifico piano europeu a sua mãozinha cõr de sorvete de leite, flaccida e macia, quando Li Fú e Fú-li arregalavam iá fóra os olhos para as janellas do seu palacio.

— São aquelles? perguntou-lhe Coração de Fel desatando a rir e rasgando a bocca de orelha a orelha.

— São, respondeu a vozinha cariciosa de madame Torrão.

— Oh! oh! oh! ih! ih! ih! ih! eh! eh! eh!

E Coração de Fel rebojava-se pelas esteiras, n'uma hilaridade grotesca.

— D'aquelles não tenho eu medo! São apaixonados platonicos, e se fizerem mal, não será a nenhum de nós, mas a si mesmos.

Effectivamente, Li-Fú e Fú-Li, abraçados ambos n'um amor sem esperanza, decidiram desembaihar os medonhos espadagões e procuraram um logar ermo para se degolarem á vontade.

E zás! e traz! e to-ma! e leva! e enforca! e mata!

... Dois rabichos cortados!

N'uma nuvem, o Buddha surgiu, medonho e iracundo, de chapellino á moda e bocca em assobio:

— E agora, Fú-Li?

— E agora, Li-Fú?

— Agora comprem dois rabichos postiços! Fazem-se, muito bonitos, na Europa, respondeu a voz trovejante do Buddha.



LA-HO.

# GALERIA DE TRAJOS NACIONAES

## CAPOTE E LENÇO

LAROUSSE (voc. *Costume*, vol. v.) diz que os nobres de Portugal fazem gala do «seu antigo traje nacional», a capa ou manto com que cobrem todo o corpo e que talvez tenha tido origem na toga romana.»

Deus nos livre de pretender ir ao encontro de tão remota antiguidade para desenterrar a arvore genealogica do pallium dos gregos ou da toga dos romanos, pretensos avós do capote portuguez. O que importa assignalar é que Larousse lhe chama «traje nacional» dando assim a entender que o conservamos em tradição, como, por exemplo, os escocozes usam o seu manto, *plaid*, apesar de ter sido prohibido, bem como o *feil beg*, saia curta, depois da revolta da Escocia em favor do ultimo dos Stuarts.

Larousse foi visivelmente colhêr a sua noticia a informações antiquadas, porquanto escreve que em Portugal, na arraia meuda, a maior parte dos homens anda de chapéu tricorne. Mas é certo que a tradição do capote, entre nós, não está inteiramente morta, e que alguns exemplares, especialmente na provincia, resistem ainda á influencia do figurino estrangeiro.

Maximiliano, depois infeliz imperador do Mexico, quando esteve em Lisboa (1852), suppoz que o uso do capote em Portugal era imposto como necessaria defeza contra os rigores do frio. «O mundo elegante — escreveu elle — veste-se á franceza. As mulheres do povo trazem lenço branco na cabeça e grandes capotes muito pesados.»

E' facil contestar que o costume não foi adoptado por imposição do clima, porque eu, na zina do verão, vi uma noite, em Guimarães, no botequim da Oliveirainha, seis ou sete homens de capote, abancados a jogar o dominó. Em Braga ainda hoje ha velhos padres que, ao pino de um meio-dia canicular, saiem á rua de capote. A força da tradição reage contra as modifica-

ções da moda certamente pela commodidade que esse traje proporciona dispensando o casaco e talvez o collete. Para as mulheres o capote era igualmente *toilette* convinavel para ir á missa ou sahir a compras de manhã cedo.

No sul de Portugal foi Setubal a terra onde encontrei mais arraigado este habito, que aliás tambem foi peculiar ao baixo Alemtejo, onde, segundo me informou o sr. Gabriel Pereira, começou a desaparecer quando, nos ultimos annos, rebentou a crise financeira e economica.

Comtudo, no norte do paiz, ainda não é difficil encontrar o uso do capote e lenço, não por simples conveniencia, mas por tufalaria entre as mulheres do povo.

As damas de qualidade tambem usaram capote, de panno preto ou de côr. Na obra de Henry l'Eveque, *Costume of Portugal*, encontra-se uma estampa representando senhoras que vão á igreja ou a visitas, e um dos capotes é encarnado. E não vae isto ha tanto tempo que me não dissesse o sr. conde de S. Marçal ter ainda visto, guardados como recordação estimada, um capote vermelho e outro côr de vinho com laivos pretos, longitudinaes.

No seculo xvii, tão requintado em luxo de *toilette*, usaram-se capotes de seda. A pragmatica de 8 de junho de 1668 prohibiu «capa ou capote de seda no verão ou inverno, nem ainda de lã sendo forrada de seda.»

O capote generalisou-se, pois, como traje nacional, e era usado todo o anno, o que invalida a hypothese do infeliz imperador do Mexico. Lá diz Larousse, continuando o seu artigo, a respeito dos portuguezes:

«O manto, que não largam em nenhuma estação do anno, é diferente do dos hespanhoes: assemelha-se a um gabão com mangas, as quaes ordinariamente não aproveitam, porque se limitam a pol-o sobre os hombros.»

Uma illustre escriptora franceza, madame Adam, tam-

bem recentemente reconheceu ao capote o caracter de traje nacional; chama-lhe *la pelisse portugaise*. Transcrevemos as suas proprias palavras, aliás laudativas do antigo costume do capote e lenço:

«En Portugal, aujourd'hui toutes les femmes qui ne sont point, des paysannes, s'habillent à la française. Autrefois elles revêtaient la pelisse portugaise, la «capote», et portaient en même temps le «lenço», mouchoir de mousseline blanche très empesé. Ce costume de sortie avait de la noblesse; les femmes se drapaient dans leur grand manteau avec gravité; les épaules, un peu rejetées en arrière, donnaient à la «pelisse» de beaux plis droits et de la distinction à la démarche. Posé très légèrement, le «lenço» gommé se soulevait au dessus des cheveux, laissant voir les tresses, et cependant garantissait par une ombre blanche et légère le visage du soleil (*La patrie portugaise*).



Mulher do povo. (Copia de um boneco de barro)

Sobre a originalidade d'este trajo escreveu Julio Cesar Machado, já impressionado pelo figurino francez, e portanto depreciando o vestir nacional: «... o capote classico das mulheres portuguezas, historico traste que só em Portugal se uza e que converterá em Clotos as mais primorosas nimphas sempre que se faça acompanhar do celebre lenço engommado na cabeça!» (*Vida em Lisboa*).

Havia capote de mangas e sem mangas. Se o leitor consultar o *Diccionario Contemporaneo*, que é dos melhores da actualidade, ahí encontrará a noção de que *josésinho* era o capote sem mangas e de pouca roda. Isto carece de exactidão. Camillo Castello Branco escreveu no romance *A engeitada*: «Era de mulher o outro vulto encapotado n'um *josésinho* de mangas, como então se dizia d'uns capotes que tiveram em Portugal reinado longo.»

Eu supponho que a designação de *josésinho* seria generica para os capotes curtos, destinados ás mulheres e ás creanças. Abono-me com o testemunho de Nicolau Tolentino quando diz:

«D'um capote de meu pae me engenhou um *josésinho*.» Em todo o caso, este diminutivo não designava apenas o capote sem mangas.

Do valor do capote inferiam-se as posses da pessoa que o usava. Assim, os peralvilhos caprichavam na finura e lustro do panno, e iam de capote ás funcções:

Tique, tique, toque,  
Vamos a S. Roque  
Ver os peralтинhas,  
Que vem de capote.

Capote ruim era indicativo de miseria:

Samjoaneiras da Foz,  
Deixai ver o vosso dote:  
Uma canastra á cabeça,  
Um farrapo de capote.

Esta cantiga exige uma ligeira aclaração: miserrima seria a noiva que os paes não dotassem com um bom capote:

Batuque, batuque,  
Torna a batucar,  
Já tenho capote,  
Já posso casar.

A invasão da moda estrangeira, principalmente co-



Uma dama que vae á igreja. (Copia do livro de L'Eveque)

piada de França, foi reduzindo o numero dos capotes. Todavia não está ainda inteiramente realisada a prophécia de Tolentino :

Debalde em ralhar te canças ;  
Deixa a tempo os seus caminhos ;  
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,  
Istericos, *Josésinhos*,  
Feitiços e contradanças.



(Capote com mangas. Cópia do livro de L'Eveque.)

Os velhos são as sentinellas que defendem a herança do passado, e a provincia é o baluarte do puritanismo. O velho provinciano portuguez conserva ainda a tradição do capote, que traz á memoria os patriarchaes séres de inverno e as manhãs frigidissimas dos montes cobertos de neve.

E ainda no usarem-n' os velhos se conserva algum vestigio tradicional, porque na antiga côrte portugueza só os fidalgos mais adeantados em annos ou acrescentados em honras podiam servir com capa. Os moços serviam em corpo ou pelote, a não ser que o rei, como

alguma vez aconteceu, lhes permittisse, por excepcional concessão, o cobrirem capa.

Castilho, nas *Excavações poeticas*, deixou lembrança d'esse vetusto trajo, fiel companheiro dos portuguezes antigos :

N'um domingo de janeiro,  
Em meu capote embrulhado,  
Sósinho ao pé do brazeiro,  
Puz-me a apertar regelado  
As mãos, que assoprei primeiro.

O lenço branco, na cabeça, muito engommado e fofa, era complemento obrigatorio do capote.

Julio Cesar Machado, quando pela primeira vez visitou o Porto, admirou se de vêr que as senhoras, ao sahir dos espectaculos no theatro de S. João, abafavam a cabeça com lenços brancos (*marotinhos*). Era ainda um resquicio sobrevivente do habito de trazer o lenço com o capote.

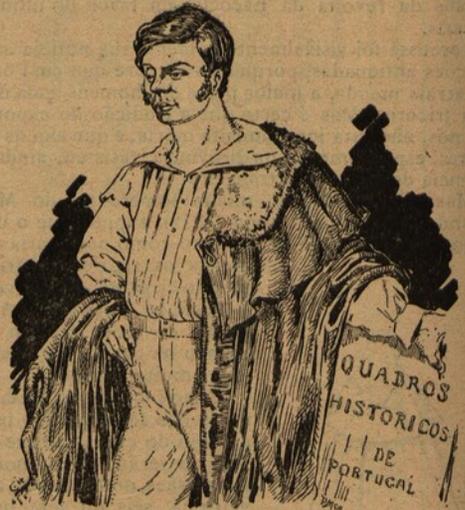
Quando ao costume de cobrir o decote com um *marotinho*, direi de passagem que foi moda introduzida, em nome da decencia, pelo bispo do Gran-Pará, frei João de S. Joseph Queiroz, reinando D. José. Elle mesmo o declara : « . . . havendo de sair com as suas damas, pela primeira vez, a rainha fidelissima, pude eu persuadil-a a que sahisses com lenços brancos em os hombros, de

sorte que se recatasse quanto descobrem os decotados. Quiz Deus que pagasse a moda, etc. »

O brio da *toilette* pobre, nas mulheres, consistia em trazer o capote muito limpo, e o lenço muito branco. Tolentino sublinha a falta de aceio no lenço da cabeça como indicativo de aviltamento em moças de rebotalho,

Verás Moça rebocada,  
Na cabeça «lenço sujo»,  
Rôta capa sobraçada,  
Recbendo do Marujo  
Um copo de limonada.

Rodaram annos, foi-se perdendo o gosto e o respeito pelos trajes antigos, consagrados pela tradição, que eram alguma coisa da nossa propria nacionalidade. O mantelete fez recuar a mantilha e o capote, e, batendo o lindo



CAPOTE DE CABEÇÃO

(Retrato de Castilho, copia da 1.ª edição dos «Quadros historicos»)

e brioso lenço branco, veio a chapelêta, de ramalhoças, fitorios e passarolos, pousar sobre as cabeças da patrão e da criada, da fidalga e da *grisette*, n'um nivelamento de decadencia, semelhante ao da feira da ladra.

ALBERTO PIMENTEL.

## ILLUSÕES PERDIDAS

### O TRAPEIRO

ALBERTO Bramão, o delicado poeta das *Phantasias* e o elegante prosador do *A rir e a serio* vae publicar um novo volume de versos com o titulo que nos serve de epigraphe e que está prestes a sahir do prelo.

Pelo que d'elle já nos foi dado lêr podemos affirmar que a nova obra de Alberto Bramão, não tendo as *fiorituras* exquisitas dos nephelibatas, e escripto como foi com o coração, é das que consagram um nome.

A' amabilidade do illustre escriptor devemos o poder dar aos nossos leitores duas poesias arrancadas a esse livro, e que são a nosso vêr, duas pequeninas obras-primas.

### NO MAR ALTO

No mar alto, o navegante,  
Em baldões de negra sorte,  
Sem bussola, sem quadrante,  
Ainda vê no ceu, constante,  
A guial o, a estrella do norte.

No mar da vida vi eu,  
Quando alevantei os olhos,  
Um astro a brilhar no ceu. . .  
Mas depois que se escondeu,  
Fiquei perdido entre escolhos.

Miseravel, magro e roto,  
Quasi a vêr-se a carne nua,  
Como n'um cano de esgoto,  
Anda o trapeiro na rua.

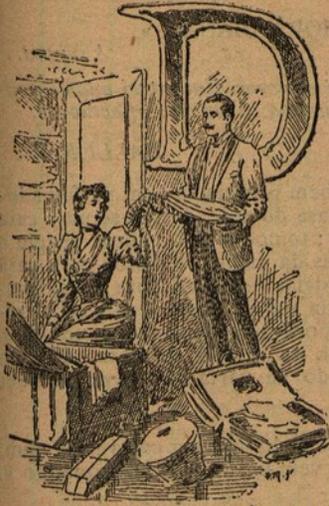
Procura por entre a lama  
Que fede no chão immundo,  
Algum farrapo da trama  
Dos mil farrapos do mundo.

Revolve o monturo todo  
Das immundicias da vida,  
E se achares, entre o lodo,  
Alguma illusão perdida,

Traz-m'a, trapeiro, que é minha,  
E nem sei como a perdi. . .  
Mas lembro-me bem que a tinha  
Na alma, quando nasci!

# ADEUS DOLOROSO

I



IANA e Balleroy viviam ha muitos annos juntos e era aquella a primeira vez que se separavam. A' primeira o medico tinha recommendado ares da montanha; ao segundo, ares do mar. Uma ia para Luchon, o outro para Dieppe.

Não fôra sem uma dolorosa perplexidade que se tinham decidido a dar este passo. O habito de viverem juntos tinham os identificado tanto um com o outro, que não podiam separar-se sem custo. Mas amavam-se demasiado para poderem curar-se

com o socego necessario; e no interesse de um tratamento consciencioso, era forçosa a separação: tres semanas depressa se passariam.

As malas foram feitas no meio de uma grande tristeza.

Para vigiarem os preparativos da partida, Diana e Balleroy, de mãos dadas, olhavam-se melancolicamente. De quando em quando beijavam-se apaixonadamente.

— Não te esquecerás de mim, não é verdade? Has de escrever-me todos os dias! Quero saber, hora por hora, como empregaste o tempo. Meu Deus, quanto soffrerei sem ti!...

E promessas e juramentos trocavam-se entre dois beijos.

De repente, Diana exclamou:

— Mas para que havemos de soffrer tanto? Se queres, não parto...

— Não, respondeu Balleroy com heroica firmeza. Vae n'isso a tua saude, minha querida! Tem coragem! Vinte dias depressa passam e voltaremos para a nossa casinha onde viveremos muito felizes.

As malas estavam feitas; approximava-se a hora da partida. Tinham mandado buscar uma carroça para levar a bagagem á estação, enquanto Balleroy ia buscar um *coupé* para elle e Diana.

E no emtanto não podiam decidir-se a abandonar aquella casa! Mas não havia outro remedio. Metteram-se no trem a caminho da estação d'Orléans.

Durante o trajecto fizeram de novo juramentos e promessas reciprocas. E repetiam:

— Vamos ser infelicissimos!

A' portinhola do wagon deram-se um longo abraço. Os outros viajantes estavam commovidos por verem a sinceridade e a violencia d'aquella dôr.

— O comboio vae partir, senhor! gritou o conductor.

— Adeus! adeus! Uma carta todos os dias... todos...

Ouviu-se um assobio; Balleroy fugiu dos braços de Diana toda em lagrimas, fechou a portinhola da carruagem e ficou de pé na gare, acenando com o lenço.

No mesmo carro, dirigiu-se para a estação de S. Lazaro, pensando em Diana e recordando-se do passado.

Quando chegou á estação, o comboio ia partir. Teve apenas tempo para correr á bilheteira:

— Uma primeira... para Dieppe.

II

Na estação tudo parecia em festa, havia uma animação extraordinaria.

— Como esta gente é feliz! disse consigo Balleroy com amargura. Vê-se bem que não deixaram como eu, tudo o que amam.

Quando pensava no melhor modo de se hospedar, encontrou um grupo de amigos: eram La Honnaye e Nanteuil, flanqueados pelas sr.<sup>as</sup> Lurette e Foretein, duas bailarinas.

— O que! és tu, Balleroy! e sem Diana!... E' inverosimil!... Vens para Dieppe? Então vem hospedar-te onde nós estamos.

— E' que... como não estou muito disposto para a alegria, receio incommodal-os.

— Ora! Queremos absolutamente que venhas comnosco e has-de vir.

O melhor partido era fugir ás recordações penosas; portanto, Balleroy deixou-se levar pelos amigos. Hospedaram-se todos no hotel dos Príncipes, que estava illuminado brilhantemente e onde um grande numero de parisienses alegres prevenidos pelo telephone, aclamavam a chegada dos viajantes. Tinha-se levantado um palco para os musicos, no salão, e só se esperava por elles para dar principio ao baile.

Que dizer mais?... A's duas horas da manhã, Balleroy dançava animadamente, esquecido de todos os seus pezares; ás tres cejava com mulheres e ás quatro, completamente embriagado, mettia-se no quarto, murmurando:

— Que infeliz eu sou!... Pobre Diana!... pobre creança!...

III

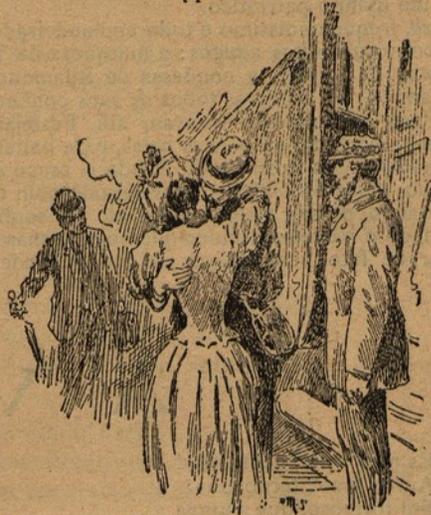
No dia seguinte, levantou-se com a cabeça muito pezada, massado por se vêr só e no quarto de um hotel. Mas apenas as suas ideias se tornaram mais lucidas, envergonhou-se do que fizera na vespera e os seus pensamentos voaram para Diana. Emquanto elle se divertia, a pobresita chorava talvez silenciosamente, a caminho de Luchon. Contristado por esta ideia, saltou abaixo da cama, vestiu-se á pressa, resolvido a escrever a Diana.

No momento em que se sentava á secretaria, viu entrar como dois furacões La Honnaye e Nanteuil.

— Já almoçaste?

— Ainda não.

— Então, vem almoçar comnosco; vamos abrir o appetite a casa de miss Peppette.

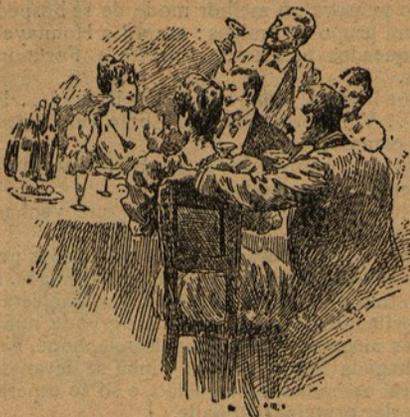


A' portinhola do wagon...

Forçoso lhe foi, pois, pôr a carta de banda e seguir os amigos ao *bar* situado por traz do Casino.

Miss Peppette, uma loira de nariz arrebitado, de faces rosadas, com um vestido azul que lhe fazia realçar maravilhosamente as fórmãs, com os braços meio nus, cortava *sandwich* sobre que extendia uma grande talhada de manteiga fresca. Em volta d'ella flirtavam os rapazes, aldrabavam um inglez impossivel mas que tinha o condão de alegrar miss Peppette, e bebiam aos golos um excelente *sherry*.

D'alli, foram ao Casino para dar uma vista d'olhos pela praia e para observarem os trajos das senhoras e dos homens que estavam na areia. Mas foi de curta duração a estada alli porque fóra do estabelecimento, um magnifico *mail-coach* esperava a comitiva que ia almoçar a Puy com as duas bailarinas, Constança Vernon e uma hespanhola de seios opulentos.



A's tres cejava com mulheres...

— Mas eu tenho que escrever... objectava Balleroy.  
— Que diabo! escreverás quando voltares, respondia La Honnaye. Vamos! vamos! para o carro!

Andados uns metros em *mail-coach* já Balleroy não se lembrava de nada. A estrada era bordada de arvoredos e corria no meio de pomares em flor, que exhalavam um perfume inebriante; á esquerda extendia-se o mar azul que vinha morrer languidamente na praia, scintillante de seixos prateados. O céu estava sereno e limpidissimo; uma ligeira brisa dilatava os pulmões. O *mail* desliza pela estrada branca, ao galope dos seus bellos cavallos, enquanto, dentro, os passeiantes riam alegremente.

O almoço no grande terraço do novo Casino, correu muito animado. Comeram-se iguarias desconhecidas e excellentes ostras. Acabada a refeição, tiveram ainda tempo de dar uma volta. Não se deve estranhar por isso que Balleroy propuzesse debilmente para voltarem ao hotel dos Principes e deixasse cahir a cabeça sobre os abundantes... attractivos da hespanhola. E assim voltou para Dieppe cantando horripidamente em falsete uma barcarola e um hymno patriótico.

No *corso*, frequentadissimo e todo embandeirado, Balleroy encontrou muitos amigos: a marquezia de Taleuf, a marquezia de Raglan, a condessa de Rilamond, o sr. de Roucanaye; em summa, todos os seus conhecidos do Paris aristocratico estavam alli. Festejaram o recém-vindo, convidaram-o para ceias, para bailes, para *garden parties*, para *lawn-tennis*. Dando o braço a uma, conduzindo outra ao *buffette*, conversando com outras, rindo, flirtando, passou aquelle dia como um sonho.

Terminado o passeio, calculou que tinha apenas tempo de mudar de fato para assistir ao chá da condessa de

Rilamond, chá que devia ser seguido de uma *sautérie* em familia. Que dia tão cheio, meu Deus! Não tinha podido, nem por sonhos, escrever a Diana a longa carta d'amor prometida! Podia elle prevêêr que se divertiria tanto em Dieppe?... Em conclusão, aquella liberdade não lhe fazia nenhum mal!... Mas se lhe faltava o tempo de escrever, podia certamente mandar um telegramma.

E n'uma meia folha de papel de carta traçou á pressa as seguintes linhas:

«A' SENHORA DIANA...»

LUCHON.

*Não tenho tempo para escrever. Encontrei muitos amigos. Penso em ti. Infelcissimo. Saudades affectuosas.*

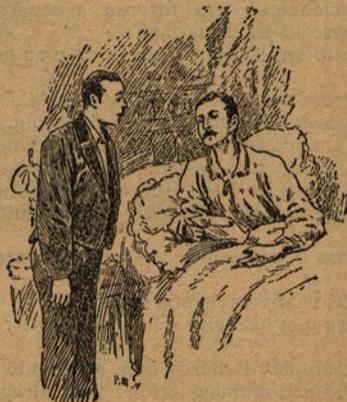
BALLEROY.

Depois, muito alegre, bem penteado, bem perfumado, com uma rosa chá na casa do *frac*, dirigiu-se para casa da senhora de Rilamond; tomou o chá, bailou, dirigiu o *cotillon* até ás tres horas da manhã, e voltou para casa com a mente cheia de ideias risonhas sobre a sua estacão em Dieppe que seria um verdadeiro paraíso. A recordação de Diana evaporava-se pouco a pouco; mas, no emtanto ao acordar, na manhã seguinte, teve um grande remorso pensando na carta que devia receber nesse dia de Luchon.

Tocou a campainha.

— Pergunte no correio se ha alguma carta para mim.  
— Não ha nada; mas veio um telegramma quando v. ex.ª já tinha sahido.

Balleroy abriu-o e leu:



Não ha nada...

«AO SR. VISCONDE DE BALLEROY»

DIEPPE.

*Impossivel escrever por causa de occupaões. Encontrei muitos amigos. Espero divertir-me mau grado immensa tristeza. Lembra te de mim.*

DIANA.

BOB.

(Trad.)

## À VIRGEM

És para mim, gentil flor!  
Aureo fanal, terno guia;  
Sol formoso, que allumia  
O mundo do meu amor;  
Suave alento, dulcôr,  
Na tristeza da orphandade;  
Anjo d'affecto e bondade,  
Doce encanto, almo vigor.

Sorris a meu coração,  
Pungido por dissabores.  
Dás conforto ás minhas dôres...  
Nunca me olvidas, oh! não.

(Do Poema da Juventude)

270

A tua pura affeição,  
Salutar e compassiva,  
No azul do peito me aviva  
A flamma da gratidão.

Hei-de sempre bemdizer  
Teu nome, estrella celeste!  
A esperanza, que me dêste,  
Lenifica-me o soffrer.  
Rainha! por teu poder,  
Zombarei da sorte dura:  
Accende a luz da ventura  
Na treva do meu viver.

J. M. ANÇÁ.

# THEATROS

**D**UAS casas de espectáculo apresentaram n'estes ultimos dias verdadeiras sensações. Uma d'ellas, a Trindade, deu-nos os *Dois Garotos*, a afamada peça de Pierre Decourcelles, traduzida pela sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão.

Este drama, de situações violentas e de grandes tiradas declamatorias, prende a attenção do espectador, commovendo até á lagrima os corações sensiveis. O trecho resume-se em duas palavras: ha duas creanças, Claudino e Fanfan, que, não conhecendo familia, vivem ao acaso da vida das ruas e cahem nas mãos de uns salteadores que os martyrisam e lhes fazem soffrer as maiores privações. A familia de uma d'ellas encontra-os e toma conta d'ellas. Mas Claudino não gosa os prazeres da vida porque morre assassinado, e Fanfan encontra a recompensa de todos os martyrios soffridos.

Como vêem é tudo o que ha de mais romanesco e adequado a situações agudas; a habilidade e a imaginação do auctor coloriu este episodio e deu lhe toda a intensidade dramatica que se requer nas peças d'este genero.

*Os dois garotos* estão luxuosamente postos. O scenario é deslumbrante e a *mise en scène* esmeradissima.

Na peça tomaram parte Palmyra Bastos, Costa, Augusto, Ferreira da Silva, Amelia Vieira, Maria Pia, Posser, Amelia Barros, Valle e Augusto de Mello.

Todos concorreram para o exito do drama que ha de levar á Trindade uma concorrência desusada.

— O Colyseu dos Recreios apresentou-nos tambem um numero de verdadeira sensação: o *Animatographo*. Apesar de não ser uma novidade para o nosso publico, é, contudo, um attractivo poderoso e um espectáculo digno de ser visto. O *Animatographo* actualmente em exposição no elegante circo da rua de Santo Antão, é muito mais aperfeiçoado do que aquelle que já tínhamos visto, e apresenta photographias de inteira novidade entre nós.

São de um bello effeito, entre outras, as que representam o *cortejo do jubileu da rainha Victoria*, a *rece-*

*ção do presidente da republica franceza em S. Petersburgo*, o *desfile de um regimento de artilheria*, a *chegada de um comboio expresso á estação de Villefranche*, o *falso aleijado*, *nadadores atirando se á agua*. E causando uma grande hilaridade as *farças do carteiro e da velha*, *um jury de pintores*, *a ama e o militar* e os *episodios de uma corrida de touros em Barcelona*.

Tudo isto passa rapido deante dos nossos olhos, mas com uma nitidez perfeita e em tamanho natural.

Santos Junior, o incansavel e intelligente empresario do circo dos Recreios, encontrou a maneira de chamar o publico ao seu theatro. Afóra o *Animatographo*, ha ainda outros trabalhos de circo que merecem menção especial. Entre outros, o *Trampolim aereo*, feito pelos irmãos Hernandez, que são dois gymnastas de primeira ordem e de um arrojado inconcebivel, os *Samsões modernos*, que supportam um pezo de 1300 kilos, e a troupe Falcini, dextros e ageis acrobatas, que fazem maravilhosamente o trabalho dos *chapeus volantes*.

Para quem não fôr amante de sensações fortes e gostar das faceis digestões, tem o Colyseu dos Recreios para passar tres horas agradaveis, onde o coração não soffre e onde os olhos se regalam.

— O theatro da Avenida activa os ensaios da sua revista do anno a *Carapuça*, original do nosso collega Julio Rocha, um rapaz modesto e despretençioso, mas trabalhador e honesto como poucos, que já não é um novato neste genero de trabalhos.

Entretanto, vae dando series de representações com o festejado *Regimento Vermelho*.

— Os outros theatros continuam representando as mesmas peças de que já aqui nos referimos: D. Maria, *Mademoiselle de la Seiglière*; Rua dos Condes, *O Gafanoto*; Gymnasio, *A sr.<sup>a</sup> Ministra*. O Real Colyseu annuncia para esta semana a *première das Farroncas do Zé*, revista do anno.

J. S.

## A CIDADE DA LUZ

Vós que buscaes a senda da esperança,  
Entraí: aqui ha mundos luminosos  
N'um céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos;  
Vinde para o paiz da primavera,  
Vós, que deixaes os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,  
Que sahireis estrellas redivivas,  
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,  
Abri as vossas azas rutilantes  
Entraí, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas d'estes porticos gigantes  
Haveis de ler uma inscripção, que alente  
Os vossos vãos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.  
Quem entra, leva um peso aos pés atado,  
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sobe á tona leve e festejado,  
E vem de tantas perolas coberto,  
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden no deserto,  
Fazer um sol de um monte de granito,  
E para vêr melhor o céu de perto.

Encontrar uma escada no Infinito,  
Entrar pela estellifera voragem,  
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

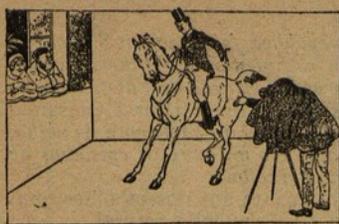
E armada de tenaz, feroz coragem,  
Arrasando os enigmas da vida,  
Cavar nas trevas lúcida passagem...

A isto esta cidade vos convida.  
Entraí; por mais que a noite em vós se note  
Tereis um astro á frente na sahida.

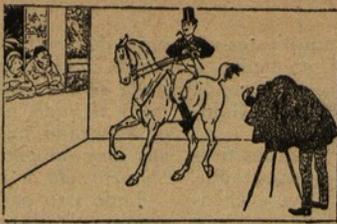
Da cidade moderna é luz o mote,  
Que na porta da entrada arde e flammeja.  
Entraí! a escola é cathedral, igreja;  
Hostia — sciencia: o mestre sacerdote.

LUZ DELFINO,

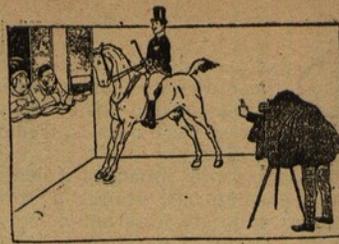
## A PHOTOGRAPHIA INSTANTANEA E O CAVALLO SALTADOR



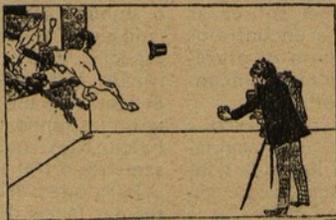
1



2



3



4

## COISAS ALEGRES

Theofilo Braga, quando frequentava o lyceu de Ponta Delgada, tinha como professor de francez João Hermeto, hoje já fallecido. O fraco d'este homem era querer que o accéitassem como poeta, não indo elle além d'um paciente verzejador.

A alma de 15 annos de Theofilo, abria-se então n'uma efflorescencia poetica que trazia maravilhados os michaelenses dados ás letras. Estas glorias do discipulo eram para o prosaico professor um inferno, em que penava a sua vaidosa presumpção.

Um dia Theofilo é chamado á lição. O seu terrivel rival intermette-lhe na exposição umas perguntinhas adrede alli forjadas para o *estender*. A uma d'ellas responde o discipulo — que não sabia.

Então João Hermeto, abrindo-se n'uma radiante e victoriosa satisfação, observa-lhe :

—Vê? É o que eu tenho dito a seu respeito : O senhor não é o que se julga por ahi. Digo mais : nem nunca ha-de ser coisa alguma.

—V. S. perdeu o faro (retorquiu Theofilo).

— Pois veremos qual de nós o perdeu.

E o pobre professor ainda sobreviveu bastantes annos a expiar a sua vaidade.

\*

Pinheiro Chagas, em certa conversação com Furtado Coelho, arguia-o, embora amigavelmente, de que sendo um homem de larga illustração e tambem escriptor dramatico, não respeitasse os direitos d'auctor. E Chagas falava como uma das victimas, (esclarecia) pois que tendo elle Furtado Coelho, feito representar, no Brazil, pelas suas companhias, centenas de vezes — *A Morgadinha de Val-Flor* — nunca lhe enviára um ceutil pelo seu trabalho d'auctor.

O empresario, querendo justificar-se d'algum modo, fazia-o com subterfugios sem valor. Mas Pinheiro Chagas rematou o assumpto, observando lhe :

— Olhe, para concluir, sabe o que lhe digo ? Que o coelho será você, mas o furtado sou eu.

\*

Ahi por um dos annos de 1860 a 70, no Porto, e em um sabbado d'alleluia, foram queimados varios *Judas* de palha ; menos um que a policia apprehendeu, porque representava, pela fisionomia e pela farda e chapéo armado, certa figura politica, então ministro preponderante. Dos pés pendia-lhe um rotulo com estas letras:

F. P. M.

Averiguado quem fôra o *artista*, tambem foi conduzido, e sem a menor relutancia da sua parte, á presença do chefe policial. Interrogado sobre a sua intenção, declarou, affectando habilmente a maior ingenuidade, que não tivera intenção alguma de representar determinada pessoa : « a fisionomia... foi o que sahiu ao acaso ; quanto á farpella... é o que havia á mão».

—Essas evasivas, ponderou o chefe, ainda serviriam, se não fosse o resto... Mas o rotulo ? Aquellas letras ? não são as iniciaes do nome d'um senhor ministro ?

— Não pensei n'isso.

— Então que significam... ?

— Significavam, alli, no *Judas*, enforcado e para ser queimado, que... *foi pelo merecer*.

E, perante tanta innocencia, o grande marau foi solto e livre.

\*

De Gualdino Gomes, em uma parede da aula do Curso Superior de Letras :

Que me importa, que o Kant cante,  
Que me importa, que o Comte conte !  
De nós rapazes diante  
Que me importa que o Kant cante !  
Kant é um Kant pedante,  
Comte é um Comte bifronte.  
Que me importa que o Kant cante,  
Que me importa que o Comte conte !

H.

# SECÇÃO RECREATIVA

## OS DOIS DADOS

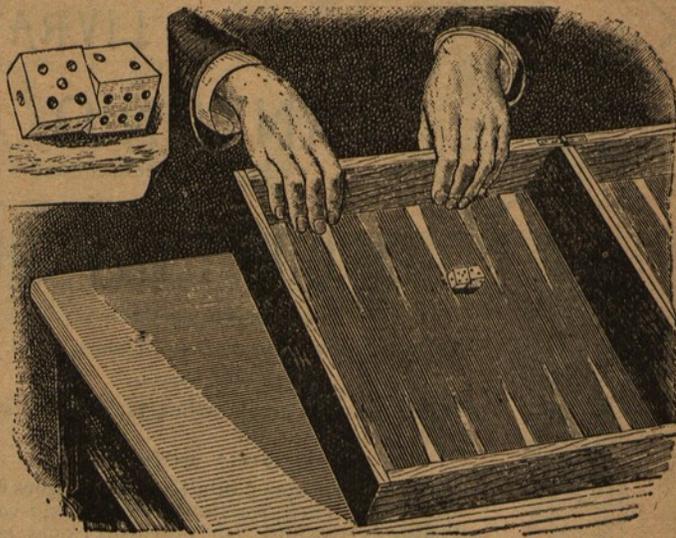
**J**UNTAR dois dados de jogar e fazel-os rolar juntamente sobre um plano inclinado, eis a experiencia que hoje propomos aos nossos leitores.

Molhe-se levemente uma face de cada um dos dados com saliva e justaponha-se de maneira que os angulos se cortem igual e symetricamente, fazendo os diagonaes das faces justapostas um angulo de 45° entre si.

Se se pegam os dados fazendo coincidir exactamente duas das suas faces, só rolam sobre quatro arestas o que torçaria a dar ao taboleiro do gamão, que serve de plano inclinado, um declive muito pronunciado.

Vogando, pelo contrario, os dados, como acabamos de indicar, o conjunto rolará sobre oito e não sobre quatro arestas. Collocando-se tres damas sobrepostas sob um lado do taboleiro do gamão; e imprimindo a este um ligeiro movimento inicial, os dados percorrerão á vontade, rolando, por todo o seu comprimento.

A saliva, seccando, faz adherir as duas faces do dado. Molhe-se, é sabido, em segredo antes de fazer a experiencia perante os circumstantes, mas justapõe se na presença d'elles; depois separam-se bruscamente os dados logo que chegam ao fim do trajecto, e pede-se a um amator para repetir a experiencia. Vêr-se-ha que, se elle não conhecer o truc empregado, isto não é facil.



# CORAÇÃO

# DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

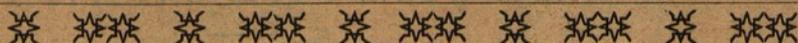
# BRANCO E NEGRO

SEMÁNARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portugueza.....	800 "	1\$600 "	3\$200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis



LIVRARIA EDITORA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações especiaes de percaline

A 200 réis

\* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

A 240 réis

\* Leituras para a escola primaria, por Augusto José da Cunha, 1 vol.

A 360 réis

\* Leituras correntes e intuitivas e 1.<sup>a</sup> lições de coisas, por Travassos Lopes, (1.<sup>a</sup> parte), 1 vol.  
\* Contos da avósinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 400 réis

\* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 500 réis

\* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.  
Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

A 600 réis

Historia d'um pelhaço, por Raul Brandão, 1 vol.  
A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

A 700 réis

Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.  
A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.  
A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.  
Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.  
A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.  
Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.  
A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.  
Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.  
Riso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.  
Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.  
N'este valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.  
Hygiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.

Hygiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.  
Pelo mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.  
Tragedias da vida, rom. de João Salgado, 1 vol.  
Os noivos, rom. de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

A 800 réis

Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.  
Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
Morte de D. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
O Livro do Monte, pcesias de Bulhão Pato, 1 vol.  
\* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.

Diccionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.  
\* Litteratura Brasileira, estudo critico, seguido d'uma abundante collecção de prosas e versos

Os preços são por volume. As obras com o signal \* são illustradas.

dos mais notaveis escriptores brasileiros contemporaneos, por Valentim Magalhães, 1 vol.  
A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Poemas [portuguezes, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Neblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Moral para todos, por A Franck, trad. 1 vol.  
Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

A 950 réis

O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.  
Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$000 réis

Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.  
\* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.  
\* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

A 1\$100 réis

A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

A 1\$250 réis

Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$300 réis

Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

A 1\$400 réis

Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

A 2\$000 réis

\* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito ampliada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

A 3\$200 réis

\* Paulo e Virginia, celebre rom. de Bernardin de Saint-Pierre, edição illustrada de grande luxo.  
\* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.  
\* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

A 3\$600 réis

\* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de Pinheiro Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

A 6\$750 réis

\* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.

# Branco e Negro



SOBRE A PONTE, quadro de Aug. Hasborg

PREÇO 50 RÉIS

N.º 96

Esta primorosa edição de PAULO E VIRGINIA, ricamente encadernada, com capa de percaline, impressa a côres e dourada por folhas, constitue o mais

### DELICADO BRINDE

que se pôde offerecer a quem apreciar as obras primas de litteratura.

PREÇO 3\$200 RÉIS

Notavel e esplendido romance de BERNARDIN DE SAINT PIERRE

**PAULO E VIRGINIA**

Edição de grande luxo, impressa em ótimo papel e ricamente encadernada com capa de percaline a côres.

Magnifica edição primorosa e illustrada com gravuras interessantes e soltas e intercaladas no texto.

Pedidos á Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA, Editor. — Rua Augusta, 52 e 54, Lisboa.

JA' ESTA' A' VENDA O

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 96

LISBOA, 30 DE JANEIRO DE 1898

2.º ANNO

## OS VELHINHOS



Velhinhos cujo tempo de alegrias já passou e que vivem agora da saudade d'essas alegrias! Em cada ruga que um dia decorrido cava mais, elles miram as lagrimas de felicidade que os sulcaram, quando frescos os rostos, córados como rosas, se reflectiam um ao outro as felicidades que dá uma vida de trabalho e sem agitações.

No espelho, — vêde-os! — retratam elles um sorriso, relembrando coisas idas, o velho passando a mão pelo queixo encarquilhado da velha, rindo ambos d'essa pieguice que lhes aquece ainda os corações. Como o tempo já vae longe em que, nas romarias, elle com o seu bello fato domingueiro, de falas namoradas e riso sempre prompto, lhe cantava em verso de pé quebrado as suas maguas de apaixonado, e

ella lhe respondia, córada como uma romã, no mesmo tom amoroso e melancolico! Como isso vae longe!... Depois, o casamento, o adro da igreja cheio de raparigas e rapazes, atirando confeitos e rosas, o senhor prior abençoando-os... A vida simples depois, um trabalhando no campo, a outra em casa, na sua lide, tratando-lhe das refeições, e quando elle recolhia ao dar d'Avé-Marias, cantando alegre, pensando no caldo fumegante que o esperava na lareira, ella o ia esperar á entrada do cabeço, e iam os dois de braço dado até á chóça! — Depois...

Oh! santos velhinhos, para quem a vida foi uma ventura continuada, ride, ride sempre e, sem vêr as rugas que o tempo destruidor cavou, remirae antes os bellos dias idos, o sol e a luz!...

# EXCAVAÇÕES LITTERARIAS

## DO 'ALBUM DO ACTOR SANTOS'

**T**RATEMOS agora do periodo faustoso da minha vida de empresario. Curtos momentos de felicidade, crueis dissabores e amargos de bocca. Mais uma vez reconhecido e grato, abro os meus braços a Pinto Bastos, tornando bem patente a grandeza d'aquella boa alma.

Todos o conhecem; só apparece hoje uma vez no anno aos seus amigos d'outro tempo, e na maneira como é recebido está a prova do que foi o seu passado. Os amigos, auctores e actores, que n'outras epochas lhe deveram uma fineza, vêm n'essas noites recordar-lhe que são ainda os mesmos seus dedicados, e que o não esqueceram.

Até nos separarmos nunca deixou de ter para mim as mesmas attentões e estima do primeiro dia; não tive uma exigencia para a scena que não fosse logo satisfeita, um capricho a que se recusasse; depositava em mim a mais completa confiança, não se mettia no que não entendia, nem aconselhava disparates. Tinha o bom criterio de só se occupar da parte financeira; soubemos ser um para o outro bem educados, e conhecermos o nosso lugar. Foi durante a nossa empreza que veiu a Lisboa o tragico Rossi. Pinto Bastos teve a coragem de metter commigo hombros á tentativa; e se o publico não concorresse, teria sido uma perda fatal.

Eu estava em Madrid; já n'outro lugar confessei a grande impressão que me tinha causado aquelle actor, mas o que me resta dizer é que a primeira peça em que o vi foi no *Othello*. Senti tal enthusiasmo que, sem procurar ser-lhe apresentado, entrei no camarim como doido e atirei-me aos seus braços. Elle perguntou-me: «Quem é o sr? ...» disse-lhe o menos que podia dizer de mim, mas o nosso ministro n'essa côrte, que se achava presente, teve a extrema delicadeza de fazer a minha apresentação. Depois de algumas troças de cumprimentos, convidei o para vir a Lisboa dar um numero de recitas; respondeu me que já uma vez o governo lh'o tinha proposto, mas que achara caro; disse-lhe: Quer vir ao meu theatro? Quanto quer por tantas recitas? — Tanto. — Está feito o contracto, respondi lhe eu... Mas o peor é que me não conhece... e se eu faltar?... — Dê me a sua mão... tornou elle, está assignado o contracto.

No dia seguinte escrevia ao meu socio Pinto Bastos: «Não sei o que fiz, creio que foi uma doidice, mas está feita. Contractei o tragico Rossi, custa muito caro.» Elle respondeu me immediatamente pelo telegrapho: «Fizeste muito bem; somos solidarios dos nossos actos, ambos o contractámos, não foste só tu.»

Veio a Lisboa o eminente tragico, deu as suas recitas, cumpriu-se o contracto, todos ganharam, não foi preciso especular com o publico nem abrir banca de contractador.

Outra arriscada tentativa foi levarmos á scena a opera comica a *Grã-duqueza de Gerolstein*. Cheguei de Paris e disse a Pinto Bastos: mandei traduzir esta peça, não temos nem actores, nem cantores; precisamos de scenario novo e o guarda roupa custa muito dinheiro, mas eu quero lutar; o que me dizes tu?... Elle respondeu me: — E' começar amanhã os ensaios.

Foi a *Grã-duqueza* á scena, e os artistas houveram-se briosamente no desempenho dos seus papeis. Falar n'esta peça sem citar o nome do Faria é ser um ingrato para com o fallecido actor. Quem ha ahí que se não lembre do primoroso desempenho do general Boum?... Infeliz amigo!... meu primeiro companheiro de camarim!... Que o publico e os seus amigos, ao lerem estas linhas despreziosas, vejam que te faço a merecida justiça, que de direito te pertence.

Este actor tinha muitos pontos de contacto com o seu collega francez que fez o mesmo papel. Eram dois tristes, dois misanthropos, dois bisonhos; pouca gente os viu completamente alegres durante toda a sua vida, e ambos eram dois comicos que fizeram rir no decurso de meio seculo a actual geração.

Faziam lembrar aquelle legendario clown, sempre triste e pensativo, a quem um dia perguntaram:

— Porque se não distrae? que tristeza é essa?... Nunca o vêmos rir...

— Não posso, respondeu elle, tudo me aborrece...

— Vá esta noite ao Circo ver o celebre clown que faz rir todo o mundo.

— Lá irei sim... ao Circo... como todas as noites... porque esse clown de quem fala... sou eu.

O actor francez a quem me refiro tinha tanta graça que muitas vezes fazia perder de riso em scena os proprios collegas. Baron, seu amigo intimo, que o esperava á porta do theatro das Variedades no dia do seu enterro para se eacorporar no prestito, disse rindo e chorando para a Schneider, que tambem estava presente:

— Aquelle morto que alli vem ainda me faz rir...

Pobre Couderc! tanto horror tinhas á alegria que até quizeste acabar tragicamente mettendo uma bala na cabeça!... Mas não conseguiste sensibilisar nos... havemos sempre lembrar-nos de ti... e rir!...

Finalizei a empreza com o meu socio Pinto Bastos e ainda hoje somos os mesmos amigos.

Seguiu-se a minha empreza no theatro de D. Maria. Nem tudo foram rosas; tenho a consciencia que trabalhei o mais que pude; nem sabia mais. Ao fim de seis annos uma commissão de litteratos, nomeada pelo governo, deu o theatro a outra empreza. Hoje é administrado por uma sociedade de actores, que têm feito quanto possivel para elevar a arte, mas os seus erros têm sido os mesmos dos anteriores empresarios, e se não se vêm tanto a descoberto, é porque os envolve um véu que pelo seu brilho cega a vista e fascina. Não desculpo não dar originaes, montar peças extrangeiras com scenarios deslumbrantes. Não é fazer theatro-escola, theatro-normal, copiar typos extrangeiros, que a maior parte do publico não conhece nem nunca viu. Portanto, o final d'esta empreza fatalmente será o de todas, irá pondo de parte cada vez mais os originaes; d'ahi resultará o descontentamento dos auctores, e a critica da imprensa. Não os censuro por nos darem um pertence de scena verdadeiro em vez de um de pechisbeque; nem que o velludo e o setim não sejam uma imitação; eu tambem gostava de poder fazer o mesmo; e alguma vez por outra que tentava chegar á verdadeira realidade, isto é, levar á scena uma peça sem que nada lhe faltasse, o publico na seguinte exigia mais, na outra mais ainda, e quando por fim não podia, e lhe dava cretone por damasco, como estava com a bocca doce, já não lhe agradava e censurava. Ora taes magnificencias custam muito dinheiro, o rendimento das recitas não é sufficiente para fazer face a estas pompas, e não ha empreza que resista; portanto, um conselho, retirar emquanto é tempo. Essa pleiade de bons artistas que já mostrou ao governo que por cá tambem se sabe representar, veja se consegue alcançar um bom subsidio, não o da Comedia Franceza... mas emfim, alguma coisa que sirva para d'uma vez por todas fazer d'alli um theatro-escola, um futuro para alumnos de declamação; dar exclusivamente originaes por tугuezes, nem uma só traducção; dar uma recita por semana por meios preços para estar ao alcance de todas as bolsas; alternar com os originaes novos, as peças de Garrett, Gil Vicente, Camões, Feijó, Antonio José, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes; fazer reviver o theatro antigo de Mendes Leal, Cascaes, Gomes de Amorim e outros; finalmente, seguir o systema estabelecido pela Comedia Franceza. E' tentar obter o subsidio, como lhes disse, e talvez o consigam; não pôdem queixar-se de não serem attendidos; tudo que têm desejado têm alcançado; eu é que nunca fui tão feliz; se quiz a canalisação do gaz arranjada para que não houvesse alguma fatalidade, tive de a fazer á minha custa.

HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS  
COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — GALLEGOS (trajo antigo), aguarella de Roque Gameiro

# HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

## O MERCADO DAS FADAS

(DE \*\*\*)

As fadas não passam todo o seu tempo a ser mãinhas de pequenas princezas formosas como o dia, a fazerem-se transportar em cabaças improvisadas em carruagens, ou a dançar em roda nas encruzilhadas; o gosto pelo commercio attingiu o proprio mundo phantastico, e muitas d'estas brancas damas tornam-se vendeiras uma vez no anno.

Abrem habitualmente os seus logares encantados em alguma montanha, junto de mysteriosas pedras que se elevam como sphinges para apresentar um eterno enigma aos archeologos que passam. As fadas arranjam montres, onde apresentam tudo o que produz o seu mundo mysterioso. Em primeiro logar os talismans conhecidos: aneis destinados a tornar invisiveis; alcatifas que vos transportam mais rapido que o pensamento, bolsas sempre cheias, cordas para voltar o vento, philtros para se fazer amar! Depois, ao lado ostentam-se todos os milagres da garridice feérica, estofos d'ouro bordados de diamantes, perolas maiores que ovos de pato, braceletes d'um só rubi, carbunculos faiscentes como tres bicos de gaz, e outros mil enfeites taes como poderiam ser sonhados por uma joven pensionista na vespera do seu primeiro baile.

As fadas expõem tudo isto ao luar, e esperam os compradores, mas bem poucos se apresentam a um tal mercado, e a maior parte d'aquelles que a sorte alli conduz fogem sem responder aos gritos de pregão que ellas soltam.

Ora, uma noite que Albertina voltava da cidade quiz encurtar o caminho e tomou por uma charneca deserta. Todas as estrellas brilhavam em o azul do ceu, o bom cheiro dos fenos cortados enchia o ar, e o rouxinol cantava sobre os freixos; mas Albertina caminhava sem nada ver nem nada ouvir, pensando no que tinha visto em casa d'aquelle senhor a quem tinha ido levar as rendas da herdade. Tanta riqueza tinha despertado as suas ambições; mil desejos lhe vinham á mente, e procurava aquelles que mais lhe agradariam.

— Oh! se eu tivesse o mundo á mercê da minha vontade, pensava ella; se pudesse satisfazer tão bem os meus desejos, como o meu visinho Manuel faz o tecido com o fio do linho! se as brancas damas abrissem para mim o seu mercado magico, e me deixassem escolher segundo a minha phantasia!

Pensando assim chegou á grande charneca; a lua illuminava a collina onde ella apercebeu as fadas arranjando as suas maravilhosas mercadorias. Albertina deteve-se soltando um grito, mas sem voltar para traz; era uma rapariga de espirito, curiosa e ousada, sempre prom-

pta a estender a mão mais alto do que poderia chegar. As fadas chamaram-n'a pelo seu nome convidando-a a escolher alguma das suas riquezas.

— Compra! compra! repetiam ellas n'uma só voz.

E faziam brilhar á seus olhos o ouro, os diamantes, os estofos preciosos.

— Desculpae, bellas vendeiras, respondeu Albertina sem se assustar; mas para comprar, é preciso dizer o preço.

— Nós te pediremos uma cousa com que te será facil pagar, responderam ellas.

— O que é então, boas fadas?

— Um dos teus cabellos por cada objecto que te agrada.

Albertina julgou que a escarneciam e ia a retirar-se, mas as fadas renovaram as suas propostas desdobrando a seus olhos todos os seus thesouros.

A aldeã sentiu faltar-lhe a respiração.

— Um cabelo por cada objecto que me agrada! repetia ella suffocada de prazer, nunca julguei que poderia ser tão rica, todos os reis da terra não serão dignos de ser meus primos.

E poz-se logo a percorrer o bazar feérico, e a escolher entre aquellas maravilhas, pagando cada aquisição com um dos seus cabellos, como tinha sido combinado, mas quanto mais comprava mais desejava. Depois dos aneis vieram os braceletes, depois dos braceletes os collares, depois dos collares mil outras cousas. Cada desejo cumprido fazia nascer um novo desejo, como costuma dizer-se. (Cinto de prata exige fivela d'ouro). Albertina pagava sempre com a mesma moeda sem perceber que a sua frente se ia desguarnecendo, á medida que ia comprando; continuou assim até pela manhã. Então o ar fresco e advertiu-a batendo na sua cabeça nua. Ella levou alli a mão e soltou um grito. Era muito tarde! o seu ultimo cabelo acabava de ser trocado por um pente de diamantes!

No mesmo instante, amanheceu, as fadas desapareceram com risos motejadores não deixando em logar das enganosas riquezas pelas quaes a pobre rapariga tinha trocado um dom de Deus, senão folhas caidas e bocadinhos de musgo!

Por muito tempo apontaram com o dedo Albertina, como um grande exemplo, e foi depois d'isto que os velhos se habituaram a dizer que aquelle que quer satisfazer todos os seus desejos bem depressa se torna calvo, dando apenas de cada vez um só cabelo!

MARIA ISABEL VALLE E SOUSA.

## OUVIR ESTRELLAS

Ora direis: ouvir estrellas! Certo  
Perdeste o senso. E eu vos direi, no entanto,  
Que para ouvir-as muita vez desperto  
E abro a janella, pallido de espanto.

Direis agora: tresloucado amigo  
Que conversas com ellas, que sentido  
Têm o que dizem, quando estão contigo?

E eu vos direi: amae para entendel-as,  
Pois só quem ama póde ter ouvido  
Capaz d'ouvir e de entender estrellas.

E conversamos toda a noite, emquanto.  
A Via-Lactea, como um pallio aberto,  
Scintilla. E ao vir o sol saudoso e em pranto  
Ainda as procuro pelo céo deserto.

# OS PARLAMENTOS DO MUNDO

(X)

## GRECIA

A constituição actualmente em vigor na Grecia foi elaborada pela assembléa nacional, convocada em Athenas, dois mezes depois de ter sido destronado o rei Othon. Essa assembléa aboliu o senado, resolvendo que o poder legislativo fosse exercido por uma só camara. A constituição votou-se a 17 de outubro de 1864, e ao cabo de um mez o rei Jorge prestava juramento.

Eis as principaes disposições da constituição grega, na parte que diz respeito á camara dos deputados.

O direito de propôr novas leis pertence á camara e ao rei, que faz uso d'este direito por intermedio dos seus ministros.

Se a camara desejar uma proposta de lei, não pôde

nos, e em cada legislatura o deputado recebe uma gratificação de 2:000 dracmas (3:600.000 réis). No caso de haver sessões extraordinarias, tem só direito ás despesas da viagem (ida e volta).

A camara está auctorisada a julgar e a accusar os ministros ante um tribunal nomeado para esse fim e presidido pelo presidente do tribunal de cassação. O rei pôde outhorgar perdão ao ministro condemnado por este tribunal; mas para isto precisa do assentimento da camara.

Os deputados elegem-se por suffragio universal, e as eleições fazem-se ao mesmo tempo em todo o reino.

É eleitor todo o *demota* (habitante de um districto) de vinte e um annos de idade.



PALACIO DO PARLAMENTO DE ATHENAS

esta ser apresentada de novo no decurso da mesma legislatura.

Sem uma lei especial não se pôde fazer nenhuma cessão ou troca de territorio.

O rei ratifica e promulga as leis: todo o projecto de lei votado pela camara, e que o rei não ratifique dois mezes depois de se encerrarem as côrtes, considera-se como nullo e sem nenhum effeito nem valor. O rei convoca regularmente a camara uma vez por anno e extraordinariamente, quando o julgue opportuno. Tambem tem o direito de a dissolver; mas n'este caso, o decreto de dissolução deve ordenar a convocação dos eleitores dentro do periodo de dois mezes, a contar da data da dissolução, devendo convocar-se a camara dentro de tres mezes.

A camara reúne todos os annos a 1 de novembro, a não ser que o rei a não convoque antes d'esta data. A duração de cada legislatura ha de ser de tres mezes pelo menos e de seis o maximo.

As sessões da camara são publicas; mas a pedido de dez deputados podem ser secretas e á porta fechada.

Para que a camara possa deliberar e votar, é preciso que estejam presentes metade mais um dos seus membros, e as votações resolvem-se por maioria absoluta.

Todos os annos a camara vota o contingente do exercito e armada, e o orçamento.

Os deputados prestam juramento em sessão publica na camara; os que não são christãos, juram segundo a formula e os mandamentos da sua religião.

O numero total de deputados não deve ser inferior a 150. A duração do periodo parlamentar é de quatro an-

Os elegivel todo o cidadão helleno, de trinta annos de idade, que gose ha dois annos dos seus direitos civis e politicos, e que conte pelo menos outro tanto tempo de residencia na circumscripção eleitoral em que apresentar a sua candidatura. Os governadores civis e os funcionarios publicos que recebam ordenado não podem ser eleitos deputados, a não ser que se demittam quarenta dias antes da eleição. Os officiaes em serviço activo podem ser eleitos; mas n'este caso são collocados na disponibilidade durante todo o periodo parlamentar.

As eleições duram apenas um dia, que deve ser um domingo, do nascer ao pôr do sol. Os resultados proclamam-se pelo tribunal de primeira instancia; se dois ou mais candidatos tiverem obtido igual numero de votos, deitam-se sortes. Os membros do clero não podem votar nem ser eleitos.

A camara elege ao começar cada legislatura, por maioria absoluta de votos e escrutinio secreto, um presidente, tres vice-presidentes e quatro secretarios. O presidente assim nomeado apresenta-se depois ao rei.

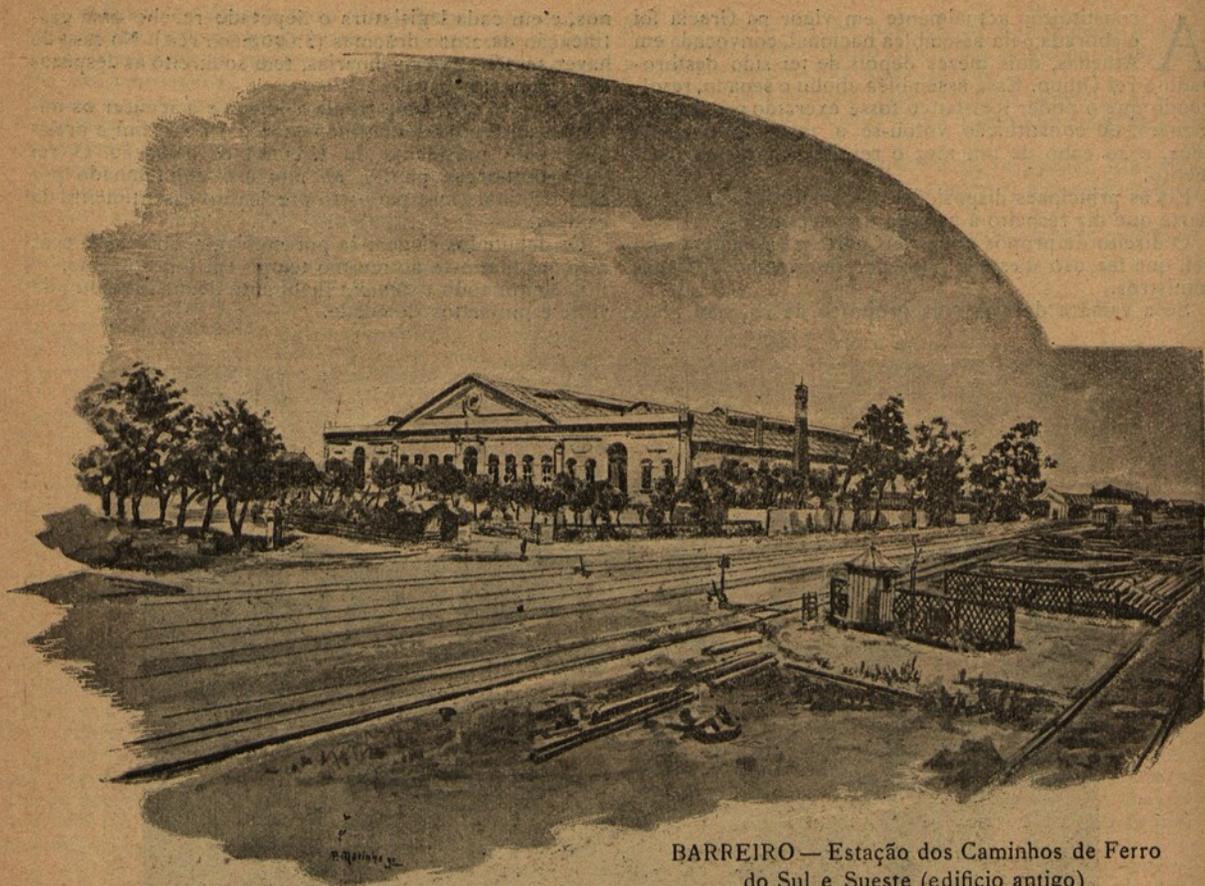
Constituida a meza definitiva, a camara nomeia doze commissões especiaes: orçamento, negocios internos, negocios externos, exercito, marinha, etc. A commissão do orçamento compõe-se de vinte e um individuos, e cada uma das outras não conta mais de nove. Estas commissões conservam os seus poderes durante toda a legislatura, e o mesmo deputado não pôde ser membro de tres commissões ao mesmo tempo.

Conforme se vê, a Grecia é o paiz parlamentar por excellencia, e no seu parlamento ha bellos oradores.

# VIAGENS NO PAIZ

(XXX)

## BARREIRO



BARREIRO — Estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste (edificio antigo)

ACCEDENDO ao amavel convite de um amigo dedicado, contrahimos o compromisso, que nos seria bem agradavel, de dizermos algumas palavras ácerca da terra que nos foi berço, se não fôra a precipitação com que o fazemos e ainda a arraigada convicção de que para isso nos fallece a competencia.

Todavia, deixando aqui registado o nosso reconhecimento para com a redacção d'este primoroso semanario, pela ideia, tão sympathica a todos os barreirenses, de tornar conhecida a sua importante villa, resta-nos a esperanza de que a benevolencia dos leitores relevará a presença do intruso.

E ainda porque, bem ou mal, entendemos que todos teem obrigação de contribuir quanto em suas forças caiba para que se torne conhecida a sua terra natal, pois que é innato no homem o amor ao local que o viu nascer.

Quem ha que se não lembre com o mais profundo sentimento de saudade dos bellos primeiros dias infantis, em que apenas se vive embalado pelas meigas crenças religiosas e pelas doces e inolvidaveis caricias da familia ?!

Oh! Qual o coração tão mal conformado, como diz Chateaubriand, que se não extasia ao ouvir o som dos sinos da sua terra natal, d'esses sinos que echoaram alegremente sobre o seu berço, que annunciaram a sua entrada n'este mundo, que marcaram o primeiro arfar do seu coração, que apregoaram, em todos os logares visinhos, a santa alegria paterna, as dôres e alegrias ainda mais ineffaveis de sua mãe? Tudo se encontra nas meditações encantadoras a que nos condúz o tanger do campanario da nossa aldeia: religião, familia, patria, o berço e o tumulo, o passado e o porvir,

N'estas considerações se encontra a razão de ser da annuencia a este convite.

Na margem esquerda do Tejo, vis à vis á nossa forma a capital, a alguns minutos de distancia, apenas os dispendidos em se ler a primeira pagina de um jornal, fica situada a bella e importante villa do Barreiro, notavel especialmente por ser a estação *terminus* da já hoje vasta rede dos caminhos de ferro do sul do paiz.

Sendo frequentadissima a sua estação, poucos, porém, conhecem a villa de perto, attenta a distancia de cerca de um kilometro que d'ella a separa.

Desde quando data a sua existencia ?

Não é facil responder a esta interrogação, que se impõe sempre a quem pretende escrever sobre qualquer povoação.

Quem hoje visitar o Barreiro não encontra qualquer monumento ou mesmo quaesquer vestígios archeologicos que lhe dêem uma existencia anterior ao seculo findo.

No entanto os que, como nós, nas horas de ocio, se distrahirem um pouco compulsando alguns livros e documentos antigos, convencer-se-hão, sem difficuldade, de que esta villa é, pelo menos, coeva do principio da monarchia, pois que já existia, e com uma certa importancia, no meiado do seculo XII, quando os mouros tentaram retomar de assalto a vetusta villa de Alhos Vedros, ao tempo já em poder dos christãos.

Um alvará do príncipe D. Jorge, filho de D. João II, grão-mestre da ordem de Santiago, de que possuímos uma copia, dado em Setubal aos 12 de abril de 1514, relativo a este facto, lembra aos povos das aldeias da Moita, Lavradio e Barreiro, a obrigação «*que dota de tanto tempo que a memoria dos homens não é mcontrario*» de assistir annualmente a uma solemnidade que ainda hoje

tem lugar em Alhos Vedros, no domingo de Ramos.

Um outro alvará, de que igualmente conservamos um traslado, com quanto mais moderno, pois é firmado por el rei D. João VI em Lisboa no anno de 1821, determina precisamente a data d'essa obrigação, pois lembra aos mesmos povos o cumprimento do voto *feito em 1147*.

E assim fica demonstrada, se não por monumentos architectonicos, pelo menos por authenticos documentos escriptos, a antiguidade d'esta villa, por muitos posta em duvida.

O vernaculo historiographo Alexandre Herculano, tambem indirectamente se encarregou de nos demonstrar a importancia d'esta villa nos tempos idos, quando

Não são bem conhecidas quaes as verdadeiras causas da opulencia em que esta villa se encontrava ainda em 1571, nem qual a metamorphose que a fez decair por tal forma que hoje nada alli se encontra que prove a sua antiguidade.

Todas as suas actuaes construcções, mesmo as mais antigas, não vão além do seculo findo, com excepção da Misericordia da villa, cuja fundação, sem receio de erro apreciavel, fixamos no ultimo quartel do seculo xv, e da ermida de Santa Barbara que, pelo auto da sua fundação que temos em nosso poder, se prova foi edificada em junho de 1604.

N'uma fertil planicie, saudavel e lavada pelo norte, se



BARREIRO — Verderena

entregou á publicidade um notavel pergaminho existente em Roma, na bibliotheca vaticana, referente á viagem do cardeal Alexandrino, sobrinho do papa Pio V que, por ordem d'este, visitou Portugal, passando n'essa occasião no Barreiro, onde pernitoou n'um dos primeiros dias de dezembro do anno de 1571.

N'esse documento se lê «pela volta da noite chegámos ao Barreiro, *bella villa* de tresentos fogos. Apeano-nos á porta d'uma boa casaria, onde móra o alcaide e onde os reis costumam receber as rainhas quando casam em Castella, ou outros muitos personagens que por ani passam.»

Apesar do cardeal ter visitado primeiramente as côrtes de França e Hespanha, referindo-se á casa do alcaide do Barreiro, diz: *tivemos uma cea magnifica e melhor que todas as que até ahí tiveramos, sendo servida por trinta mancebos fidalgos, e em riquissima baixella d'ouro e prata.*»

Citados estes documentos, que bem evidenciam a antiguidade e alta importancia do Barreiro em epochas remotas, e pois que tanto nos escasseia o tempo e o espaço, não nos demoraremos com a parte historica d'esta villa, procurando apenas informar os nossos leitores do que ella é na actualidade.

extende esta villa ao longo do Tejo, formando uma das melhores e mais procuradas praias ao sul da capital.

A sua situação topographica torna-a por assim dizer a chave de todo o movimento commercial do Alemtejo, especialmente depois que em 1854 começou a construcção do caminho de ferro, que foi nos tempos modernos e ainda hoje é, a *alma mater* d'aquella povoação.

O estabelecimento das suas officinas de grande reparação do material trouxeram a esta villa muitas centenas de operarios que n'ella se fixaram definitivamente e, consequencia ainda do mesmo caminho de ferro, aqui se teem installado grande numero de importantes fabricas, especialmente de preparação de cortiça, que lhe dão um movimento commercial e industrial de primeira importancia, sendo ainda digna de registrar-se a exportação de productos agricolas, nomeadamente uvas, batatas e vinho, que é de primeira qualidade em todo o concelho, podendo competir com os melhores do paiz.

A industria da pesca, exercida especialmente nas aguas da barra, comquanto em decadencia, é ainda importantissima, pois que o abundante mercado de Lisboa é na sua quasi totalidade abastecido pelos barcos do Barreiro e Seixal.

Nos ultimos cincoenta annos, materialmente, o Bar-



**BARREIRO**

Estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste (edifício novo)

reio tem progredido de maneira assombrosa, possuindo hoje boas ruas, espaçosas e bem calçadas, orladas de prédios elegantes.

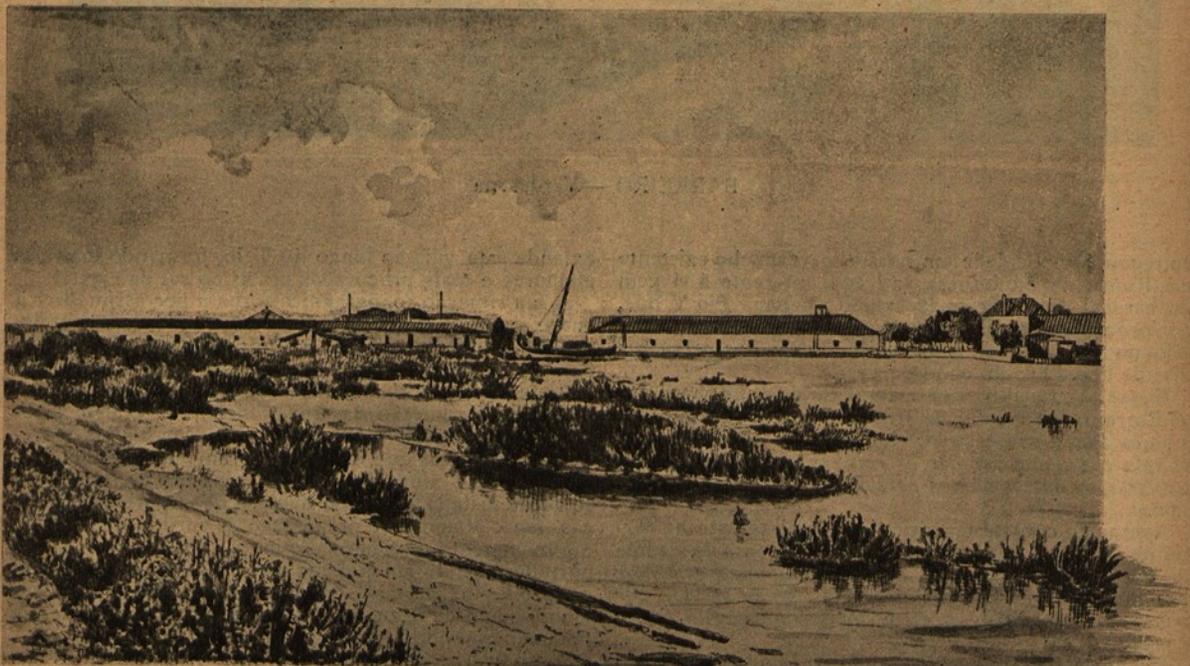
Os suburbios da villa, ligados a esta por magnificas estradas modernas, são muito pittorescos e agradaveis e por essa causa muito procurados por innumeradas familias do Alemtejo e da capital, que para alli vão passar a estação calmosa.

A sua praia é sem duvida um dos maiores attractivos que o Barreiro possui, e se fosse um pouco mais cuidada e a dotassem com uma muralha em toda a sua extensão, melhoramento este que pela força das circumstancias

se ha de fatalmente impôr, n'um periodo não muito distante, o Barreiro poderia tornar-se rapidamente uma villa de primeira ordem.

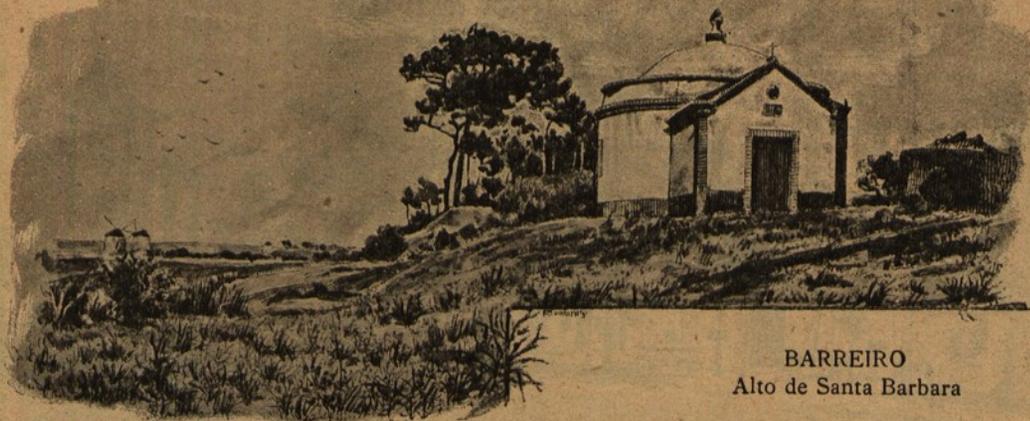
Esta praia, a mais procurada de quantas existem ao sul do Tejo, podendo rivalisar com muitas que são reputadas das melhores do paiz, é vasta, completamente plana e recta, de fina areia branca e sem uma unica pedra que em qualquer momento possa servir de embarço á navegação.

É banhada pelas aguas do Oceano que penetrando impavidas pelo largo canal da barra, formam o monumental porto de Lisboa, enchendo esta formosa bahia que ba-



**BARREIRO**

Fabrica de cortiças de Braamcamp



BARREIRO  
Alto de Santa Barbara

nha o Barreiro e onde vêm turvar-se as crystallinas aguas do Tejo.

E' deslumbrante o esplendido panorama que se desfructa d'esta praia e que não tem a mais pequena analogia com a de nenhuma outra do nosso paiz.

D'um e d'outro lado, á direita e á esquerda, apparecem mais ou menos, por entre montes e extensas planicies verdejantes, um sem numero de casas apinhadas áquem e além, formando outras tantas povoações de maior ou menor importancia; d'um lado se vê o Seixal, Cova da Piedade, Almada, Cacilhas, etc.; do outro o Lavradio, Aldegallega, Alcochete e outras povoações; á esquerda as bem cuidadas quintas reaes da Amora e do Alfeite com os seus palacios, á direita os pinhaes cerrados do Montijo.

Ao fundo, fechando o quadro, a altiva cidade de Lisboa a mais formosa entre as cidades do mundo, como lhe chamou Alexandre Herculano, com os seus palacios, torres e zimbórios, erguendo-se á maneira de Roma, orgulhosa e impavida sobre as suas bellas collinas, ladeadas por innumerables povoações que se descortinam desde Villa Franca até Cintra.

Extendido de permeio fica o aurifero e velho Tejo de outras eras, que viu partir as frota para a India e tantas vezes presenciou a chegada das naus de ouro do Brazil, agora tão

humilde e socegado, servindo de espelho a tão pittorescas e encantadoras margens.

A cada instante se vêem sulcar, em differentes rumos, centenares de barcos de todos os tamanhos e construcções, erguendo alvas velas de diversas fórmãs e feitios, ou correndo pressurosos d'um para outro lado, lançando no espaço espiraes de fumo, outras vezes fazendo echoar no tympano o troar dos seus canhões de guerra, em signal de regosijo ou commemoração d'algun factio importante.

Politicamente, o Barreiro é cabeça de concelho e séde de um julgado municipal; pela reforma concelhia decretada pelo ministerio transacto, em que foram extinctos os concelhos da Moita e Seixal, o do Barreiro foi muito augmentado, pois recebeu do primeiro a freguezia de Alhos Vedros e do segundo as do Seixal, Arrentella e Aldeia de Paio Pires.



BARREIRO — Egreja de Nossa Senhora do Rosario



BARREIRO — Igreja de Santa Cruz, repartição de fazenda e tribunal

O actual governo, restaurando os dois concelhos extintos, prestou um grande serviço ao do Barreiro, libertou-o da annexação das freguezias do Seixal, que poucas ou nenhuma vantagem lhe trouxeram e que estavam oneradas com o pesado encargo de um deficit de algumas dezenas de contos de réis, que eram pagas por todo o concelho, cuja maior parte não tinha utilizado sequer um ceitel d'essa importante verba. E fazendo voltar para a Moita a antiquissima villa de Alhos Vedros, ficou comtudo pertencendo ao Barreiro o antigo e historico logar da Telha que, por uma anomalia inexplicavel, desde muitos annos, apesar de perfeitamente engravado no concelho do Barreiro, lhe não perencia, resultando o ser impossivel percorrer todo o concelho sem se sahir fóra d'elle.

Ao mal foi applicado remedio e ainda bem que assim succedeu.

O concelho do Barreiro, tal qual se encontra actualmente, tem excepçoes elementos de vida, excellentes receitas com que fazer face a todas as suas despesas e ainda para, com prudencia, sem grande auxilio do poder central, ir realisando os importantes melhoramentos publicos de que carece; assim os seus habitantes se compentrem bem dos seus deveres.

Dentro do concelho e a pequena distancia da sua séde ficam as ruinas do convento de Palhaes, hoje propriedade do ministerio da marinha, votado ao mais completo ostracismo, facto deveras censuravel, pois que este mosteiro encerra preciosas recordações historicas de que o Barreiro se devia ufanar, não só por ter sido fundado pelo veneravel santo Fr. Pedro d'Alcantara, que n'elle por muito tempo conservou a sua cella, senão porque o padroado d'este mosteiro pertenceu sempre aos descendentes do heroico navegador o grande Vasco da Gama; n'este mosteiro tiveram os marquezes de Niza e condes da Vidigueira por muitos annos o seu mausoleu, que hoje se encontra sacrilegamente profanado, vendose de envolta com o entulho, e abraçados apenas pelas plantas damninhas, os ossos de muitos dos nobres parentes do primeiro navegador portuguez que, com as suas descobertas e conquistas, encheu de assombro todo o universo, e a quem, no presente momento historico, todo o paiz, como varias nações estrangeiras, se preparam para fazer-lhe a apothese, commemorando o centenário de um dos seus mais gloriosos feitos.

Este mosteiro foi fundado em 1542 e não em 1601, como erradamente o affirma João Baptista de Castro no sua *mapa de Portugal*, erro grosseiro que lhe daria uma existencia posterior á de um outro convento, o da Verderena, tambem existente n'este concelho, quando é certo que este foi construido quarenta e nove annos depois d'aquelle, em 1591, no intuito de substituir o de Palhaes, ideia que não proseguiu, consequencia dos vehementes protestos e alta influencia do seu padroeiro, D. Vasco Luiz da Gama, resultando ficarem existindo as duas casas religiosas.

O mosteiro da Verderena, que actualmente constitue vivenda particular do nosso amigo o ex.<sup>mo</sup> conselheiro Augusto Gomez d'Araujo, conserva se perfeitamente cuidado, bem como a cerca annexa.

Tanto este mosteiro como a Misericordia da villa, uma das primeiras creadas no nosso paiz, mas que desgraçadamente hoje se acha votada ao mais completo e até criminoso desleixo e abandono, devem especialmente a sua existencia á nobre e opulenta familia Azambuja, a que pertencia a illustre dama, D. Francisca d'Azambuja, que habitava n'esta villa o seu magnifico palacio de que hoje não resta o menor vestigio.

D. Francisca d'Azambuja falleceu no Barreiro em 22 de janeiro de 1621, e não a 22 d'outubro, como tambem erradamente se affirma na *Chronica da Provincia da Arrabiã*.

Era senhora de extraordinaria fortuna, que em grande parte legou ao mosteiro da Verderena e misericordia do Barreiro, mas todos esses grandes rendimentos por ella doados desapareceram já, mercê da voragem dos tempos e das desmedidas e criminosas ambições humanas.

Foi casada com Alvaro Mendes de Vasconcellos, que succubiu na maldadada batalha de Alcacer-Kibir, pelejando contra os mouros, ao lado de el-rei D. Sebastião, essa creança desvairada e louca que os destinos fizeram sentar no throno de Affonso Henriques e do Mestre d'Aviz e que, deixando o paiz exausto de homens e de recursos, foi ao seio da moirama, nos desertos ardentes da Africa, talhar a grande mortalha em que, pouco depois, o imbecil Cardeal-Rei envolvia a patria dos heroes de Ourique e Aljubarrota, enquanto Camões, agonizante, exhalava n'um leito de miseria os ultimos gemidos, lastimando a desventura da «ditosa patria sua amada.»

J. A. PIMENTA.

# DEUSDADA

(NOVELLA)

A minha querida amiga Eugenia de Castro e Almeida

I

ERA n'uma triste e fria manhã de março, os principios da primavera apenas se mostravam por pequeninas folhas de que se guarneciam as arvores. Principiava a amanhecer; cahia uma chuva miuda e penetrante. Nem uma janella, nem uma porta se tinha ainda aberto na unica rua de L... , pequena aldeia d'esta provincia, que em outro tempo se chamara Champagne-Pouilleuse. Os habitantes não pareciam apressados a



... e sahiu seguida pela velha cega...

abandonar as doçuras d'um somno que os descansava dos rudes trabalhos da vespera.

Só uma familia velava no fundo d'um misero e lugubre casebre cuja mobilia consistia em uma pouca de palha. Compunha-se esta familia d'uma mulher velha e cega, d'uma outra que poderia ter trinta annos de idade; d'um rapazito de cinco annos e d'uma pequerrucha de 6 a 7 mezes. A longa doença e a prematura morte do seu chefe tinham reduzido aquellas infelizes ao estado de miseria em que a encontramos.

Desapiedados credores tinham feito vender os moveis, o senhorio tinha declarado que não podia alojar por mais tempo arrendatarios insolentes, e os quatro desgraçados, que pareciam antes espectros do que seres humanos, dispunham-se a partir, não sabendo com que matariam a fome durante a viagem nem sobre que pedra descansariam a cabeça quando a noite chegasse.

— Para que servem as lagrimas? Não servem senão para nos tirar as forças para caminhar, disse de repente a mãe dos dois innocentes, com voz breve e sumida.

Levantou-se, atou a filhinha aos hombros por meio d'um velho chale, tomou o pequenino pela mão e sahiu, seguida pela velha cega, que já extendia as mãos supplicantes, no meio da rua deserta, como para se exercitar a mendigar, unico recurso que a esperava no futuro.

Depois de meia hora de caminho precipitado, e quando se julgou sufficientemente afastada da aldeia natal, esta atribulada familia parou e sentou-se na margem d'um dos fossos da estrada, para retomar a respiração e dar descanso ás pernas do rapazito.

Defronte do fosso encontrava-se uma casinha cujo aspecto risonho e aceio exterior, levava a pensar que inte-

riormente reinava a felicidade e o conforto. Com os olhos fixos sobre esta casa ainda fechada e silenciosa, a mãe das duas creanças cahiu n'um profundo devaneio; em seguida, tendo desatado o chale que ligava a filhinha aos hombros, collocou-a nos joelhos e apresentou-lhe o seio. Ah! a falta do sustento tinha-lhe exgotado o leite; e a creança enganada nos seus esforços e na sua espera, soltou um grito repellindo o seio. Ninguém poderia explicar a expressão de desespero que veiu então entristecer o olhar da pobre mãe. Levando segunda vez os olhos sobre a casinha, apoderou-se d'ella uma repentina inspiração, embrulhou no chale a pequenina, que havia adormecido com fraqueza, foi collocar sobre o humbral este precioso fardo, ergueu para o ceu um fervente olhar de supplica, e foi se embora, dando uma das mãos ao rapazinho e outra á velha cega.

II

Não se tinham ainda passado dois minutos, quando se abriu a porta verde da casinha. Uma joven, cujas feições e frescura estavam em perfeita harmonia com as vinte primaveras que poderia contar, deitou a cabeça de fóra, como para certificar-se do tempo que fazia, e soltou um grito de surpresa.

Este grito fez correr o seu esposo, um bello mancebo de vinte e cinco a vinte e oito annos.

— O que é isso, Luiza? perguntou com voz inquieta.

— Olha, Marcello, e apresentou-lhe a pequerrucha livre do chale que a embrulhava.

— Que bonita creancinha! não é? A quem pertencerá ella?

— Ai! certamente, a quem Deus inspirou o bom pensamento de tomar cuidado n'ella. Acabo de a encontrar abandonada á entrada da nossa porta. Ha mães tão deshumanas, ou antes tão infelizes! Uma extrema miseria pôde, pensa bem, decidir uma mãe a entregar assim o seu filho ao acaso d'um movimento caritativo.

— Dizes bem, mas que havemos de fazer d'esta pobre abandonada?

— O que a mãe esperou de nós quando a collocou sobre esta pedra... O teu coração não sente o mesmo?

— Mas não somos ricos, disse Marcello.

— Tambem não somos pobres, replicou Luiza; além d'isso, somos novos, temos saude e o trabalho não nos mette medo.

— Isso é verdade... mas não temos ainda, meu Deus! renunciado á esperanza de termos um filho. Se tivéssemos um filho, Luiza?

— Esta creança seria sua irmã, sua amiga.

— Pensa tambem nos trabalhos que poderás ter.

— Qualquer que seja o numero de filhos que Deus dá



— Olha, Marcello, olha...

a uma mãe, ella encontra sempre nas ternuras do seu coração uma mananca sufficiente d'energia para cumprir a sua obrigação. Compreendendo que vês em adoptar esta pobresinha, a causa continua d'um augmento de trabalho que te assoberba.

— Oh! respondeu vivamente Marcello, estou certo que não ha de ser isso que te inquietará.

E, arregaçando as mangas da camisa, apresentou aos olhos de sua mulher dois braços musculosos.

— Eis aqui o que é duro e ingastavel como o aço, proseguiu. Estes braços pódem ganhar para o sustento de vinte creanças.

— Bom Marcello! sou feliz e orgulhosa por ser tua mulher.

— E eu, de ser marido d'um anjo como a minha Luiza!

— Então adoptamos a menina?

— Pois sim.

— Olha Marcello, olha; como ella estende os bracos e sorri para ti a agradecer-te essa boa palavra.

— Como lhe chamaremos?

— Se te agradar, dar-lhe-hemos o nome de Deusdada; não nos veiu ella de Deus?

Luiza collocou a creança nos braços de Marcello e correu á arribana, onde ordenhou para Deusdada do leite da melhor das suas vacas.

### III

Assim passaram dezeseis annos, sem que Luiza e Marcello tivessem filhos, mas em recompensa o seu affecto por Deusdada era tão intenso, tão dedicado e tão vivo, que justificavam inteiramente os doces titulos de pae e mãe que lhes dava a filhinha.

O nosso caridoso par, afim de atalhar a todos os comentarios e reflexões das comadres visinhas, tinha, desde o principio, respondido ás perguntas indiscretas, dizendo que Deusdada era filha d'um parente e que tinha sido confiada por elle ao partir para uma longa viagem, d'onde nunca voltara: Deusdada julgava, pois, ser parenta dos seus bemfeitores, o que a tornava não só mais expansiva na manifestação dos seus sentimentos a seu respeito, mas tambem quando lhe acontecia formar algum voto muito mais tímida seria se conhecesse a verdade.

Deusdada, notavel pela belleza das suas feições e pela graça natural de toda a sua pessoa, não o era menos pela nobreza e generosidade da sua alma.

Uma tarde dirigiu-se á igreja, para agradecer a Deus o ter melhorado sua mãe adoptiva, que a febre tinha, durante muitos mezes, prostrado no leito. Emquanto se entregava a todas as ferventes acções de reconhecimento, ouviu a alguns passos d'ella uns suspiros abafados.

Ao clarão da lampada que ardia ante o altar, distinguio uma pessoa vestida com o costume ordinario das raparigas aldeãs do paiz; conservava-se de pé, com as mãos sobre as costas da cadeira, e parecia cahida n'uma profunda prostração. Esta pessoa, julgada pela sua attitude, e pelos seus suspiros, devia estar tomada d'um grande desgosto. Pareceu ao fim d'algum tempo fazer appello a todas as suas forças, e dirigiu-se para a porta da igreja, mas voltou para traz, e foi ajoelhar-se á entrada da sacristia e curvou-se para a terra. Deusdada julgou ouvir um beijo seguido de novos soluços. Por fim a mulher levantou-se e sahio do logar santo precipitadamente.

Levada por um natural impulso de curiosidade, Deusdada, depois de acabar a sua oração, passou deante da sacristia. Oh surpresa! Nas escadas da sacristia estava um berço com um recém-nascido. Deusdada, sem tomar tempo de deliberar, apoderou-se do berço e levou o aos pés dos seus paes adoptivos: «Permitti que eu trabalhe a mais duas horas cada dia, disse ella com o rosto radiante de inspiração; é quanto me basta para occorrer ás necessidades d'esta innocente creatura.»

### IV

Deusdada cumpriu o que dissera. Dextra costureira, tinha a clientela mais numerosa e importante do paiz.



...conservava-se de pé...

Além d'isso, nem o trabalho lhe faltou para empregar por dia duas horas supplementares, nem tambem a coragem. Retribuia, sem o saber, o que lhe fôra em outro tempo feito. Tinha mesmo tanto entusiasmo e parecia tão feliz, que esse papel de mãe da orphã poderia passar n'ella como resultado de uma vocação real.

Fez voto de recolher todas as creanças abandonadas que d'alli em deante encontrasse na rua. «Se o seu numero dizia ella ultrapassar os nossos meios, irei bater ás portas dos ricos, cercada de todos os meus anjinhos, e estou certa que muito poucos recusarão abril-as.

Deusdada tem hoje 25 annos. E' um espectáculo encantador, vel-a rodeada dos seus pequerruchos, que são actualmente em numero de tres, a prodigalisar-lhes mil cuidados, nos quaes toma parte a boa Luiza. Algumas vezes Marcello diverte-se com elles, fazendo-os saltar nos joelhos como se fossem seus filhos.

Quando alguém pergunta a Deusdada porque não pensa em casar-se, ella responde, rindo: «E' para não dar um padrao aos meus filhos»

Trad.

MARIA ISABEL VALLE E SOUSA.

## NUANCES

Na noite luminosa d'esse olhar  
Existe o quer que seja de bemdito,  
Que me extasia o coração constricto  
E que me faz sorrir e confiar...

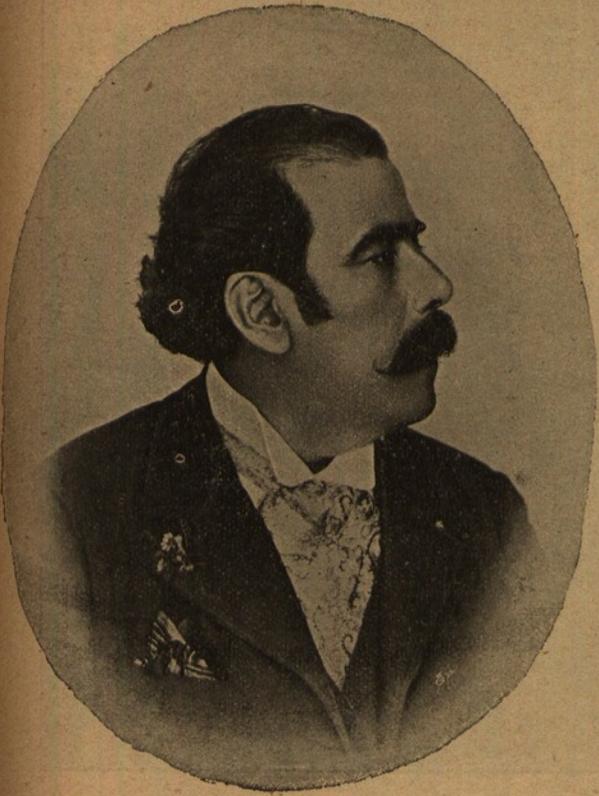
E se me foges, penso: Uma illusão,  
O seu amor, o amor que lhe diviso...  
Engana-se o meu doido coração!

Mas depois... vem-me á mente esse sorriso  
Que te transforma o olhar em um vulcão...  
E volta a fé, Maria... o Paraizo!...

Comtudo, meiga flor, anjo sem par!  
Todas as vezes, sempre que te fito,  
Verga-me a fronte como a um precito,  
E sinto-me pequeno p'ra te amar...

BERNARDO DE PASSOS JUNIOR.

# FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA



EDUARDO COSTA

**E**DUARDO Costa é um sympathico industrial que, por si só, percorrendo com os seus botões e pensando que a materia prima é a condição essencial para se fazer alguma coisa, lançou mãos á obra e appareceu nos um bello dia com uma linda fabrica de bolachas, a primeira no genero que temos em Portugal.

Farinha, assucar, manteiga e ovos — ahí está a formula. E eil-o batalhando, elle só em campo, tirando d'estes quatro generos uma radiosa constellação de bolachas de todos os feitios e sabores, inventando modelos, sonhando com a perfeição dos seus productos, n'uma preocupação constante de melhora e conseguindo, ao cabo de alguns annos, uma feliz nomeada — coisa muito de regalar o seu orgulho de fabricante — mas, além d'isso, os proventos do seu trabalho — coisa tambem de apreciar na sua devida conta.

Visitei o outro dia a fabrica, d'alto a baixo, desde o pittoresco escriptorio, forrado a rotulos de caixas n'uma bella disposição de côres, até aos armazens onde se arrumam as latas velhas e as barricas. São uns poucos de andares que trepam do Aterro até á traves-

sa dos Brunos, na Pampulha. No alto fica a casa de moradia de Eduardo Costa, uma vivenda deliciosa, d'onde se descobre um horisonte largo e cheio de luz — as montanhas azuladas da Outra Banda, a Torre do Bugio, perdida no meio do mar, o palacio da Ajuda no cimo de uma encosta cheia de arvores, toda a vastidão do Tejo coalhada de barcos.

Mas a fabrica ! A delicia da farinha branca empoando as largas folhas de massa, grossas como baeta, macias como seda, e comprimida nos cylindros até se adelgaçar como uma mortalha de cigarro ! Já repararam como em tudo ha symphonia ? Esta da farinha é uma das mais encantadoras. Branqueando tudo, como a neve que cae em flocos, cantando a ballada da pureza, n'uma castidade virgem, ella passa de transformação em transformação, amassada aqui com a amarella doirada dos ovos e a fresca manteiga, sahindo acolá, perfumada e quente, dos grandes fornos, appetitosa como um morango em julho . . .

. . . Mas façamos a historia d'este arrojio em competir com o que melhor no genero nos vinha lá de fóra.

Foi em 1872 que Eduardo Costa principiou a lutar para acostumar o nosso paladar á bolacha genuinamente nacional. O bello tempo da bolacha D. Luiz, com que os nossos avós se regalavam ao chá, havia passado. Urgia fazer innovações, inventar modelos, tornar a massa maleavel e saborosa, aromal a com essencias que não fossem de drogaria, nocivas e perigosas. Da fabrica da Pampulha, a esse tempo ainda em embryão, com machinas arrastadas e morosas na producção, começaram a sahir as primeiras latas da primeira bolacha portugueza, em competencia com a ingleza, consumida pela gente remediada e vendida cara.

Foi uma revolução. A Pampulha orgulhou-se de ter no seu seio uma fabrica que lhe dava nome. E ahí temos Eduardo Costa já conhecido no seu bairro, alargando a sua fama por todo o Portugal e estabelecendo, nos ultimos annos, uma filial no Porto, dirigida pelo sr. Elysió Pereira do Valle, com séde na rua do Almada. De então



PESSOAL DA FABRICA



SECÇÃO DA ESCOLHA E COLLOCAÇÃO NAS LATAS

para cá, cada anno conta-se por aperfeiçoamentos no fabrico da bolacha; e hoje, toda a gente prefere nos estabelecimentos a *bolacha da Pampulha*.

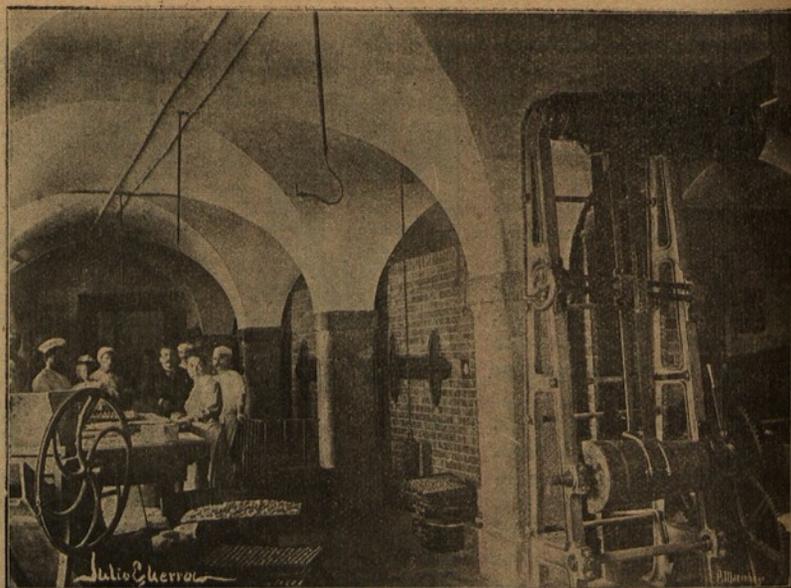
Tudo está methodicamente installado na fabrica. As carroças que levam a farinha entram pelo portão que dá para o Aterro; ao fundo de um corredor sem tecto, ha um elevador que transporta as mercadorias até ao terceiro pavimento (secção da preparação de massas), depois ao quarto (machinas de cortar e fornos) e por fim ao quinto (escolha e collocação em latas).

Como este quinto andar fica ao rez da travessa dos Brunos, d'ahi sahem com a maxima facilidade as latas para os carros especiaes da fabrica, que as levam aos estabelecimentos e ao deposito da rua dos Retrozeiros, estações de caminhos de ferro e vapores.

Como se vê, tudo está previsto, e a construcção do edificio, pertencente todo a Eduardo Costa, obedeceu a este principio de ordem e de methodo.

A fabrica abre ás 7 horas da manhã. Emprega 21 mulheres e 31 homens. Diariamente produz 600 kilos de bolacha e ex-

porta de 25:000 a 30:000 kilos por mez para a Africa, Brazil e India. A especialidade da casa é a *bolacha Maria*, da Pampulha, que tem um consumo extraordinario. Entre outras qualidades, notamos a *bolacha Santo Antonio*, *Taborda*, *Mousinho*, *Sans-Gêne*, *D. Henrique* (feita por occasião do centenario Henriquino), *Ta-*



MACHINAS DE CORTAR E FORNOS

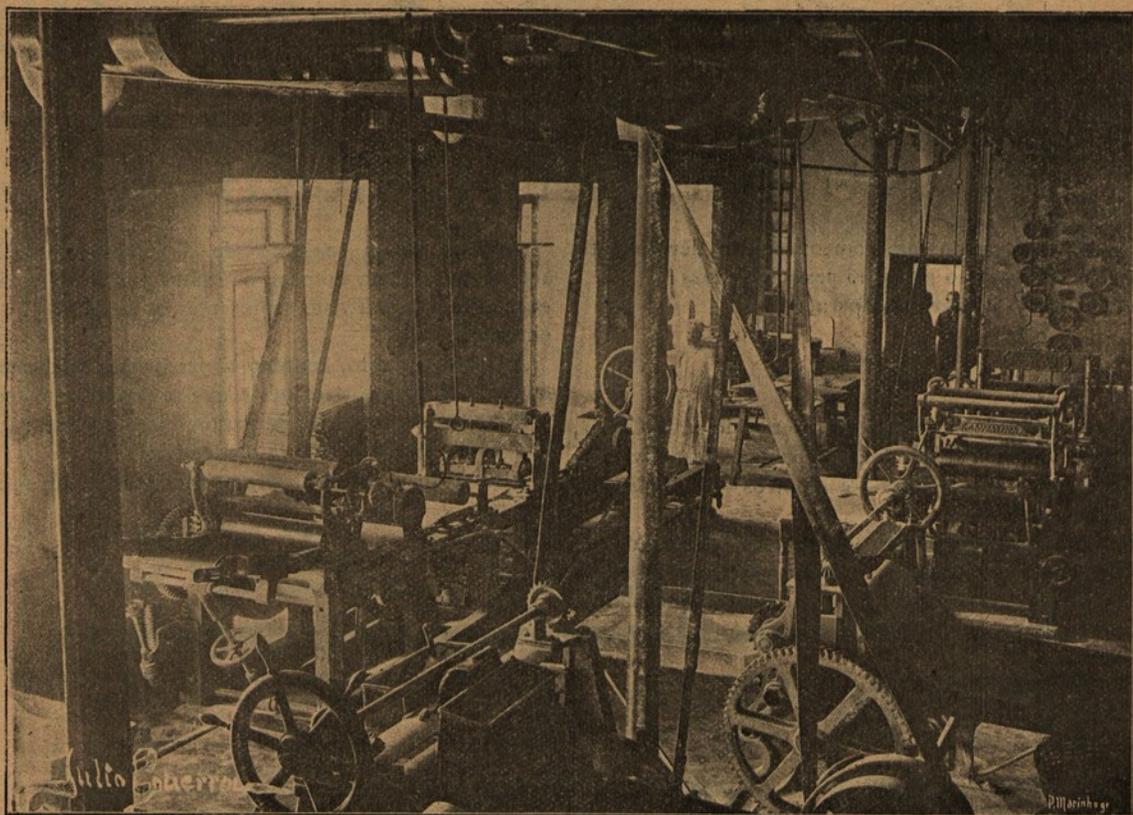
*pioça, Chinezã, Conversação, Sellos, Condecorações, Salame, Jogo de damas, Carnavalescos, Champagne, Peixes, Baunilha, Flores e amores, e Non parcil.*

Actualmente produz 300 e tantas qualidades de bolachas e biscoitos. A bolacha em alto relevo foi iniciada em Portugal por Eduardo Costa. Ainda hoje é a Inglaterra que tem a primazia no fabrico da bolacha. Abaixo, mas n'um grau muito mais inferior, vêm a França e a Alemanha. Portugal pôde considerar se agora o segundo paiz da Europa, onde a bolacha é mais bem feita e melhor.

Além dos operarios propriamente ditos, que trabalham

maturgo, enviando-lhe esse saboroso producto de sua lavra.

Tive occasião, na minha visita á fabrica, que me foi gentilmente mostrada por Eduardo Costa, de vêr como tudo é aciadamente feito e como o trabalho está bem distribuido pelos operarios e pelas operarias, que vestem com summa limpeza e tem os cabellos atados n'um mó-lho, sob lenços de ramagens, o que lhes dá um ar de creadas de compras, estrangeiras. Estas são unicamente para serviços de ajuda aos homens — como empoeirar de farinha as massas já dispostas em fôrmas, — e para o encaixotamento e floreamento das bolachas. Este florea-



SECÇÃO DA PREPARAÇÃO DE MASSAS

no fabrico, tem Eduardo Costa 4 empregados no escriptorio, dos quaes é chefe seu irmão, um cavalheiro delicadissimo e um caracter direito. No deposito tem 2, no Porto 2 e 3 caixeiros viajantes, que percorrem o paiz de sul a norte, expondo nos estabelecimentos os productos da fabrica e promovendo diligentemente a sua venda.

Quando foi o centenário do marquez de Pombal, a comissão esteve indecisa sobre a maneira como se havia de fazer representar a industria no cortejo. Eduardo Costa prometteu então que elle, só por si, se encarregaria d'isso. E apesar de se ter feito depois o carro da Industria, o que elle tinha imaginado e mandado fazer sob as suas vistas, tambem figurou no cortejo, porque o merecia, de tal modo era original e bonito.

Ha pouco tempo ainda, Eduardo Costa recebeu uma carta amabilissima de Victorien Sardou, pedindo-lhe uma amostra das suas magnificas bolachas *Sans-Gêne*. O sympathico industrial satisfez logo o pedido do grande dra-

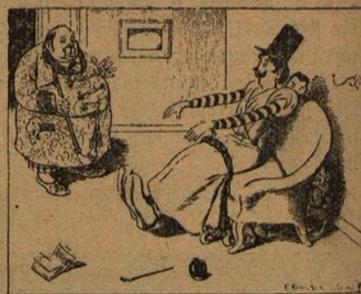
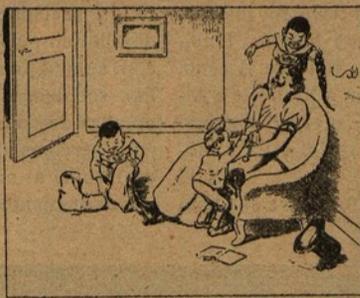
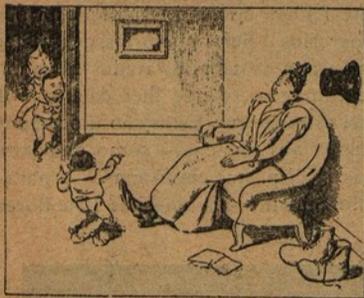
mento é feito com grande rapidez e perfeição, com tubos de borracha; as essencias que servem para isto são exclusivamente vegetaes, não prejudicando nem arruinando o organismo.

O systema de machinas é o que ha de mais moderno no genero e os fornos são giratorios, o que permite graduar o calor conforme as massas levam mais ou menos tempo a cozer. Uma das machinas corta de 5:000 a 6:000 bolachas por minuto.

Acabada esta descripção, escripta sobre o joelho, resta-me o dever de agradecer a Eduardo Costa a amabilidade com que me recebeu, prestando-se da melhor vontade a acompanhar-me por toda a sua linda fabrica, d'onde sahi admirado de vêr como, apesar de tamanha perseverança e intelligencia, elle conseguiu fazer tanto n'um paiz como o nosso, tão pouco dado a proteger o que se faz em nossa casa.

José SARMENTO.

# UMA TRANSFORMAÇÃO



## COISAS ALEGRES

Qual o caso em que um homem sensato, deve effectivamente oppôr-se ao n.º de 13 pessoas á meza?

— Quando o jantar fôr só para 12.

\* \* \*

Por ocasião das festas do casamento do sr. D. Carlos, a policia afixou n'alguns logares publicos, este aviso — *Prenez garde aux voleurs* — e n'outros — *Cuidado com as algibeiras*.

Um dos correspondentes de jornaes francezes, que vieram então a Lisboa, escrevia em uma correspondencia: «Quanto á lingua portugueza sómente fiquei sabendo, que *prenez garde*, quer dizer *cuidado*, e *voleurs*, *algibeiras*».

Ficou sabendo pouco, mas bem.

\* \* \*

Ha vinte e tantos annos, andava por Lisboa, um homem do povo, grande finorio, com um *tuti-le munti* barato (10 réis por espectador). Esse sujeito, dispunha d'uma graça original, toda sua, que fatalmente provocava o riso, pelo imprevisto. Recordamo-nos d'elle, ao puchar o cordel de certa estampa, annunciando a, com voz poderosa e forte, n'estes termos:

— Agora, meus senhores, se vae ver aquella, que depois de morta foi assassinada. Lá está ella, lá se vê ao fundo o cadavel da grande Ignez de Castro, assentada n'um rico throno, forrado a papel. Ao lado tem duas aias, uma tocando cavaquinho e a outra lendo o Diário de Noticias. Grande coisa!

\* \* \*

O coronel d'um regimento de Lisboa, tinha, assim como a sua familia, em muita estima uma praça do regimento — o Antonio, que fôra por muitos annos seu camarada, mas que tinha sido substituido quando chegou a velhote.

Então, o coronel fel-o cabo d'esquadra.

Um dia que o coronel tomou um camarote em S. Carlos, lembraram-se em familia de dizer ao Antonio que apparecesse por lá, no camarote, ás tantas horas.

Queriam vêr a sensação de deslumbramento, que aquillo faria n'um homem, que tinha passado a vida no quartel e só tinha visto representar os sargentos do regimento.

Ali pelo 2.º acto, Antonio appareceu, e deixaram-no entrar o bastante para vêr o que se passava em scena.

Quando cahiu o pano, perguntou-lhe o coronel:

— Então Antonio, que te parece isto?

— Elles, meu coronel, para paisanos, arranjam se menos mal.

H.

\* \* \*

Com uma indigestão adoece o padre cura, Quando sobre os jejuns nos vinha de prégar; E, n'um pulo, a ama Ignez vae ao segundo andar Pedir ao doutor X que o trate da fartura.

Receita: «— *Um pediluvio, e na temperatura de cem graus Fahrenheit. Deve-o manipular de oxido de hydrogenio, e deite no alguidar de Acido acetico, ou... sinapis da mais pura* —»

A Ignez manda á botica, e, n'essa occasião, Por mais que a Santo Antonio as orações consagre, Peora o cura e morre... á falta da loção!

Arrepela-se a Ignez... e a Deus pede um milagre Gritando: «Ai, que desgraça! e eu que só tinha á mão «Um tacho de agua quente e o pipó do vinagre!»

\*

No baile do marquez passeia um homem grado. Traz commenda, grã-cruz, e habitos dois ou tres. — Quem é aquelle heroe? pergunta um convidado. — Não sei! diz-lhe em resposta o pobre do marquez.

Chama o dono da casa o seu mordomo a um lado: — Quem é este senhor? — Não sei; porém talvez (Contesta-lhe o mordomo) o saiba algum criado. João! sabes quem seja esse homem que além vêes?

Mas o João não sabe, e, como em cesto roto, Cai a mesma pergunta endereçada a flux Ao trintanario Silva e ao capellão Peixoto.

Bate o marquez na testa; emfim achára a luz! Mas (ó caso imprevisto!) até nenhum garoto A' entrada conhecera o dono da grã-cruz!

CLAUDIO NUNES.

# SECÇÃO UTIL.

## RELOGIO-NIVEL

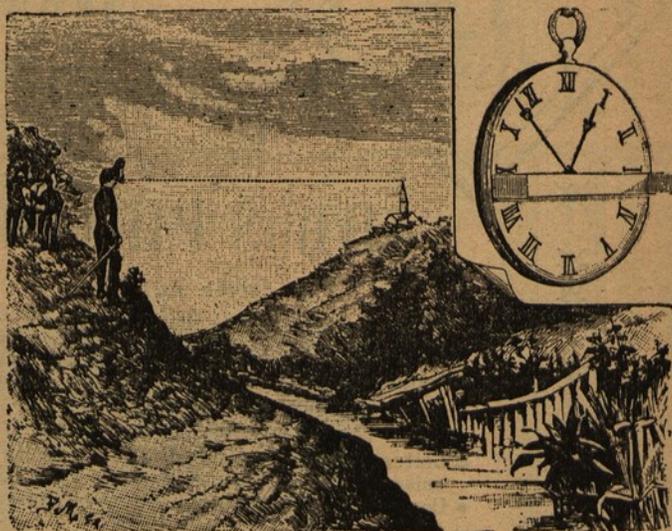
**P**ÓDE succeder que o official, o touriste, o engenheiro tenham necessidade, n'uma excursão ou n'uma vistoria, de estabelecer um nivelamento, isto é, determinar a differença de nivel existente entre dois pontos de terreno que percorrem. O official, por exemplo, deseja achar a differença entre a posição da bateria que occupa e a que deverá depois occupar.

Esta operação faz-se com muita exactidão com os instrumentos chamados *niveis*, de que existe um grande numero de typos; mas crêmos suppôr que não os temos n'esta occasião.

Póde-se, n'este caso, transformar o relógio n'um nivel bem exacto, pelo seguinte modo:

Tome-se uma tira de papel um pouco mais comprida que o diametro do relógio e dobre-se, em angulo recto, as duas extremidades. Pegue-se esta tira, com um pouco de saliva, sobre o vidro do relógio, de maneira que a linha superior da tira coincida com o diametro das horas: IX-III.

Quando o relógio estiver suspenso pela cadeia, o diametro das horas: XII-VI estará na direção do prumo, isto é, vertical, e as beiras das duas extremidades da tira dobradas em angulo recto determinarão um plano exactamente horizontal pelo qual, levantando o relógio á altura dos olhos, se pode fazer passar um raio visual, dando approximadamente a differença do



nivel que se proponha determinar. Prescinde-se, n'este caso, da prancheta dividida, chamada *mira*; e basta referir os diversos planos de nivel a arvores, a casas, a monumentos que estão proximos, de que se conheça a altura, ou cuja altura possa ser facilmente calculada.

# CORAÇÃO

# DOENTE

NOVO E ESPLENDIDO ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

1 Volume, brochado, 500 réis, encadernado, 700 réis.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

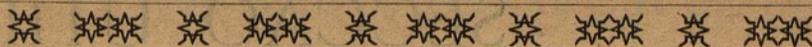
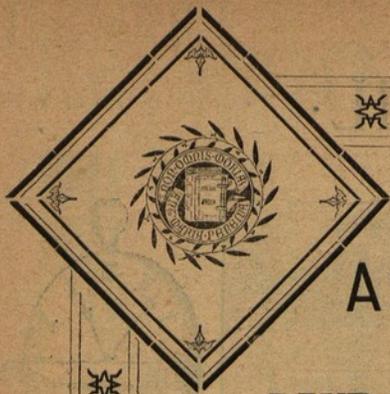
# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portuguesa.....	800 „	1\$600 „	3\$200 „
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis



LIVRARIA EDITORA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações especiaes de percaline

A 200 réis

\* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

A 240 réis

\* Leituras para a escola primaria, por Auguste José da Cunha, 1 vol.

A 360 réis

\* Leituras correntes e intuitivas e 1.<sup>a</sup> lições de coisas, por Travassos Lopes, (1.<sup>a</sup> parte), 1 vol.  
\* Contos da avózinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 400 réis

\* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 500 réis

\* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.  
Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

A 600 réis

Historia d'um palhaço, por Raul Brandão, 1 vol.  
A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

A 700 réis

Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.  
A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.  
A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.  
Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.  
A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.  
Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.  
A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.  
Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.  
Riso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.  
Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.  
Neste valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.  
Hygiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.  
Hygiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.  
Pelo mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.  
Tragedias da vida, rom. de João Salgado, 1 vol.  
Os noivos, rom. de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

A 800 réis

Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.  
Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
Morte de D. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.  
O Livro do Monte, pcesias de Bulhão Pato, 1 vol.  
\* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.

Diccionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.  
\* Litteratura Brasileira, estudo critico, seguido d'uma abundante collecção de prosas e versos

Os preços são por volume. As obras com o signal \* são illustradas.

dos mais notaveis escriptores brasileiros contemporaneos, por Valentim Magalhães, 1 vol.  
A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Poemas portuguezes, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Neblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.  
Moral para todos, por A. Franck, trad. 1 vol.  
Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

A 950 réis

O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.  
Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$000 réis

Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.  
\* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.  
\* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

A 1\$100 réis

A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.  
\* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

A 1\$250 réis

Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$300 réis

Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

A 1\$400 réis

Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

A 2\$000 réis

\* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito amplhada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

A 3\$200 réis

\* Paulo e Virginia, celebre rom. de Bernardin de Saint-Pierre, edição illustrada de grande luxo.  
\* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.  
\* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

A 3\$600 réis

\* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de Pinheiro Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

A 6\$750 réis

\* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.